



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CHAPECÓ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ROSE ANTONIETTI GOMES DE ALMEIDA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE**  
**ILUSTRAÇÕES NOS BLOGS EDUCACIONAIS**

**CHAPECÓ**

**2016**

**ROSE ANTONIETTI GOMES DE ALMEIDA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE  
ILUSTRAÇÕES NOS BLOGS EDUCACIONAIS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Neide Cardoso de Moura.

**CHAPECÓ**

**2016**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

### DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Almeida, Rose Antonietti Gomes de  
RELACIONES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE  
ILUSTRAÇÕES NOS BLOGS EDUCACIONAIS/ Rose Antonietti  
Gomes de Almeida. -- 2016.  
142 f.

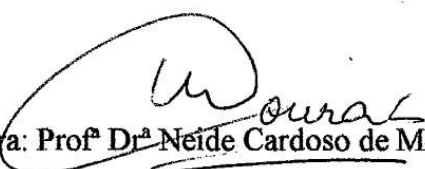
Orientadora: Neide Cardoso de Moura.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação  
(PPGE) , Chapecó, SC, 2016.

1. Blogs. 2. Relações de Gênero. 3. Educação  
Infantil. I. Moura, Neide Cardoso de, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**ROSE ANTONIETTI GOMES DE ALMEIDA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE  
ILUSTRAÇÕES NOS BLOGS EDUCACIONAIS**

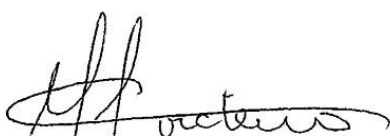
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em  
Educação, defendido em banca examinadora em 24/08/2016.


  
Orientadora: Profª Drª Neide Cardoso de Moura

Aprovado em: 24 / 08 / 2016

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof./Dr. Altair Favero – UPF

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Maria Helena Baptista Vilares Cordeiro – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Solange Maria Alves – UFFS

Chapecó/SC, agosto de 2016

Dedico a minha família pelo companheirismo,  
apoio e incentivo às minhas escolhas e por  
fazerem parte da minha história.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe e ao meu pai, por terem me proporcionado continuar os estudos e assim poder chegar até aqui.

À minha irmã pelo carinho e incentivo em todos os momentos.

Ao meu esposo Ori e a minha filha Rafaela, por compreenderem os diferentes momentos que vivenciei nesse processo de estudo e por estarem sempre ao meu lado acreditando e dando apoio e incentivo, incondicionalmente.

À Rosane pela amizade de longa data, pelo incentivo e companheirismo.

À Vanessa pela amizade, conversas, parceria e pelas atentas correções deste trabalho.

À Cirlei pela companhia, troca de informações, reclamações, indignações e discussões vividas no percurso desta pesquisa.

À Sílvia, Flávia T., Liane, Marcia C., Márcia L., Dilce, Natália e Flávia P., pela amizade, incentivo e inspiração.

Em especial, a minha orientadora professora Neide pelas atentas orientações, contribuições, disponibilidade, paciência e por me apresentar aos estudos de gênero.

Ao prof. Altair e à professora Maria Helena membros da banca de qualificação e defesa, meu sincero agradecimento e muito obrigada pelas suas contribuições.

Ao Grupo de Estudos de Gênero e Educação – UFFS e ao grupo de pesquisa em Desenvolvimento Humano, Cultura e Educação – UFFS, pela troca, pelo conhecimento, pela oportunidade, pela experiência, pela atenção e contribuições com este trabalho.

Às/Aos professores do PPGE da UFFS, pelo conhecimento compartilhado e pela contribuição com a minha carreira acadêmica. Aprendi muito, minha gratidão e respeito!

Às/aos colegas do curso que acreditam na educação e lutam para uma sociedade mais justa e igualitária.

Às professoras e gestoras dos Centros Municipais de Educação Infantil de Concórdia, pela atenção dispensada.

A todas e todos as/os profissionais que atuaram e atuam na Secretaria Municipal de Educação com os quais tive a oportunidade de conviver.

Enfim ... a todas e todos as/os amigos que acompanharam essa caminhada, torcendo pelo seu êxito.

"Quem não se movimenta não sente as  
correntes que o prendem".

Rosa Luxemburgo



## RESUMO

Esta dissertação apresenta o resultado de uma pesquisa que teve por objetivo explicitar se as ilustrações apresentadas nos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil transmitem sentidos sobre as diferenças de gênero que, podem contribuir para estabelecer e sustentar relações de dominação. Este recorte se fez necessário tendo em vista o avanço tecnológico e midiático nas últimas décadas, o qual facilitou o acesso à internet e, consequentemente, a informações em todas as áreas do conhecimento. Buscamos conhecer as imagens presentes nesses blogs por serem recursos didáticos e pedagógicos utilizados pelos professores na busca de atividades a serem aplicadas em sala de aula. Almejamos ser esta uma pesquisa atual e de relevância social, política e acadêmica, por se tratar de um tema recente nas pesquisas brasileiras. Esta pesquisa esteve amparada pelas teorias que abordam as relações de dominação; mediação da cultura moderna de John B. Thompson (2011), bem como em sua proposta metodológica da Hermenêutica de Profundidade (HP). Também nos apoiamos no estudo e na compreensão sobre as questões relativas ao gênero de Joan W. Scott (1995), com o intuito de apreender possíveis relações entre dominação e poder. A aproximação teórica entre Thompson e Scott se deve ao fato de compartilharem equivalentes propostas sociais e críticas. Com isso a pesquisa e análise empreendida proporcionaram revelar e desvelar os sentidos implícitos e explícitos, por meio das estratégias de naturalização e eternalização, veiculados por essas ilustrações. Salienta-se o fato de que nossa atenção esteve tanto voltada para as manifestações que revelam a sustentação, manutenção e reprodução dessas desigualdades como para os avanços e transformações em relação às questões de gênero. Nosso campo de estudos forneceu condições de observar avanços e permanências nas representações veiculadas por esse meio midiático e didático. Esses, entre outros fatos, nos remeteram para a importância dos estudos sobre gênero e mídia na formação inicial e continuada dos professores desde a primeira etapa da educação básica, ou seja, a educação infantil brasileira.

Palavras-chave: Blogs. Relações de gênero. Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

This paper presents the results of a research that aimed to explain if the illustrations presented in the educational blogs addressed to child education transmit meanings about gender inequality, can contribute to establish and sustain relations of domination. This cut was necessary in view of the technological and media developments in the past decades, which facilitated the access to the internet and, consequently to the information in all areas of knowledge. We seek to know the images present in these blogs as they are used as didactic and pedagogical resources used by teachers in the search of activities to be implemented in the classroom. We aim to be this current research with social relevance, political and academic, because it is a recent theme in Brazilian research. This research was supported by the theories that address the relations of domination, mediation of modern culture John B. Thompson (2011), as well as its methodological proposal of Depth Hermeneutics (HD). Also supported the study and understanding of issues relating to gender of Joan W. Scott (1995), in order to grasp their possible relationships between domination and power. The theoretical approach between Thompson and Scott is because they share similar social and critical proposals. With this, research and analysis undertaken provided reveal and unveil the implicit and explicit, through naturalization and eternalization strategies, conveyed by these illustrations. It is noted for the fact that our attention was so focused on the demonstrations that show support, maintenance and reproduction of these inequalities as to the progress and transformation in relation to gender issues. Our field studies provided conditions to observe progress and stays in the representations conveyed by this didactic and media means. These between others facts bring us to the importance of studies about gender and media in initial and continued teacher training from the first stage of basic education, that is, brazilian children's education.

**Keywords:** Blogs. Gender Relations. Child Education.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Temas gerais das publicações relacionadas a gênero .....	45
Quadro 02 – Categorias .....	55
Quadro 03 – Publicações da 3ª etapa da revisão de literatura.....	57
Quadro 04 – Grade analítica.....	82
Quadro 05 – Ilustrações do <i>corpus</i> de análise.....	86
Quadro 06 – Dados das ilustrações por categorias .....	87

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01 – Representação esquemática dos diferentes tipos de explorações educativas dos blogues .....	75
Figura 02 – Representação da exploração dos blogues como recurso ou como estratégia pedagógica.....	78
Figura 03 – Representação das explorações educacionais dos blogues.....	79

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Hora de cantar e dançar.....	89
Ilustração 2 – Pode – Não pode.....	90
Ilustração 3 – Formar a fila sem empurrar.....	91
Ilustração 4 – Não pode correr na classe.....	92
Ilustração 5 – Não pode empurrar o amigo.....	93
Ilustração 6 – Não pode gritar! .....	93
Ilustração 7 – Não pode brigar! .....	93
Ilustração 8 – Regras e combinados.....	95
Ilustração 9 – 12 de outubro/Dia da criança! .....	95
Ilustração 10 – 12 de outubro/Dia da criança! .....	96
Ilustração 11 – 12 de outubro/Dia da Criança! .....	96
Ilustração 12 – Criança você alegre meu viver.....	96
Ilustração 13 – Hora da oração.....	98
Ilustração 14 – Hora da música .....	98
Ilustração 15 – Coordenação .....	98
Ilustração 16 – Coordenação motora fina .....	99
Ilustração 17 – Toda a criança tem o direito de ser feliz! .....	99
Ilustração 18 – Toda a criança tem o direito de ser amada! .....	99
Ilustração 19 – Hora de brincar.....	100
Ilustração 20 – 12 de outubro/Dia da criança! .....	101
Ilustração 21 – Hora do parque .....	102
Ilustração 22 – Brincar com os coleguinhas .....	102
Ilustração 23 – 12 de outubro /Dia da criança! .....	103
Ilustração 24 – Viva o dia da criança! .....	104
Ilustração 25 – Coordenação motora fina .....	104
Ilustração 26 – Hora da lição .....	105
Ilustração 27 – 12 de outubro /Dia da criança! .....	106
Ilustração 28 – Hora da lição .....	106
Ilustração 29 – Hora da lição .....	106
Ilustração 30 – Sentar cada um em seu lugar .....	107
Ilustração 31 – Pedir desculpas para o amigo! .....	108
Ilustração 32 – Vou comer tudinho para ficar fortinho! .....	108

Ilustração 33 – Manter a sala de aula organizada .....	108
Ilustração 34 – Jogar os papéis no lixo .....	109
Ilustração 35 – Guardar os materiais depois de usá-los .....	109
Ilustração 36 – Jogar a sujeira no lixo .....	109
Ilustração 37 – Colocar as mochilas no lugar .....	110
Ilustração 38 – Boa convivência .....	110
Ilustração 39 – Cumprimentar os coleguinhas na chegada e na saída .....	110
Ilustração 40 – Sentar-se corretamente .....	110
Ilustração 41 – Trabalho em silêncio sem incomodar .....	111
Ilustração 42 – Palavrinhas mágicas! .....	111
Ilustração 43 – Vamos ler ... ..	112
Ilustração 44 – Família .....	113
Ilustração 45 – Leitura em família .....	113
Ilustração 46 – Família fazendo a refeição .....	114
Ilustração 47 – Assinale o que você faz para ajudar a mamãe .....	115
Ilustração 48 – Mãe grávida .....	116
Ilustração 49 – Hora da roda da novidade .....	116
Ilustração 50 – Esperar a vez de falar .....	117
Ilustração 51 – Hora da roda de conversa .....	117
Ilustração 52 – Respeitar a professora .....	117
Ilustração 53 – Ouvir a professora .....	117
Ilustração 54 – Ouvir as histórias em silêncio .....	117
Ilustração 55 – Compartilhar os brinquedos .....	118
Ilustração 56 – Guardar os brinquedos .....	118
Ilustração 57 – Manter os objetos organizados .....	119
Ilustração 58 – Hora de brincar .....	120
Ilustração 59 – Compartilho os brinquedos com os colegas .....	120
Ilustração 60 – Viva o dia da criança! .....	120

## **LISTA DE SIGLAS**

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CF – Constituição Federal

CD – Compact Disc (Disco Compacto)

CMEIs – Centros Municipais de Educação Infantil

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

GEGEDUC – Grupo de Estudos de Gênero e Educação

HP – Hermenêutica de Profundidade

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MG – Minas Gerais

MLC – Movimento de Luta por Creche

PNE – Plano Nacional de Educação

PR – Paraná

RCNEI – Referencial Curricular para Educação Infantil

SC – Santa Catarina

SciELO – Scientific Eletronic Library On Line

S/d – Sem data

SP – São Paulo

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TV – Televisão

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

USP – Universidade de São Paulo

WWW – World Wide Web (Rede Mundial de Computadores)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. TEORIAS .....</b>	<b>21</b>
1.1 RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO NA PERSPECTIVA DE JOHN B. THOMPSON.....	21
1.2 A MIDAÇÃO DA CULTURA MODERNA .....	24
1.3 CONCEITO DE GÊNERO DE JOAN WALLACH SCOTT .....	28
<b>2. METODOLOGIA: HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE (HP).....</b>	<b>34</b>
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA DOS BLOGS .....	38
<b>2.1.1 Constituição da amostra dos blogs .....</b>	<b>38</b>
<b>2.1.2 Descrição dos blogs .....</b>	<b>40</b>
2.1.2.1 Blog Cantinho Educativo < <a href="http://www.cantinhoeducativo.com.br/#">http://www.cantinhoeducativo.com.br/#</a> > .....	41
2.1.2.2 Blog Cantinho do Educador Infantil < <a href="http://www.ensinar-aprender.com.br/">http://www.ensinar-aprender.com.br/</a> > .....	42
<b>3. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DOS BLOGS.....</b>	<b>44</b>
3.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO INFANTIL E MÍDIA. UMA REVISÃO DA LITERATURA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS .....	44
3.2 CONCEITOS DE INFÂNCIA, CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	61
<b>3.2.1. Algumas aproximações: educação infantil e gênero .....</b>	<b>68</b>
3.3 HISTÓRICO DOS BLOGS .....	72
<b>3.3.1 Blogs educacionais.....</b>	<b>74</b>
<b>3.3.2 Contribuições didáticas e pedagógicas dos blogs .....</b>	<b>77</b>
<b>4. ANÁLISE FORMAL E DISCURSIVA .....</b>	<b>81</b>
4.1 GRADE ANALÍTICA .....	81
4.2 PROCEDIMENTOS DE CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA .....	86
<b>4.2.1 Análise das categorias selecionadas e algumas articulações entre os dados e as teorias.....</b>	<b>87</b>
4.2.1.1 Expressão corporal .....	89
4.2.1.1.1 Ativo.....	89
4.2.1.1.2 Passivo.....	98
4.2.1.2 Espaços .....	100
4.2.1.2.1 Público /privado .....	100
4.2.1.2.2 Escolar.....	105
4.2.1.3 Papéis .....	113
4.2.1.3.1 Cuidado .....	113
4.2.1.3.2 Profissão .....	116
4.2.1.3.3 Brinquedos .....	118
<b>5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>138</b>



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou conhecer como foram apresentadas e representadas as relações de dominação na perspectiva das relações de gênero em imagens apresentadas nos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil. Tenciona-se ser um estudo atual, de relevância social, política e acadêmica, ao reconhecermos que os blogs são uma tecnologia midiática muito usada, desde a década de 90, veiculando informações e conhecimentos nos e pelos diferentes conteúdos escolares.

A escolha por analisar os blogs educacionais, esteve relacionada diretamente com a minha prática profissional, pois sou professora de Educação Infantil<sup>1</sup> e, antes de meu afastamento das atribuições profissionais para cursar o mestrado, atuava com a formação de professores na rede municipal de ensino de Concórdia. Nos vinte anos de docência divididos entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com destaque para os últimos dez anos, utilizei a internet como recurso pedagógico na busca de atividades didáticas para socializar com as crianças. Além disso, nos momentos de formação continuada com os professores, sempre surgiram falas sobre sugestões de atividades para trabalhar, oriundas de material buscado na internet.

Nesses encontros com os professores, pude verificar que grande parte dos/as professores/as<sup>2</sup> da Educação Infantil utilizava os blogs como recurso didático ao realizar seu planejamento pedagógico diário, para obter sugestões de atividades, que podem ser adaptadas ou não para a Educação Infantil. Contudo, sabemos que os blogs não se constituem na única forma para pesquisar atividades, mas são, frequentemente, utilizadas devido ao acesso livre/fácil à internet nas instituições educacionais do município de Concórdia.

Outro aspecto importante, para o envolvimento com a temática da pesquisa, foi a participação dos encontros quinzenais do Grupo de Estudos de Gênero e Educação – GEGEDUC – sob a coordenação da professora Neide C. de Moura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, que facilitou a minha aproximação com as questões sobre a diversidade focada no gênero. Esse processo foi importante para ter clareza sobre esse tema escolhido. As reflexões realizadas nos encontros destacando gênero, sexo e

---

<sup>1</sup> Estou me referindo à educação de crianças de zero a cinco anos, em instituições próprias, neste caso Centros Municipais de Educação Infantil, ou como creches e pré-escolas sendo um dever do Estado garantido pela Constituição Brasileira de 1988, no seu art. 208 e de acordo com a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional de 1996, concebida como a primeira etapa da Educação Básica.

<sup>2</sup> Utilizaremos os dois gêneros, pois a maioria docente pertence ao gênero feminino.

sexualidade, contribuíram para que, com as demais leituras realizadas, definíssemos as relações de gênero e suas desigualdades como temática a ser aprofundada. Esses estudos me levaram a perceber a importância de se trabalhar com as relações de gênero desde o período da infância, ou seja, na Educação Infantil.

Após essa breve apresentação pessoal e de constituição do tema passo a contextualizar a pesquisa e adotarei a primeira pessoa do plural pois a dissertação é uma construção coletiva.

Ao nos referirmos aos blogs e às relações de dominação presentes nas relações de gênero, originou-se o seguinte *questionamento*: Os blogs educacionais endereçados à Educação Infantil apresentam imagens que podem contribuir para estabelecer e sustentar relações de dominação baseadas nas diferenças<sup>3</sup> de gênero?

Na revisão de literatura para este estudo, verificamos que as pesquisas relativas às mídias<sup>4</sup> na Educação Infantil, mesmo sendo escassas, revelaram a influência que estas podem ter no comportamento das crianças. Entre elas destacaram-se os estudos Santos (2004a e b), Nery (2012), Landini (2006), Meireles e Paraíso (2013), Wiggers e Souza (2012), Campos e Jobim e Souza (2003), Belloni e Gomes (2008), Gomes (2008), Carrijo (2012), Silveira (2000), Fantin (2006), Munarim (2007), Santos e Pereira (2011), Gallo (2011), Almeida et al. (2013), Girardello (2005) e Saraiva e Kirchof (2012). Entretanto, salientamos que o uso da internet<sup>5</sup>, no contexto educacional, ainda é pouco estudado, porém muito utilizado, pois facilita a busca de atividades diversas para o dia a dia da sala de aula.

Os autores que nos deram amparo teórico para esta empreitada e orientaram nosso olhar foram Thompson (2011), por meio de sua reflexão crítica sobre a mediação da cultura moderna, ao alertar que os meios de comunicação, apresentados pelas suas diferentes formas simbólicas<sup>6</sup>, podem manter, sustentar, reproduzir, reforçar e/ou transformar as relações de dominação em diferentes contextos, no nosso caso, de gênero e as contribuições de Joan Wallach Scott (1995) e seus estudos sobre as relações de gênero.

Nesse viés, *o objetivo geral* desta pesquisa foi de explicitar se as imagens apresentadas nas atividades propostas pelos blogs educacionais endereçados à Educação

---

<sup>3</sup> Neste estudo compreende-se que as diferenças, às vezes, podem levar a prática da desigualdade.

<sup>4</sup> Jornais, livros, revistas, filmes, propagandas, cinema, internet, blogs, sites ...

<sup>5</sup> Blogs, sites ...

<sup>6</sup> TV, rádio, jornal, revista, internet...

Infantil transmitem sentidos que podem contribuir para estabelecer, sustentar, reproduzir e/ou transformar relações de dominação baseadas nas diferenças de gênero.

Para constituir a amostra dos blogs educacionais buscamos junto aos professores dos CMEIs (Centros Municipais de Educação Infantil) informações sobre os recursos que utilizavam para realizar o planejamento diário com as crianças, especificamente sobre os blogs que utilizavam para pesquisa e solicitamos também seus cadernos de planejamento para compilar o endereço dos blogs educacionais utilizados.

Essa consulta resultou em sete blogs com seus respectivos endereços eletrônicos, porém pela estreiteza temporal desta pesquisa, selecionamos os dois blogs mais citados pelos/as professores/as quais sejam: Blog Cantinho do Educador Infantil e Blog Cantinho Educativo. Suas ilustrações perfizeram um total de duzentas e trinta e três imagens. Considerando o grande número de imagens para este estudo definimos a seleção de vinte ilustrações de cada blog, por meio de sorteio aleatório, contudo algumas ilustrações continham duas imagens e o nosso *corpus* de análise ficou constituído por um total de sessenta ilustrações.

Com o *corpus* da pesquisa constituído, buscamos alcançar os *objetivos específicos*, que foram: compilar as imagens de atividades apresentadas pelos blogs selecionados e endereçados para a Educação Infantil; apreender as concepções de gênero implícitas e explícitas nas imagens; inferir sobre quais sentidos poderiam contribuir para estabelecer, sustentar, reproduzir e/ou transformar essas relações sociais baseadas no gênero.

Nessa esteira utilizamos a proposta metodológica de Thompson (2011) sobre a Hermenêutica de Profundidade (HP), para tanto, empregamos seus procedimentos para alcançar os objetivos acima citados. A referida metodologia compreende três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação dos dados e será apresentada no decurso da dissertação. Buscamos também nas análises das imagens alguns modos pelos quais relações de dominação/poder podem se apresentar como a reificação em suas diferentes estratégias como, naturalização e eternalização, que podem corroborar para a manutenção, sustentação e/ou transformação das relações de dominação/poder presentes nas diferentes formas simbólicas da atualidade, entre elas, os blogs endereçados aos/às professores/as da Educação Infantil.

Deste modo, entendemos que o estudo e análise relacionados às relações de gênero tornam-se primordiais para a qualidade do ensino, uma vez que a Educação Infantil abriga a primeira etapa da Educação Básica, em que se inicia todo um processo

de construção de conhecimentos e de valores, éticos, sociais e culturais. Para tanto, o planejamento didático é uma ferramenta fundamental nesse processo, e saber analisar os materiais didático-pedagógicos, neste caso as imagens que circulam nos blogs educacionais, que são ou serão utilizados, é essencial para não se reproduzir, manter e/ou sustentar relações de dominação/poder que futuramente poderão prejudicar a sociedade em geral.

Por ser um tema novo e pouco pesquisado nas mídias em geral, além de atingirmos o objetivo geral desta pesquisa, pretendemos contribuir com o avanço dos estudos e pesquisas relacionadas às temáticas das relações de dominação/poder nas relações de gênero na Educação Infantil, e sua veiculação por meio dos conteúdos (imagens) na e pela mídia atual: a internet, enunciando as desigualdades de gênero construídas historicamente pela sociedade. Não tivemos a intenção de esgotar o assunto, mas sim, trazer à tona algumas considerações acerca do tema, na busca de contribuir para ampliar os conhecimentos, reconhecendo que o tema não se esgota, pois abrem-se novas possibilidades de estudo.

A seguir, apresentamos brevemente os capítulos que compõem esta pesquisa. O primeiro capítulo, traz a síntese das teorias de relações de dominação e a mediação da cultura moderna pautadas em John B. Thompson (2011) e a teoria de gênero de Joan Wallach Scott (1995), as quais forneceram suporte teórico a esta pesquisa.

O segundo capítulo trata de referenciar a metodologia Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2011), a constituição da amostra – blogs – e apresentamos os blogs educacionais pesquisados. No terceiro capítulo, abordamos o contexto sócio-histórico de produção, circulação e recepção dos blogs, seguindo a metodologia adotada e, para isso contemplamos uma revisão das produções acadêmicas sobre gênero, mídia e educação infantil justificando desta forma a relevância social e acadêmica desta pesquisa, trazemos breves revisões históricas sobre os conceitos de criança, infância e educação infantil e uma aproximação dessa modalidade de ensino com a temática de gênero, bem como sobre o surgimento dos blogs em termos educacionais.

O quarto capítulo trata do caminho que percorremos para realizar a análise dos dados produzidos. Para isso buscamos o suporte teórico de Bardin (2011); Rosemberg (1981); Moura (2007); Thompson (2011); Scott (1995) e demais estudiosos sobre as relações de gênero na Educação Infantil.

No quinto capítulo apresentamos os resultados, a partir da análise efetuada, e algumas considerações para reflexão e discussão sobre as relações de gênero

apresentadas pelas ilustrações e imagens presentes nos blogs educacionais endereçados ao uso didático e pedagógico na Educação infantil.

## 1. TEORIAS

Este capítulo versa sobre as teorias com que dialogamos no decorrer desta pesquisa. Assim apresentamos a síntese das teorias de relação de dominação e mediação da cultura moderna com o aporte teórico de John B. Thompson (2011) e a teoria de gênero de Joan W. Scott (1995).

### 1.1 RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO NA PERSPECTIVA DE JOHN B. THOMPSON

Para essa pesquisa tomamos como fundamentais as contribuições teóricas de Thompson (2011), sobre as relações de dominação com destaque para as relações de gênero veiculadas pelas ilustrações dos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil. Tivemos como base o seu estudo sobre “Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa” em que abordou sobre a importância de compreender as desigualdades que podem se apresentar sob diferentes formas simbólicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. Assim, esse referencial teórico contribuiu para a fundamentação teórica que nos permitiu apreender como as ilustrações<sup>7</sup> desses blogs, por meio de suas imagens, veicularam sentidos que servem para estabelecer, sustentar e /ou transformar as relações de dominação baseadas na desigualdade de gênero.

Para Thompson, a produção, a circulação e a troca generalizada de formas simbólicas (falas, ações, imagens, textos...) têm sido uma característica marcante da vida social. Para isso temos que entender as formas simbólicas e as possibilidades de articulação com as relações de dominação, “estamos interessados em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (THOMPSON, 2011, p. 18).

Maria Eunice Figueiredo Guedes (2012) sinalizou que os verbos “estabelecer e sustentar” são fundamentais na concepção de Thompson e citando Brandão (2000, p. 13) ressaltou que “ao empregar os verbos, estabelecer e sustentar, o autor atribui o mesmo valor às bases material e simbólica na produção de relações de dominação. Isto

---

<sup>7</sup> Utilizaremos a denominação “ilustrações”, tendo em vista as imagens que as compõem.

é, Thompson considera que o sentido é constituído e constrói relações sociais” (BRANDÃO 2000, p.13 apud GUEDES 2012).

Nesta direção, Guedes (2012, p. 14-15), baseado nos estudos de Thompson, pondera que

[...] poderíamos deduzir que, o sentido que constrói relações sociais, poderia estar “estabelecendo e sustentando formas simbólicas como os significados de homem/mulher; feminino/masculino; gênero, que apesar de poderem conter inúmeras possibilidades de sentido, podem também estabelecer e sustentar várias relações sociais, que tenham como base manter relações de dominação de gênero, dependendo dos significados que lhes sejam atribuídos socialmente, dependendo da época histórica e de processos de valorização dos diversos sentidos (homem/mulher; masculino/feminino; gênero), já que o sentido é constituído e constrói relações sociais.

Deste modo, destacamos que as relações de dominação propostas pelo autor podem ser históricas e sistematicamente assimétricas em termos das relações de gênero, de raça e de classe e, que essas relações de dominação podem se manifestar, estabelecer e sustentar situações que podem fomentar as desigualdades de gênero. É nessa perspectiva que o estudo de Thompson contribuiu com a nossa pesquisa ao relacionar o sentido veiculado pelas formas simbólicas que sugerem desigualdades de gênero, pois para esse autor “... entre as assimetrias (relações de dominação) que são mais importantes e mais duráveis nas sociedades modernas, estão aquelas baseadas nas divisões de classe, gênero, etnia, estado/nação” (THOMPSON, 2011, p. 378).

Há três aspectos elaborados por Thompson que precisam ser sinalizados e analisados: a noção de sentido, o conceito de dominação e as maneiras como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. O sentido no qual o autor está interessado é o sentido das formas simbólicas que estão inseridos nos contextos sociais e circulam no mundo social. As ‘formas simbólicas’ são entendidas “como um amplo espectro de falas e ações, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como resultado de construção significativas” (THOMPSON, 2011, p.79). Em complementação, o conceito de dominação é compreendido pelo autor “quando as relações estabelecidas de poder são “sistematicamente assimétricas” (Ibid., p. 80).

O último aspecto elaborado por Thompson está centrado na maneira como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação, para isso destaca que um dos modos de operação pelos quais as relações de dominação se estabelecem e se sustentam é a reificação. Para Thompson (2011), as relações de dominação podem

ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Os processos são tratados como naturais e seu caráter histórico é encoberto, sendo que as estratégias usadas para a construção simbólica da reificação são a naturalização, eternalização e nominalização/passivização.

Neste estudo, utilizamos a estratégia da naturalização caracterizada como um acontecimento natural ou como resultado de características naturais e a outra estratégia também utilizada foi a eternalização, por omitir o caráter histórico ao ser apresentada como imutável e recorrente, dos costumes e tradições que se prolongam em direção ao passado. Portanto, selecionamos o modo de operação das relações de dominação caracterizado como reificação por meio das estratégias denominadas de naturalização e eternalização.

Para Thompson, somente podemos entender como se processam as relações de dominação veiculadas pelas formas simbólicas se as analisarmos a partir de seu contexto sócio-histórico, dentro do qual esses fenômenos podem, ou não, estabelecer e sustentar relações de dominação, e isso pode ser percebido somente quando se examina a interação entre sentido e poder em situações particulares. Assim, Thompson (2011, p. 79) propõe

[...] os termos e maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas<sup>8</sup>, serve para *estabelecer e sustentar*<sup>9</sup> relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas.

Este autor, ao apontar para as diferentes formas simbólicas, chamou a nossa atenção para o modo como podemos pensar a interação entre sentido e poder no contexto social, e ainda, como o sentido pode construir, estabelecer e manter relações de poder, de dominação, ou seja, como facilitam a mobilização do sentido. Porém, esclarece que, para ver se as formas simbólicas produzidas podem contribuir para criar ou manter relações de dominação ou para alterá-las, é necessário verificar como essas formas simbólicas se apresentam em contextos sócio-históricos particulares, e como elas são usadas e entendidas nos contextos de vida cotidiana. Portanto, foi importante

---

<sup>8</sup> Nesta pesquisa conceberemos os blogs como um suporte tecnológico que veiculam as formas simbólicas na atualidade.

<sup>9</sup> Grifos do autor



conhecer como os blogs surgiram; como são utilizados e por quem e quais sentidos podem apresentar suas ilustrações.

Para esta pesquisa buscamos analisar e explicitar como as ilustrações apresentadas nos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil transmitem sentidos que servem para estabelecer, sustentar e/ou transformar relações de dominação baseadas na desigualdade de gênero, visto que as imagens também são responsáveis pela manutenção, sustentação e/ou transformação das relações de dominação que traduzem as desigualdades de gênero. Uma forma de legitimação dessas relações de dominação são os meios de comunicação. Thompson (2011) nos esclarece que nas suas diferentes formas simbólicas (livros, revistas, rádio televisão, internet), os meios de comunicação podem produzir, reproduzir e sustentar relações de dominação, como veremos a seguir.

## 1.2 A MIDAÇÃO DA CULTURA MODERNA

Para chegarmos ao objeto de estudo desta pesquisa, os blogs educacionais, consideramos necessário falarmos sobre a mediação da cultura. Segundo Thompson (2011) ela é uma característica da sociedade moderna devido ao crescimento e desenvolvimento dos meios de comunicação. O autor nos alerta para as questões culturais, cada vez mais mediadas por meios eletrônicos, substituindo gradativamente as formas de transmissão oral e escrita.

Nesse sentido, destaca que a mediação da cultura é “o processo geral através do qual a transmissão das formas simbólicas se tornou sempre mais mediada pelos aparatos técnicos e institucionais das indústrias da mídia” (Ibid., p. 12), havendo uma mudança significativa na maneira das pessoas se relacionarem, o contato imediato foi sendo aos poucos substituídos pelas formas simbólicas presentes nos meios de comunicação, assim como houve uma mudança no conteúdo e nas mensagens transmitidas.

O crescimento dos meios de comunicação de massa<sup>10</sup>, fez com que a comunicação evoluísse nas mais diferentes formas como: livros, revistas, rádio, televisão e a partir da última década do século XX, a internet vem tornando visível sua influência na vida das pessoas, por meio de diferentes formas simbólicas, que circulam

---

<sup>10</sup> Thompson (2011, p. 288), define comunicação de massa como: “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação”.

atingindo um número muito grande de pessoas que direta e indiretamente recebem as mensagens que circulam na mídia, podendo a mídia muitas vezes colaborar para manter e/ou sustentar relações de dominação. Nesse sentido, o autor argumenta que “a mediação da cultura moderna – isto é, as maneiras como as formas simbólicas, nas sociedades modernas, tornam-se crescentemente mediadas pelos mecanismos e instituições da comunicação de massa – é uma característica central da vida moderna” (THOMPSON, 2011, p.104).

Em seu ponto de vista, esse crescimento é o resultado do desenvolvimento da economia política e da tecnologia, associadas à sociedade moderna. Os interesses institucionais hoje são responsáveis pela produção, transmissão, difusão e controle das formas simbólicas, e as indústrias da mídia são também, fortemente dependentes da tecnologia e da inovação tecnológica.

Destaca-se também, que as indústrias da mídia estão nas mãos de um pequeno número de corporações e que essas indústrias sofreram uma crescente diversificação no seu ramo, muitas buscaram outras atividades em diferentes campos, algumas interligadas com as mídias outras não. Essa concentração e diversificação das mídias, formaram conglomerados de comunicação que têm controle do que as pessoas veem, leem e ouvem (THOMPSON, 2011), e com a internet o processo não está sendo muito diferente (MORAN, 1997).

Com isso, a crescente globalização na indústria da mídia moderna assumiu novas formas, tornando-se quase onipresente, como é caso, hoje, do rádio, da televisão e da internet. As informações estão transnacionais, assim como as exportações e produção dos bens da mídia<sup>11</sup>. Thompson (2011), assinala que, com a globalização e o desenvolvimento da tecnologia, a comunicação transnacional cresceu aceleradamente nos últimos anos e destaca que, “a mudança tecnológica foi sempre crucial na história da transmissão cultural: ela altera a base material bem como os meios de produção e recepção, dos quais depende o processo de transmissão cultural” (Ibid., p. 267).

Na verdade, o crescimento das indústrias e os processos de comunicação assumiram uma importância central na sociedade de modo que “nenhuma teoria da cultura moderna, pode dar-se ao luxo de ignorá-las” (THOMPSON 2011, p. 113).

Tomando as preocupações do autor com a análise das relações de dominação veiculadas pelos meios de comunicação de massa, nos remetemos à pesquisa de José

---

<sup>11</sup> Bens da mídia: livros em línguas, textos escolares, programas de TV, filmes...

Manuel Moran<sup>12</sup> (1997), ao se referir à internet como a mídia mais promissora desde a televisão. Para ele, a internet, hoje, “é a mídia mais aberta, descentralizada, e, por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos” (MORAN, 1997, p. 146).

Nesse sentido, Moran (1997) destaca que, por meio da internet, as pessoas ou grupos de pessoas criam suas próprias revistas, suas páginas pessoais, editam seus vídeos, sem ter que pedir licença ao Estado ou a grupos econômicos. Um dos recursos que a internet prevê de forma gratuita e que também pode ser considerada uma página pessoal são os blogs, nos quais o material que circula é de interesse do autor e cabe ao receptor, como sugere Thompson, fazer uma leitura crítica das mensagens que circulam nessa mídia.

Moran (1997) destaca que a internet atinge diretamente a educação, e esclarece que isso está acontecendo em todos os níveis de ensino. Algumas instituições divulgam páginas personalizadas, outras divulgam pesquisas, criam páginas pessoais para publicação de pesquisas, outras usam para comunicação, outras como ferramenta de ensino e aprendizagem, enfim são muitos os usos da internet na educação. Para o autor, “[...] a internet ao tornar-se mais hipermídia<sup>13</sup>, começa a ser um meio privilegiado de comunicação, já que permite juntar a escrita, a fala e a imagem a um custo barato, com rapidez, flexibilidade e interação há pouco tempo disponíveis” (Ibid., p. 2).

Nessa perspectiva, os meios de comunicação de massa, incluindo a internet, fazem com que as formas simbólicas circulem mais rapidamente e de uma forma mais global, na sociedade moderna. Thompson (2011) nos alerta que o desenvolvimento das tecnologias e a facilidade de acesso a essas novas tendências marcaria a nova modalidade de transmissão cultural e, conseqüentemente, aumentaria a difusão da produção das formas simbólicas na sociedade.

Os autores Luccio e Nicolaco-da-Costa<sup>14</sup> (2007), em sua pesquisa intitulada “Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos”, relataram

---

<sup>12</sup> No artigo de Moran (1997) “Como utilizar a internet na educação”- USP / SP, o autor relata várias experiências pessoais e institucionais que utilizam a internet como pesquisa, apoio ao ensino e comunicação.

<sup>13</sup> Para Gosciola, a hipermídia é o meio e a linguagem das “novas mídias”, às quais pertencem a internet, os jogos de computador, o cinema interativo, o vídeo interativo, a TV interativa, as instalações informatizadas interativas e os sistemas de comunicação funcionais, entre outros, e suas respectivas interfaces. PALANGE, Ivete. Texto, hipertexto, hipermídia: uma metamorfose ambulante. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 38, nº 1, jan./abr. 2012.

<sup>14</sup> Em sua pesquisa Luccio e Nicolaco-da-Costa (2007), investigaram os impactos da escrita digital e a tela do computador, sobre escritores e leitores e a possibilidade de interação por meio dos blogs.

que “a tela do computador e a internet fazem surgir espaços textuais públicos – como os fóruns de discussão, as famosas salas de bate-papo, os espaços de trocas instantâneas de mensagem, e os blogs – dos quais todos podem participar” (Ibid., p. 668).

Nesse sentido, percebeu-se que o acesso, a produção e reprodução de formas simbólicas está livre de qualquer interferência, pois a possibilidade de interação entre as pessoas, mesmo em diferentes espaços e tempos, faz com que ocorra troca de ideias e de informações. Dessa forma, nos referimos aos blogs<sup>15</sup>, como um exemplo claro de suporte das formas simbólicas que circulam na internet, onde as postagens podem ser compartilhadas e comentadas por diferentes leitores.

Com isso, percebemos a relevância das contribuições de Thompson (2011) ao se referir à reconstituição do desenvolvimento dos meios técnicos e das formas institucionais para melhor compreendermos o crescimento desses meios técnicos e sua implicação no crescimento das comunicações de massa, bem como sua influência na sociedade moderna. Pois, como nos alerta este autor, “somente dessa maneira podemos compreender os produtos da mídia *como*<sup>16</sup> formas simbólicas mercantilizadas e reproduzíveis que se tornaram disponíveis, em amplas abrangências de tempo e espaço, para pública circulação e recepção” (THOMPSON, 2011, p. 295).

Sendo assim, Thompson, configura as formas simbólicas, no nosso caso os blogs, como um acontecimento histórico e social e que precisam de um meio técnico e institucional de transmissão e circulação. Isso nos permite perceber que as mudanças na transmissão cultural são inseparáveis das sociedades, pois “[...] vivemos num mundo, hoje, em que a experiência cultural é profundamente moldada pela difusão das formas simbólicas através dos vários meios de comunicação de massa” (Ibid., p. 342).

Em termos de Brasil, houve uma grande divulgação dos blogs entre 2000 e 2001, isso, por conta da facilidade de produzir e sustentar um blog, bem como a facilidade de veicular imagens, textos, vídeos, mensagens, de forma rápida por meio da rede, isso trouxe vários adeptos ao mundo dos blogs.

Para Thompson (2011, p. 342), essa mediação da cultura moderna é uma referência para uma análise das relações de dominação a ser reconsiderada nos dias de hoje e, com isso assinala que

---

<sup>15</sup> Para esta pesquisa os blogs serão sempre considerados como suporte das formas simbólicas, aqui analisadas.

<sup>16</sup> Grifo do autor

Podemos analisar as maneiras como o sentido presente nas formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação; e podemos reconhecer que, nas sociedades caracterizadas pelo desenvolvimento da comunicação de massa, a análise [...] deve se interessar, fundamentalmente, pelas formas simbólicas transmitidas pelos meios técnicos dessa comunicação.

Contudo, com sua teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa, nos leva a entender a complexidade de entendê-la se não estivermos atentas às formas como as relações de dominação pode estar presente nas formas simbólicas.

Nesta direção, percebemos que a contribuição de Thompson (2011), para entender a mediação da cultura moderna, parte do pressuposto de que a mídia é o elemento principal para a produção e reprodução das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa, sendo capazes de estabelecer e sustentar relações de dominação em contextos sócio-históricos específicos.

Nesse sentido, gostaríamos de registrar que o autor faz também uma breve reflexão sobre a influência das mídias no contexto doméstico, onde as crianças têm livre acesso às informações. “O aumento do acesso ao material transmitido via televisão cria novos problemas às pessoas que, de maneira certa ou errada estão interessadas em regular o acesso à informação e comunicação” (Ibid. 2011, p.319).

Portanto, chamamos a atenção para o uso da internet, que assim como a televisão, por meio de textos, imagens e vídeos pode sustentar e reproduzir essas relações de dominação, não só por meio do acesso direto às crianças, mas pelo modo como é apresentado pelos adultos às crianças, pois a internet constitui-se, atualmente, como mais um recurso pedagógico na busca e pesquisa sobre sugestões de atividades didáticas a serem propostas em sala de aula.

Para dar prosseguimento teórico, abordaremos a teoria sobre o conceito de gênero na perspectiva de Joan W. Scott.

### 1.3 CONCEITO DE GÊNERO DE JOAN WALLACH SCOTT

Ao falarmos de gênero nos propomos a um grande desafio, entender as concepções que envolvem esse conceito. Para isso vamos recorrer à teoria de gênero de Joan Wallach Scott, historiadora, militante e estudiosa dos assuntos feministas. Na década de 80 a dualidade entre sexo e gênero era marcante, a primeira relacionada

estritamente aos aspectos biológicos e a segunda à cultura, mais especificamente às diferenças sexuais.

Scott, em 1986, escreve um ensaio que mais tarde se transformou em um artigo que traria grande contribuição aos estudos de gênero “Gender: A Useful Category of Historical Analysis” (Gênero: uma categoria útil de análise histórica), em que os estudos passariam a ser problematizados, passando de meras descrições para as explicações, o gênero passa a ser considerado como uma construção histórica e social das diferenças notadas entre os sexos, isso implicaria formulações teóricas e revisão dos paradigmas.

Pensando nessa mudança de paradigma, Scott busca compreender o significado da mulher na sociedade, significado esse construído por meio das interações sociais, culturais e históricas, e não como um produto, ou uma descrição, do que ela faz. Para isso propõe o encadeamento do sujeito individual com a organização social mais ampla, com o propósito de compreender como o gênero funciona, como ocorre a mudança e como são construídas as identidades subjetivas (SCOTT, 1995). Para isso vamos detalhar alguns aspectos históricos importantes no uso do termo gênero e suas implicações.

Durante séculos, termos figurados foram utilizados para definir os traços sexuais ou de caráter das pessoas, “as feministas americanas começaram a utilizar a palavra “gênero”, num sentido mais literal, como uma maneira de referir à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p.72). Assim, a palavra gênero rejeitava o determinismo “biológico” dissimulado no uso dos termos “sexo ou diferença sexual” e enfatizava o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade. A feminista Natalie Davis (1975 apud SCOTT 1995, p.72) afirma

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado [...]. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

Dessa forma, as mulheres feministas estavam iniciando a escrita sobre o papel da mulher na história, o qual ficou por muito tempo atrelado somente ao homem, e com isso tornou-se necessário um reexame dos trabalhos científicos existentes. Dessa forma pode-se dizer que o termo gênero buscava a legitimidade acadêmica dos estudos

feministas. A afirmação de três historiadoras feministas citadas por Scott (1995, p.73), esclarece que

[...] inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é demais dizer que ainda que as tentativas iniciais tenham sido hesitantes, uma tal metodologia implica não somente uma nova história de mulheres, mas também uma nova história.

Para essa nova história, dependeria de o gênero ser desenvolvido enquanto categoria juntamente com categorias como classe e raça, pois demonstraria o interesse dos pesquisadores pelos temas. Uma análise da natureza e sentido de sua opressão e, ainda a compreensão das desigualdades de poder, envolvidos nas categorias de classe, gênero e raça. Desse modo, explica Scott (Ibid., p.73)

Aqui as analogias com a classe e com a raça eram explícitas; de fato as pesquisadoras feministas que tinham uma visão mais global invocavam regularmente as três categorias como cruciais para a escrita de uma nova história. O interesse pelas categorias de classe, raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo três eixos.

A autora adverte que a trilogia classe, raça e gênero, não são equivalentes, pois, a categoria classe tem seu fundamento na teoria marxista sobre a determinação econômica e a mudança histórica, e gênero e raça não tem considerações semelhantes. Salientamos que, por limite do tempo focamos nas relações de gênero dissociadas de classe e raça.

No que se refere às questões de gênero, seus estudos implicaram uma gama de posições teóricas e referências descritivas das relações entre os sexos. Sobre isso, Scott (1995), traz dois questionamentos fundamentais ligados ou relacionados à questão de gênero: como o gênero funciona nas relações sociais humanas? e como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?

Para essas questões, as respostas necessitam de uma discussão do gênero enquanto categoria analítica, ou seja, analisar o uso do conceito e suas implicações. A maioria dos historiadores ao teorizar gênero ficam presos às tradições das ciências sociais, atendo-se essencialmente à descrição, sem interpretar ou atribuir causalidade ou teorizando sobre a natureza dos fenômenos e das realidades (SCOTT, 1995).

Na sua utilização mais recente, “gênero” estava sendo usado como sinônimo de mulher, visando reconhecimento político do campo de pesquisa, pois para muitos o termo “gênero” se aproximava mais da terminologia científica das ciências sociais. Com isso, o termo passa a incluir as mulheres de forma neutra, sem ameaça, tirando a posição política quando se falava em “história das mulheres”, sujeitos históricos válidos. Nesse âmbito Scott (1995, p.75) enfatiza que

Nessa utilização, o termo “gênero” não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). [...] o termo gênero inclui as mulheres, sem nomeá-las, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo “gênero” constitui um dos aspectos que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.

Mas o termo gênero ser designado para indicar mulher foi apenas um dos aspectos, ele também foi utilizado para indicar que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um envolve o estudo do outro. Além disso, seu uso rejeita explicações biológicas, tornando seu uso uma forma de indicar “construções culturais”, Scott (1995, p.75) indica “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. E acrescenta

Trata-se de uma forma de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Ibidem).

Os usos descritivos do termo gênero passaram a ser usados de forma generalizada pelos historiadores, referindo-se a temas sobre mulheres, famílias, crianças, o termo era utilizado para todos os estudos que envolvessem mulheres. Os historiadores conscientes do uso descritivo e nada analítico do conceito de “gênero” sabiam que esse era o desafio, teorizar o fenômeno na busca de compreendê-lo.

Acerca disso, Scott (1995, p.77), argumenta que

Os (as) historiadores (as) feministas têm empregado uma variedade de abordagens na análise de gênero, que podem se resumidas em três posições teóricas. A primeira, uma tentativa inteiramente feminista empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda situa-se no interior de uma tradição marxista, e busca compromisso com as críticas feministas. Aponta para a busca de controlar a força feminina de trabalho e a divisão sexual do mesmo. A terceira fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto, se inspiram nessas



diferentes escolas da psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

A autora ao se referir à terceira posição teórica, sinaliza que elas se preocupam com os processos pelos quais a identidade do sujeito é criada, centram-se nas primeiras etapas de desenvolvimento da criança, com vistas a encontrar indícios sobre a formação da identidade de gênero. Entretanto, Scott faz uma ressalva com relação à abordagem da teoria anglo americana, para a autora a teoria é literal, e limita o conceito de gênero à família e à esfera doméstica. Por outro lado, na teoria pós-estruturalista, a linguagem é o acesso da criança à ordem simbólica, contudo a autora centra-se no sujeito individual e no conflito entre o feminino e o masculino, pois “temos a necessidade de uma rejeição de caráter físico e permanente da oposição binária, de uma historização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 84).

A preocupação com a teoria analítica para o gênero somente emergiu no fim do século XX. A partir disso e com base em diversas perspectivas teóricas, Scott propõe uma definição de gênero em duas proposições: “1) O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; 2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder<sup>17</sup>” (Ibid., p.86).

Para a primeira definição, a autora destaca quatro elementos que estão inter-relacionados, ou seja, podem operar em conjunto: os símbolos culturalmente disponíveis (Maria e Eva, virtude e desonra) e que muitas vezes são contraditórios, mas que devem ser pesquisados em contextos específicos que são invocados; os conceitos normativos, que evidenciam a interpretação e o significado dos símbolos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas com oposição binária fixa (papel do homem e o papel da mulher). O terceiro é a permanência intemporal na representação binária do gênero, essas análises segundo Scott “devem incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social” (1995, p. 87), pois o gênero é constituído tanto no parentesco, quanto na economia e na política. Por último, o quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva, sem a pretensão universalista da psicanálise, sinalizando para como ocorre a construção das identidades. Nenhum desses elementos pode operar sem os outros, no entanto, não operam ao mesmo tempo. O propósito da autora é clarificar e especificar como devem pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais, e essa reflexão deve ser feita de forma sistematizada e concreta.

---

<sup>17</sup> A partir dessas duas definições Scott substitui “termo” por “conceito”.

Scott realiza a teorização do gênero dentro da segunda proposição realizada por ela, “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Ibid., p.91), ou seja, o gênero é o campo privativo onde o poder é articulado, não é o único (destaca raça e classe), mas é recorrente na significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristã e islâmicas.

Embora os conceitos de poder se baseiem em gênero, nem sempre se referem ao gênero em si mesmo. Para Scott (1995, p. 89)

O gênero, então fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) buscam encontrar maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelos quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

A autora argumenta que na sua discussão, “o conceito de gênero auxilia na interpretação das relações sociais baseadas na diferença sexual e fornece um meio de decodificar o significado de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p.89).

Tal perspectiva traz contribuições para elucidar as maneiras pelas quais o gênero pode se sustentar e se legitimar nas relações sociais baseadas na posição de poder.

## 2. METODOLOGIA: HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE (HP)

Nesta dissertação buscamos as contribuições teóricas de Thompson (2011) acerca das relações de dominação, seus estudos sobre a mediação da cultura moderna bem como a sua proposta do referencial metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP)<sup>18</sup>, o qual propõe análises relacionadas as formas simbólicas. A HP compreende três fases: análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação as quais veremos no decorrer deste texto. Para Thompson (2011, p. 355) “esse referencial coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação”. Assim, o processo de interpretação será um fator determinante, ou seja, será o papel central desse referencial.

A HP apresenta um referencial em que vários métodos de análise podem ser utilizados, levando em consideração a contextualização social e as características estruturais das formas simbólicas, ou seja, não existe um método único e sim vários métodos que podem ser situados e ligados entre si (THOMPSON, 2011). Dessa forma, entende-se que as formas simbólicas são construções significativas que exigem interpretação: falas, imagens, ações, textos que podem ser compreendidos e interpretados, no nosso caso, as imagens apresentadas nos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil.

No contexto sócio-histórico o objeto de estudo é um território pré-interpretado e não temos somente o campo-objeto – os blogs educacionais –, temos o campo-sujeito – os professores – que podem estar preocupados em compreender e interpretar as falas, imagens, ações e acontecimentos que estão ao seu redor (THOMPSON, 2011).

Ao se aproximar da ideia da HP a fim de organizar um referencial metodológico para estudar as formas simbólicas, Thompson (2011, p. 363) ressalta que

Sendo o objeto de investigação um campo já interpretado, o enfoque da HP é levar em consideração a maneira como as formas simbólicas foram interpretadas pelos sujeitos que competem esse campo-sujeito-objeto, a hermenêutica da vida cotidiana é um ponto de partida primordial e inevitável da HP.

A HP vai focar-se no esclarecimento sobre as maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas no decorrer do cotidiano, e

---

<sup>18</sup> Doravante utilizaremos a sigla (HP)

isso será tratado pelo autor como a interpretação da doxa, isto é, a interpretação no contexto da vida cotidiana, a crença comum e a opinião popular, ou seja, como as pessoas interpretam, compreendem as formas simbólicas e como elas produzem e recebem as mesmas. Dessa forma, a interpretação da doxa é o ponto de partida para a análise, mas não o fim. Assim, inicialmente conseguiremos perceber e compreender os locais onde os/as professores/as realizam suas pesquisas em termos da oferta de atividades a serem realizadas em sala de aula.

Para esse processo de análise, temos na HP um referencial metodológico que compreende três fases distintas, mas complementares que nos auxiliarão nesse processo: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Em cada fase do enfoque da HP vários métodos de pesquisa podem ser utilizados, dependendo do objeto de análise e das circunstâncias específicas de investigação.

Assim, temos a primeira fase que trata da análise sócio-histórica – o objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Thompson (2011) propõe que podemos identificar e descrever as “situações espaços temporais” específicas em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas. Elas estão situadas dentro dos campos de interação onde elas dão forma através de posições e trajetórias, e ao mesmo tempo criam campos de interação.

Nesse sentido, a tarefa da primeira fase da HP é reconstruir as condições e contextos sócio-históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Além disso possui por tarefa examinar as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição do poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados. Abordamos esse contexto sócio-histórico no Capítulo - Contexto Sócio-Histórico de Produção, Circulação e Recepção dos Blogs.

A segunda fase da HP refere-se à análise formal ou discursiva. Os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são construções simbólicas que apresentam uma estrutura articulada e essa característica exige como análise, a análise formal ou discursiva. Existem várias maneiras de conduzir essa análise, pois depende dos objetos e das circunstâncias particulares de investigação, e também existem vários métodos ou tipos de análise. Nesta dissertação, vamos destacar a análise de conteúdo, a qual servirá de base para nossa pesquisa, e terá como teoria básica as contribuições de Bardin (2011, p. 47) a qual designa essa análise como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Todos esses procedimentos visam enunciar o rigor da pesquisa, ao apreendermos sobre os sentidos veiculados pelas ilustrações nos blogs. Empregamos também o manual de análise utilizado por Rosenberg (1981) e Pinto (1981) e adaptado por Moura (2007)<sup>19</sup> para a estruturação e tratamento dos dados auferidos.

Utilizaremos essas formas de análise baseadas na abertura teórico-metodológica da HP, proposta por Thompson. No sentido da categorização empreendida nos pautamos nas autoras acima mencionadas e concordamos com Romanini e Roso (2010, p. 35), sobre a importância da categorização da pesquisa

É nesse momento da pesquisa, que as formas simbólicas são analisadas, ou seja, o todo é “quebrado” em partes, em temas ou categorias com sentidos específicos. Esse movimento de “quebra” é essencial para evidenciar o conteúdo e os significados implícitos contidos nos textos. A partir da visualização desses (categorias), torna-se mais claro quais são as relações de dominação que a mídia ajuda a estabelecer e sustentar.

Nesse sentido, nossa unidade de análise serão os blogs e a unidade de contexto o ambiente da internet onde estão localizados os blogs das atividades destinadas à consulta das professoras<sup>20</sup> da Educação Infantil.

A terceira fase trata da análise da interpretação/reinterpretação da HP. A interpretação se constrói sobre a análise de conteúdo e sobre a análise sócio-histórica. Ela faz um movimento novo e procede por “síntese”, por construção de possíveis significados (THOMPSON, 2011).

O processo de interpretação, mediado pelos métodos do enfoque da HP, é simultaneamente um processo de reinterpretação (THOMPSON, 2011). Nesse sentido, o autor deixa claro que as formas simbólicas que são o objeto de interpretação, no nosso caso as imagens que circulam nos blogs educacionais, fazem parte de um campo pré-interpretado, ou seja, elas foram interpretadas pelos sujeitos que vivem nesse mundo sócio-histórico e ao reinterpretar podemos divergir do significado construído por esses

<sup>19</sup> Moura (2007) já havia adaptado do original, e para esta pesquisa a autora realizou pequenas adaptações que constam no quadro 04.

<sup>20</sup> Deste ponto em diante usaremos “professores” no genérico masculino com o intuito de facilitar a leitura, embora não concordemos com essa premissa linguística.

sujeitos. Nesse caso, podemos analisar as formas simbólicas de maneira sistemática e apropriada ao seu caráter social e histórico. Nossas formas simbólicas têm sua corporificação nos blogs educacionais.

Segundo o enfoque da HP, consideramos as relações de dominação expressas em cada uma de suas fases: na análise sócio-histórica, a qual norteia a nossa atenção para as relações de dominação, que caracterizaram o contexto no qual as formas simbólicas foram produzidas e recebidas, no nosso caso, via internet. As relações de dominação podem ser um tipo de relação de poder que são sistematicamente assimétricas e relativamente duráveis. Estão presentes hoje, nas divisões de classe, de gênero, etnia e estado-nação, esses são alguns elementos que estruturam as instituições e os campos de interação. Interessa-nos saber como essas relações de dominação são sustentadas e alimentadas pelas formas simbólicas que circulam o meio social (THOMPSON, 2011).

Com isso, dirigimos a nossa atenção para análise formal ou discursiva a fim de identificar as características estruturais do suporte das nossas formas simbólicas (ilustrações), no caso da nossa pesquisa os blogs, que facilitam a mobilização do sentido. Ao realizar essa análise nos engajamos na fase da interpretação/reinterpretação, pois segundo Thompson (2011) “interpretar as relações de dominação é explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e que ajudam a estabelecer e sustentar essas relações” (Ibid., p.379).

Isso quer dizer que o processo é um processo de síntese criativa, pois envolve a construção ativa do sentido e o sentido procura articular os resultados da análise sócio-histórica e a formal/discursiva.

Essa reflexão crítica pode além de transformar a doxa, abrir as possibilidades de os leigos entenderem as relações de poder e dominação onde estão inseridos, e que essas são características da vida social, do mundo sócio-histórico.

Orientadas por essas reflexões apresentamos a seguir os procedimentos para a constituição da amostra dos blogs e, no capítulo seguinte realizaremos a apresentação do contexto sócio – histórico dos blogs educacionais.

## 2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA DOS BLOGS

Nesta seção apresentamos os procedimentos que nos levaram a constituir os blogs educacionais como amostra desta pesquisa e uma breve descrição dos blogs que incluímos neste estudo.

### 2.1.1 Constituição da amostra dos blogs

Para dar continuidade a HP, em termos do *corpus* da pesquisa considerou-se as ilustrações de blogs educacionais endereçados à Educação Infantil – com esse intento buscamos junto aos professores dos Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs de Concórdia informações sobre os recursos que utilizavam para realizar o planejamento diário com as crianças, especificamente sobre os blogs que eles utilizam para pesquisa e solicitamos também o caderno de planejamento para que pudéssemos compilar o endereço dos blogs educacionais utilizados.

Concomitantemente foi realizada uma ampla busca de material pedagógico de apoio ao professor nas bibliotecas dos CMEIs, e constatamos a carência dos mesmos, isso nos levou a perceber o porquê de o uso da internet ser recorrente na busca de sugestões de atividades para a Educação Infantil.

Inicialmente os professores nos repassaram blogs e sites que eles utilizavam. Realizamos então uma breve pesquisa buscando compreender o significado e a utilidade de cada um e optamos por analisar somente os blogs, por serem de fácil acesso e permitirem a interação por meio de comentários além de ser um espaço dinâmico e pessoal. Os professores consultados citaram sete blogs com seus respectivos endereços eletrônicos: Blog Cantinho do Educador Infantil; Blog Cantinho Educativo; Blog Tia da Creche; Blog Mistura de Alegria; Blog Amor Ensina; Blog Alfabetizando com a Turma da Mônica e Blog Atividade Educa.

Estes blogs possuem atividades endereçadas à Educação Infantil, Alfabetização e Ensino Fundamental, isto é, nenhum dos blogs apresentados pelos professores é específico para a Educação Infantil. Nos blogs, a identificação das atividades é

mencionada nos *widget*<sup>21</sup>, onde também estão localizados os arquivos do blog. Os temas mais recorrentes relacionados à Educação Infantil são: Educação Infantil, Maternal e Creche e ao clicar nesses arquivos temos a apresentação de várias atividades com diferentes temáticas: identidade, imagens para rotina, regras de convivência, regras e combinados, palavrinhos mágicas, atividades para o maternal (pontilhado, estímulo motor, tracejado) cuidados com o corpo, quebra cabeça, etc.

Os blogs indicados pelos professores dos CMEIs são todos de livre acesso na internet e têm diferentes formas de apresentação dependendo do *layout*<sup>22</sup> escolhido pelo blogueiro. Contudo, a apresentação da maioria deles é composta por quatro partes: o cabeçalho (topo), o espaço destinado às postagens, ao conteúdo do blog (centro), nas laterais temos o espaço para as aplicações do blog (*widget* – janelas, botões, menu, arquivo, barra de rolagem...) e o rodapé da página onde também se pode colocar aplicações. Todos os blogs citados foram criados por professores e são alimentados (novas postagens/conteúdos) também por eles (com os quais não tivemos contato). O número de visualizações e acessos varia muito de blog para blog, sendo que dois deles não possui esse tipo de marcador (visualizações).

Santos e Silveira (2013, p. 6-7) relatam, ao pesquisarem blogs, as diferentes formas de apresentação e classificam de Vitrine<sup>23</sup>

O blog de educadores mais encontrado na internet [...]. Nesses blogs são disponibilizados materiais de interesse de professores da educação infantil e das séries iniciais, como desenhos, textos e atividades diversas, que podem ser impressas e distribuídas aos alunos, que é na verdade o que muitos buscam nos blogs.

Dessa forma, ao observarmos os blogs sugeridos pelos professores e o objetivo de seu uso, identificamos que nossa pesquisa está relacionada à classificação de blog Vitrine sugerida pelas autoras supracitadas.

Na continuidade, criamos alguns critérios para incluir os blogs como nossa amostra de pesquisa e selecionar apenas dois blogs educacionais, os quais iremos fazer a análise das ilustrações presentes nas atividades endereçadas à Educação Infantil. Deste modo, os critérios que utilizamos foram: ter postagens do ano de 2015 demonstrando

<sup>21</sup> Um *widget* é um componente de uma interface gráfica do usuário, o que inclui janelas, botões, menus, ícones, barras de rolagem, etc. (se localiza nas laterais do blog), etc.. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Widget>>. Acesso em 11 de mai. 2016

<sup>22</sup> Na área da arte gráfica, o *layout* é um esboço ou rascunho que mostra a estrutura física de uma página de um jornal, revista ou página na internet (como um blogue, por exemplo). Disponível em: <<http://www.significados.com.br/layout/>>. Acesso em 11 de mai. 2016.

<sup>23</sup> Classificação dos blogs dados pelas autoras.



estar atualizado; apresentar número de visualizações/acesso do blog (indicado no blog) ser preferencialmente blog de Educação Infantil ou com links de Educação Infantil.

Aplicados esses critérios, foram definidos os blogs Cantinho Educativo (<http://www.cantinhoeducativo.com.br/#>) e Cantinho do Educador Infantil (<http://www.ensinar-aprender.com.br/>) como *corpus* da nossa pesquisa.

Sinalizamos que todos os cuidados éticos para essa pesquisa com relação aos blogs foram tomados tendo como pressuposto teórico as orientações de Fragoso, Recuero e Amaral (2013) ao escreverem sobre os métodos de pesquisa na internet. As autoras baseadas nas pesquisas de Elm (2009) e Ess (2009) classificam o ambiente on-line em quatro níveis: “público (aberto e disponível a todos), semipúblico (requer cadastro ou participação), semiprivado (requer convite ou aceitação) e privado (requer autorização direta)”, (ibid., p. 21). Dessa forma, ao ter o acesso disponível e livre aos blogs consideramos esse material de domínio público não sendo necessário a solicitação de autorização de seus criadores para realizar esta pesquisa. Entretanto tomamos o cuidado de indicar em todas as imagens utilizadas a referida fonte, além de respeitarmos os procedimentos éticos.

### **2.1.2 Descrição dos blogs**

Durante a pesquisa, os dois blogs da nossa amostra sofreram modificações no *layout*. Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p.55) nos alertam para o dinamismo na pesquisa da internet e as possíveis mudanças que podem ocorrer “todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento”. Deste modo, na descrição iremos relatar as mudanças sofridas, mas que não prejudicam em nada a pesquisa, pois as atividades permanecem no arquivo do blog. Assim, todas as informações que relatamos abaixo foram encontradas nos blogs, isto é, fornecidas pelas autoras dos blogs.

Para acessar os blogs utilizamos o endereço eletrônico que nos foi fornecido pelos professores, por meio de um site de busca da internet (GOOGLE).

### 2.1.2.1 Blog Cantinho Educativo <<http://www.cantinhoeducativo.com.br/#>>

O blog Cantinho Educativo, foi criado em trinta de janeiro de dois mil e dez pela professora Tuca Martins da Silva que publica atividades desenvolvidas por ela, por colegas de trabalho e/ou por colaboradores e seguidores do blog (com indicação das fontes).

Quando iniciamos a produção de dados para a nossa pesquisa em julho de dois mil e quinze (07/2015), o nome do blog Cantinho Educativo estava escrito na cor rosa na apresentação inicial e era envolvido por objetos característicos do universo escolar como: lápis, caderno, giz colorido para quadro negro, canetas hidrográficas coloridas, lousa, livros, tesoura, giz de cera, bloco para anotações, régua, mochila e outros. O fundo do *layout* era azul claro com corações brancos. Logo abaixo tínhamos os *links*<sup>24</sup> de acesso às atividades compartilhadas pela autora. Eram eles: a página inicial; sobre o blog; educação infantil; educação fundamental; textos; e cursos. Entretanto, assim como referenciamos anteriormente, o universo da internet é muito dinâmico e pode sofrer muitas mudanças, conforme o desejo do autor.

Atualmente (maio, 2016) a apresentação em torno do nome do blog continua a mesma, mas houve uma mudança relacionada aos *links*<sup>25</sup>, que passaram a ser assim denominados: início, tutorial do blog, termos de uso do blog, contato, cursos online e seja um parceiro.

Na forma como se apresenta atualmente o blog, temos que clicar no link tutorial do mesmo, onde encontramos as boas vindas da autora, as orientações básicas quanto ao uso do blog e as postagens das atividades e experiências pedagógicas compartilhadas no blog. No *menu*<sup>26</sup> “encontre no blog”, as temáticas com sugestões são colocadas em ordem alfabética com a quantidade de atividades relacionadas entre parênteses e no arquivo temos a separação por ano, sendo que aparece primeiro o ano de 2016, com suas respectivas postagens seguido pelos demais anos até 2010, ano de criação do blog.

Observamos que a autora responde aos comentários dos seguidores e leitores feitos no blog e que, no blog, aparecem também anúncios de venda de produtos infantis e adultos e notícias gerais.

---

<sup>24</sup> Anexo 1

<sup>25</sup> Anexo 2

<sup>26</sup> Listagem de opções de um programa, disponíveis num visor (de computador, telefone, televisão). Disponível em < <http://www.priberam.pt/dlpo/menu>>. Acesso em 29 e julho, 2016.

Como professora, que também utilizava os blogs como recurso pedagógico, a forma como era apresentada primeiramente o blog facilitava trabalho de pesquisa, pois ao clicar no *link* da Educação Infantil<sup>27</sup>, as atividades compartilhadas pela autora que permeavam essa modalidade de ensino estavam disponíveis. Hoje temos que buscar as atividades nas postagens no item ENCONTRE NO BLOG ou no ARQUIVO, pois não há no blog o campo para pesquisar, aumentando, assim, o tempo na busca.

#### 2.1.2.2 Blog Cantinho do Educador Infantil <<http://www.ensinar-aprender.com.br/>>

O blog, Cantinho do Educador Infantil, foi criado no ano de dois mil e nove por uma professora (não cita o nome). Esse blog também sofreu mudanças durante o período da pesquisa. Em julho de dois mil e quinze (07/2015) a apresentação do blog<sup>28</sup> continha a imagem de crianças pardas, negras e brancas junto ao enunciado ensinar e aprender, com um fundo azul claro, e abaixo do enunciado os links de acesso: anuncie aqui; contato; curso pela internet; alfabetização; CD de atividades; atividades 1º ao 5º ano; e games educativos. Como esse foi um dos blogs com maior número de visualizações buscamos informações no blog sobre as postagens. Então no link alfabetização, a professora responsável pelo Blog anunciava

<sup>29</sup>Aqui no Cantinho, eu costumo postar atividades direcionadas à educação infantil e apoio aos educadores e professores de creches e pré-escolas como um todo. Mas como vem crescendo o número de pessoas pedindo postagens no campo da alfabetização e letramento, resolvi criar um novo blog para disponibilizar material de alfabetização.

Dessa forma, entendemos que as atividades postadas no blog, *corpus* de nossa pesquisa auxiliará na análise proposta.

Atualmente a apresentação do blog<sup>30</sup> está bem diferente, temos anúncios de venda de produtos variados que estão relacionados ao universo educacional e outros que não estão. No lado direito do blog temos o campo de pesquisa e o campo para cadastrar o e-mail, se o visitante tiver interesse de receber o aviso de novas postagens no blog. Em seguida, temos tanto no lado direito como no centro do blog *links* com temas que ao clicar sobre o mesmo, abre um rol de sugestões de atividades.

---

<sup>27</sup> Anexo 3

<sup>28</sup> Anexo 4

<sup>29</sup> Disponível em: < <http://www.ensinar-aprender.com.br/p/atividades-de-alfabetizacao.html>>. Acesso em 24 de jul. 2015

<sup>30</sup> Anexo 5

Observamos que há comentários de quem visita o blog, mas não visualizamos o retorno do autor do blog nos comentários. O arquivo desse blog encontra-se no final da página, iniciando pelo ano de 2016 até 2009. Percebemos que essa nova configuração do blog trouxe uma facilidade na busca das sugestões de atividade ao incluir o item: campo da pesquisa.

### 3. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DOS BLOGS

Neste ponto de nosso estudo, de acordo com a metodologia adotada, realizamos uma breve revisão de literatura sobre gênero, educação infantil e mídia, algumas reflexões sobre os conceitos de infância, criança e educação infantil e aproximações entre educação infantil e gênero, bem como sobre o surgimento dos blogs em termos educacionais. Dessa maneira, ao abordar estes tópicos estaremos contemplando a segunda fase da metodologia adotada, ou seja, conhecermos esses conceitos e seus contextos históricos e sociais.

#### 3.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO INFANTIL E MÍDIA. UMA REVISÃO DA LITERATURA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS

Esta revisão de literatura sobre gênero, educação infantil e mídia teve como intenção conhecer as contribuições teóricas desenvolvidas sobre o tema e, também um aprofundamento sobre a temática abordada, contribuindo para a fundamentação teórica desta pesquisa. Nesse sentido, destacamos que a revisão de literatura “[...] propicia ao pesquisador tomar conhecimento do que ocorreu ou está ocorrendo periodicamente no campo estudado, podendo substituir a consulta a uma série de outros trabalhos[...]”, e também poder contribuir para identificar o que, por ventura, ainda falta ser pesquisado e/ou conhecido (NORONHA; FERREIRA 2000 apud MOREIRA, 2004, p. 23).

Para esta revisão de literatura realizamos uma busca sobre as produções acadêmicas desenvolvidas no período de 2000 a 2014 e publicadas na revista eletrônica *Scientific Electronic Library On Line* (SciELO), na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Essa base de dados – SciELO; ANPEd e CAPES – esteve diretamente ligada a importância e a concentração de publicações de trabalhos científicos, e o recorte de intervalo de tempo, se justifica pela evolução midiática a partir dos anos 2000. Ao realizar essa revisão de literatura (não de forma exaustiva) estivemos em busca de conhecer algumas produções teóricas que versaram sobre gênero, educação infantil e

mídia no Brasil e, também apreender como as questões de gênero se veiculam nas pesquisas endereçadas à Educação Infantil.

No quadro abaixo apresentamos o primeiro levantamento, com os descritores Gênero e Educação Infantil<sup>31</sup>, no qual agrupamos as bases de busca – SciELO, ANPED e CAPES. Nestas encontramos cinquenta publicações que após leitura dos respectivos resumos aproximamos por temas ficando assim constituído o quadro 01.

Quadro 01 – Temas gerais das publicações relacionadas a gênero

Temas	SciELO	ANPED	CAPES	Total de publicações
Gênero e relações sociais	03	05	02	10
Gênero e brinquedos	02	/	/	02
Gênero e mídia	03	03	01	07
Gênero, docência e formação de professores	01	02	06	09
Gênero e produção científica	04	/	01	05
Gênero e literatura infantil	02	/	01	03
Gênero e saúde	04	/	01	05
Gênero direitos humanos e violência	02	/	01	03
Gênero e desempenho motor	01	/	01	02
Gênero e cuidado	/	/	01	01
Gênero e políticas curriculares	/	/	01	01
Gênero e pedagogia organizacional	/	01	/	01
Gênero e desenho	01	/	/	01

**Fonte:** Base de dados da ANPED, revista eletrônica SciELO e do banco de dados da CAPES no período de 2000 a 2014.

Como observamos acima dentre os temas encontrados selecionamos e agrupamos à categoria gênero os seguintes temas: relações sociais, brinquedos, mídia, docência e formação de professores, produções científicas, literatura infantil, saúde, direitos humanos e violência e desempenho motor. Contudo, alguns temas como cuidado, políticas curriculares, pedagogia organizacional e desenho não conseguimos agrupar. De todas as publicações que encontramos somente algumas vêm ao encontro de nossa pesquisa, e acreditamos que elas podem nos fornecer subsídios teóricos que podem auxiliar a explicitar e interpretar as relações de gênero presentes nas imagens veiculadas nos blogs educacionais. A seguir realizamos uma breve apresentação dos estudos encontrados.

<sup>31</sup> Utilizamos o termo “Educação Infantil”, mas as buscas contemplaram os descritores “criança” e “infância” e as pesquisas selecionadas compreenderam a idade de 0 a 5 anos. Ex.: gênero e criança; gênero e infância e gênero e educação infantil

### Gênero e relações sociais

As pesquisas sobre o tema gênero e relações sociais<sup>32</sup> estão todas relacionadas à educação infantil, sob diferentes perspectivas. Entre elas temos os estudos de Daniela Finco (2004, 2008 e 2010) ““Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher”: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola”, “Educação Infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões” e “Educação Infantil, espaços de confrontos e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero”.

Esses estudos apresentam reflexões sobre a troca de papéis nas brincadeiras entre meninos e meninas, analisam as naturalidades e transgressões das brincadeiras na educação infantil e como elas se manifestam culturalmente frente às questões de gênero. A autora fez um alerta ao analisar as interações entre as professoras e os meninos e meninas que transgridem as fronteiras de gênero, mostrando que as próprias professoras reproduzem no cotidiano escolar as desigualdades de gênero.

Outra pesquisa de Cláudia Vianna e Daniela Finco (2009), intitulada “Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder” trata das questões de gênero e poder entre meninos e meninas na Educação Infantil. As autoras observam os relatos e ações de professoras frente às ações de meninos e meninas nos processos de socialização e revelam que há nas ações das professoras direcionamentos aparentemente naturalizantes com relação à masculinidade e à feminilidade das crianças e que as crianças ao transgredirem o que é tido como “normal” para meninos e meninas são advertidos pelas professoras com relação ao comportamento “adequado” e destacam que as relações binárias e os estereótipos<sup>33</sup> de gênero estão evidentes nas ações cotidianas das educadoras.

Focando as relações de gênero, Gabriela Silveira Meireles (2009) em sua pesquisa intitulada “O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: Anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero da Educação Infantil”, problematizou as dicotomias existentes nas relações das crianças. Como resultado sinaliza que essas dicotomias são frutos das relações que estabelecem e

---

<sup>32</sup> No decorrer deste texto a apresentação das categorias agrupadas seguiram a sequência explicitada no quadro 01.

<sup>33</sup> Estereótipo: Ideia, conceito ou modelo que se estabelece como padrão. Disponível em <<https://www.priberam.pt/DLPO/ESTERE%C3%93TIPO>>. Acesso em 09 de maio de 2016

propõe que as intervenções educativas são essenciais para a construção e reconstrução das feminilidades e masculinidades.

A autora Márcia Buss-Simão (2012, 2013a e b) em suas pesquisas “Meninos entre meninos num contexto de educação infantil: um olhar sobre as relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas”, “Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche” e “Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil”, traz em seus estudos as contribuições da transmissão cultural e social envolvendo a dimensão corporal ao tratar das relações de gênero na Educação Infantil.

A autora supracitada identificou a categoria de gênero como central e constituidora de relações sociais na turma de Educação Infantil pesquisada. Pelos episódios analisados verificou que as crianças muitas vezes constroem e reconstroem suas relações sociais reproduzindo os estereótipos de gênero e outras vezes contestam e desafiam com ações inovadoras, ou seja, as crianças criam suas regras e valores ao brincar, não só reproduzindo, mas sendo autoras de sua infância (BUSS-SIMÃO, 2013b).

No trabalho de Cláudia Maria Ribeiro (2012) denominado “No labirinto da Educação Infantil as falas das educadoras sobre gênero e sexualidade”, a autora problematiza as falas das educadoras sobre gênero e sexualidade e as interconexões que esses discursos podem produzir no cotidiano da Educação Infantil. Os autores Davi Marangon e Leilah Santiago Bufrem (2010), nos seus estudos “A experiência cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil”, relataram que as reflexões realizadas apontaram para a aproximação do contexto escolar cotidiano aos fatores sociais. E que, apesar da cultura escolar, ser influenciada por questões macroestruturais, essa cultura, influencia e interfere na construção do gênero na subjetividade da criança. Os autores apontaram ainda, que, a escola produz e reproduz as relações de gênero expressas na sociedade, mas que a lógica da desconstrução binária pode gerar transformações mesmo que de forma lenta, pois as crianças, sujeitos do contexto escolar, encontram maneiras de transgredir as fronteiras de gênero impostas pela sociedade.

Nos estudos citados acima envolvendo as temáticas gênero e relações sociais observa-se que os pesquisadores/as buscaram perceber como as relações de gênero são constituídas no cotidiano da Educação Infantil e relataram que quando as crianças



brincam e se relacionam sem o olhar e interferência do adulto as dicotomias e os estereótipos de gênero desaparecem, as crianças transgridem essas normas.

Entretanto, ressaltam que os espaços escolares e a família têm uma grande contribuição nas regulações e normatizações masculinas e femininas voltadas para o comportamento e controle impostos às crianças e que são fomentadas pelos adultos envolvendo relações de poder/dominação. Esses autores alertam para a importância das questões culturais que permeiam esse universo escolar e para a importância de uma formação continuada para os professores relacionada às relações de gênero.

### Gênero e brinquedo

Sobre o tema gênero e brinquedo destacamos a pesquisa: “Barbie e sua história: gênero, infância e consumo” (ALTMANN, 2013), que traz um olhar para a história da boneca Barbie e a constituição de feminilidades e masculinidades e buscou refletir sobre o lugar da publicidade na sociedade contemporânea e sua relação com a infância e de como os brinquedos educam meninos e meninas. Os autores Wanderlind et al (2006) em seu estudo intitulado “Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares na brinquedoteca”, fizeram um estudo em brinquedotecas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, onde verificaram que em ambos os contextos predominaram as brincadeiras entre o mesmo sexo, sendo que as meninas brincam mais de faz-de-conta e com brinquedos afetivos e os meninos brincam mais com brincadeiras realísticas, isto é, mais concretas.

### Gênero e mídia

Com o tema gênero e mídia encontramos sete pesquisas, dentre elas duas citaram a mídia impressa. A pesquisa de Tatiana Savoia Landini (2006), intitulada “Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração” em que a autora analisa o jornal “O Estado de São Paulo”, buscando mostrar como as notícias sobre violência sexual eram divulgadas e as transformações que ocorreram na forma do jornal noticiar no século XX. Landini (2006, p. 251) conclui que

Pode-se afirmar que houve uma mudança profunda na forma de entender a violência sexual cometida contra menores de idade – a ênfase, antes colocada na questão de gênero, passou a ser posta na idade, ou seja, se antes a violência era entendida como um problema relacionado à desigualdade entre homens e mulheres, no final do século XX ela passou a ser vista muito mais

como uma questão relacionada à desigualdade entre crianças e adultos. Em outras palavras, houve uma mudança de enfoque de gênero para geração. Nesse sentido, o que antes constituía uma única categoria – a violência sexual, seja contra crianças seja contra adultos – passou a constituir dois grupos analíticos – a violência sexual contra adultos e a violência sexual contra crianças.

A autora Cláudia Amaral dos Santos (2004a), com o estudo intitulado “A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero”, elaborou uma análise de três revistas nacionais – Pais & Filhos (Editora Bloch) 1, Crescer em Família (Editora Globo) e Meu nenê e família (Editora Símbolo) – que tinham no editorial a temática gênero e verificou como essas revistas desempenham a função pedagógica ao mostrar aos pais como educar, vestir, quais os brinquedos adequados a seus filhos, produzindo identidades, subjetividades e saberes. Neste sentido, Santos (ibid., p.12) aponta que se percebeu

[...] que, desde muito cedo, há um investimento da cultura na produção de sujeitos femininos e masculinos, de determinados tipos e de acordo com a materialidade dos seus corpos. Partindo-se disso, as características dos sujeitos femininos encontradas remetiam, em sua maioria, ao espaço doméstico, à maternidade e à sedução, enquanto as características dos sujeitos masculinos remetiam à prática de esportes e às ações ligadas a carros e armas (estes representados através de brinquedos ou desenhos aplicados às roupas ou às paredes dos quartos) ”.

Por outro lado, Cláudia Maria Ribeiro (2011) em seu estudo “Crianças, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações” analisou três filmes – A ostra e o vento, A teta e a lua e Inocente malícia – em que trazem personagens crianças vivenciando as descobertas da sexualidade e relações de gênero e discutiu as relações de poder entre adultos e as crianças sob a violência do olhar adulto perante os desejos das crianças e alerta que o adulto pode intencionalmente envolver as crianças nas temáticas de gênero e sexualidade. De autoria de Ruth Ramos Sabat (2001) obtivemos o título “Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?”, esse estudo analisou o filme *Mulan*, dos estúdios Disney (1999) com o objetivo de apreender como a conduta heterossexual é produzida e reproduzida nos filmes de animação infantil e como representa gênero e sexualidade.

Raquel Gonçalves Salgado (2012) em seu artigo “Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida”, que traz a imagem da criança como herói, problematizou as referências advindas de textos midiáticos com relação à cultura do consumo e as contradições da infância

contemporânea. A autora concluiu que os pais e professores não são os únicos responsáveis pela educação das crianças, os brinquedos, as músicas, os filmes, canções e outros produtos culturais destinados ao consumo ocupam uma grande parcela neste processo. Na mesma direção Michele Escoura Bueno (2012) em sua pesquisa “Girando entre: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças” fez um estudo acerca de como as princesas da Disney entram no cotidiano infantil e podem construir feminilidades, levando as crianças de espectadoras a consumidoras. A autora Mariângela Rosa Pereira (2010), em seu estudo “Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito do amor romântico” analisou três filmes do cinema – ABC do Amor, O Pestinha e Os Batutinhas – e buscou discutir e problematizar as formas como meninos e meninas vêm sendo enunciados midiaticamente enquanto sujeito do amor romântico.

#### Gênero, docência e formação de professores

Com relação às pesquisas que envolvem gênero, docência e formação de professores, encontramos as contribuições de Joaquim Ramos (2011). Em sua pesquisa “Um estudo sobre os professores da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte/MG”, verificou que os professores homens passam por um período comprobatório e de adaptação para atuar com crianças pequenas. O estudo de Benedita Francisca Alves (2012), sobre “A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero?”, buscou conhecer os discursos dos professores homens na escolha profissional e atuação docente na cidade de Fortaleza.

Com esse mesmo viés Déborah Thomé Sayão (2002 e 2005) em seus estudos sobre as “Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas” e “Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche” procurou conhecer como os homens se constituem professores da educação infantil, na rede municipal de ensino de Florianópolis (SC). Para tanto, traça a trajetória pessoal e profissional dos professores investigados e o porquê optaram por essa profissão tida como feminina e conclui que as adesões ao magistério infantil foi por acaso, pela necessidade de trabalho.

Outra pesquisa a de Isabel de Oliveira e Silva e Iza Rodrigues da Luz (2010) intitulada “Meninos na Educação: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero” as autoras estudaram sobre a relação da professora com os meninos no contexto

da educação infantil e revelaram que há uma exclusão que envolve práticas culturais e trocas afetivas marcadas por concepções do masculino presente nas professoras, dessa forma as professoras reforçam os papéis padronizados de estereótipos de gênero, mas ao mesmo tempo permitem a reflexão das suas ações.

Em outra direção Hilda Maria Zanetti Heller de Mattos (2011) em seu estudo denominado “A questão de gênero e a formação da professora da Educação Infantil” pesquisou sobre gênero na formação da professora por meio de seu protagonismo. E Djenane Martins Oliveira (2011) buscou conhecer a trajetória profissional das professoras de creche a partir da categoria de gênero, em seu estudo cujo título foi “Da agente de desenvolvimento infantil à professora de creche: um estudo sobre uma trajetória profissional a partir da categoria de gênero”.

Ainda com relação à formação de professores encontramos a pesquisa de Cintia de Souza Batista Tortato (2008) com o título “Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da Literatura Infantil”. A pesquisa relatou a contribuição da literatura infantil, na formação de professores, sobre as questões de gênero e revelou que no final dos encontros das formações de professores as percepções e olhares dos educadores estavam mais aguçados para as questões de gênero e diversidade sexual presente nesta literatura.

As pesquisadoras Livia Monique de Castro Faria e Ila Maria Silva de Souza (2010) realizaram uma pesquisa intitulada “Reflexões acerca das questões de gênero no curso Pedagogia: Licenciatura para Educação Infantil – Modalidade a distância”. Para tanto, levantaram algumas problematizações acerca das relações de gênero em um curso de pedagogia tendo em vista relações de poder, sexismo e trabalho feminino e convidam a reflexão dos papéis tido como naturalizantes.

#### Gênero e produção científica

Na temática sobre gênero e produção científica temos a contribuição de Ana Cláudia Delfini Capistrano de Oliveira (2011) em sua pesquisa “Estudos Sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?” a autora fez uma análise da produção científica sobre infância e crianças na Sociologia Brasileira dialogando com os estudos de gênero. Neste mesmo viés temos a pesquisa de Luzinete Simões Minella (2006) com o título “Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre a infância no Brasil”. Nesta pesquisa a autora buscou analisar a partir da perspectiva de gênero

algumas das principais contribuições sobre infância produzidas no âmbito da História Social e Sociologia Histórica no Brasil.

Outra pesquisadora Ana Lúcia Goulart de Faria (2006) por meio de sua pesquisa “Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte” iniciou uma descrição de estado da arte em que foram reunidas as pesquisas da área da Educação Infantil que analisaram as relações de gênero entre meninos e meninas. A autora Rita de Cássia Marchi (2009) em seu estudo “Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas” relacionou as posições da mulher e da criança no campo científico e as atuais dificuldades epistemológicas à emancipação da infância. E a autora Ana Carolina Eiras Coelho Soares (2010) com o título “Ariadne da infância e do gênero: deslindando labirintos culturais” relata a publicação de um livro com uma coletânea de artigos sobre cultura, infância e gênero.

#### Gênero e literatura infantil

Com o tema gênero e literatura infantil encontramos três publicações. A autora Andressa Botton (2011) por meio de seu estudo ““E o prêmio vai para...”: Os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década” fez uma análise de livros infantil e juvenil premiados na última década pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Botton (2011) teve como objetivo compreender como as questões de gênero são mostradas nessas obras e se/como contribuem para manter os estereótipos de gênero.

Ainda em relação à literatura infantil, a autora Suyan Maria Ferreira Pires (2009) desenvolveu a pesquisa intitulada “Amor romântico na literatura Infantil: uma questão de gênero” buscou verificar como o amor romântico e a materialização deste sentimento está sendo apresentado nessas obras literárias. Complementando essas contribuições teóricas temos a autora Constantina Xavier Filha (2014) com a pesquisa “Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância” em que a autora estudou e realizou um balanço sobre como os livros para infância sobre gênero, sexualidade e diversidade podem ser utilizados como artefato cultural e dispositivo pedagógico para a infância.

#### Gênero e saúde

Com o tema gênero e saúde observamos que os cinco artigos publicados são pesquisas relacionadas às áreas da medicina, psicologia e psiquiatria. São elas: Livia Loosli e Sonia Regina Loureiro (2010) publicaram a pesquisa “Associação entre

depressão materna e diferença de gênero no comportamento de crianças: uma revisão sistemática”. Na pesquisa analisaram artigos que tratam da depressão materna e as diferenças de gênero no comportamento das crianças. Outras autoras Angélica Savoldi et al (2012) trataram da “Relação entre as palavras eliciadas na Avaliação Fonológica da Criança e as variáveis idade, gênero e gravidade do desvio fonológico”; Ana Carolina Gaspar Seganfredo et al (2009) no estudo “Diferenças de gênero nas associações de trauma na infância e apego no transtorno do pânico” realizaram uma pesquisa sobre as diferenças de gênero e as associações de trauma e apego no transtorno do pânico. Maria Ivone Marchi Costa e Maria Regina Corrêa Lopes Vanin (2005) em seu estudo “O reencontro com a identidade de gênero: contribuições da visão sistêmica novo-paradigmática e do psicodrama infantil” trataram das contribuições da visão sistêmica do psicodrama infantil e relatam um processo psicoterapêutico de um menino que apresentava transtorno de identidade de gênero e, ainda Luciana Cosentino (2012) pesquisou sobre o temperamento das crianças quando do nascimento prematuro e gênero sobre o título “Temperamento em crianças: efeito do nascimento prematuro e gênero”.

#### Gênero e direitos humanos

Em relação a gênero e direitos humanos temos a dissertação de Valeria Pall Oriani (2010) intitulada “Direitos Humanos e gênero na Educação Infantil: concepções e práticas pedagógicas”, que verificou as concepções de direitos humanos, cidadania e gênero presente na prática dos docentes e observou que mesmo tendo um professor no corpo docente procuram manter os papéis sexuais e a sua estabilidade, reproduzindo as desigualdades entre homens e mulheres, reforçando assim os estereótipos.

O autor Jorge Knijnik (2011) em seu artigo, “Teatro infantil, gênero e Direitos Humanos: um olhar crítico sobre as peças Felizardo e O menino Tereza”, fez um estudo de duas peças teatrais – Felizardo e O menino Tereza – que teve como objetivo desvelar e problematizar os estereótipos que separam ser menina e ser menino, indo na oposição à cultura padronizada, refletindo sobre a igualdade entre os sexos. O terceiro trabalho, contribuição de Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca et al (2012) com o título “Reincidência da violência contra crianças no Município de Curitiba: um olhar de gênero” os autores realizaram uma análise da reincidência de violência contra as crianças no município de Curitiba (PR), chegando à conclusão de que a violência é determinada pelas relações de poder das categorias de gênero e geração.

### Gênero e desempenho motor

No sentido do gênero e desempenho motor encontramos duas pesquisas da área de Educação Física. De autoria de Carolina Maria Coelho Campos (2012) temos a pesquisa “O efeito do gênero e da especificidade da tarefa no desempenho motor de crianças pré-escolares nascidas pré-termo”. Relata a autora que as crianças prematuras atingiram o mesmo desempenho motor grosso que as nascidas a termo, entretanto ao levar em consideração o gênero, os achados sugeriram “que ser uma menina prematura afeta, negativamente, o desenvolvimento em habilidades motoras de controle de objetos” (CAMPOS, 2012).

Também, de autoria de Dayana da Silva Oliveira, Ilana Santos de Oliveira e Maria Teresa Cattuzzo (2013) temos a pesquisa “A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras das crianças de primeira infância”, as autoras abordaram o desenvolvimento locomotor dos pré-escolares de Recife e como resultado observaram que meninos e meninas mostraram diferenças no seu desempenho de tarefas.

As demais pesquisas encontradas envolveram gênero e cuidado, gênero e políticas curriculares, gênero e pedagogia organizacional e visual e gênero e expressão cultural (desenho). Assim, Camila Fernandes (2011) com o título ““Ficar com”. Parentesco, criança e gênero no cotidiano” pesquisou os cuidados relacionados aos parentescos das crianças e do cuidado como uma tarefa feminina. A pesquisa de Elissandra Medeiros Dall Evedove (2012) intitulada “A construção de gênero nas propostas curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental elaboradas pelo município de Marília/SP”, examinou as formas como o gênero se apresenta nos documentos curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do ensino fundamental do município de Marília (SP) e apresenta três formas do gênero se apresentar em períodos distintos: primeiramente gênero é velado, depois, demasiadamente limitado e por último gênero como reivindicação social.

Outras duas pesquisadoras Maria Eulina Pessoa de Carvalho, Eliana Célia Ismael da Costa e Rosemary Alves de Melo (2008) na pesquisa intitulada “Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da Educação Infantil” problematizaram a organização e a distribuição dos espaços, objetos e atividades na Educação Infantil como cenários e roteiro para a construção de habitus e relações de gênero e concluem que “a predominância das relações de gênero,

configurada nos silêncios e omissões docentes expressas, marcadamente, nessa pedagogia organizacional e visual, a qual limita as possibilidades de intervenção pedagógica” (p. 19).

As autoras Andressa Rezende Boel e Elsieni C. da Silva (s/d) em seu artigo “Educação Infantil e gênero: investigações sobre a expressão cultural no desenho” investigaram as influências culturais na produção gráfica dos alunos e perceberam nos desenhos produzidos marcas de valores de gênero, adquiridos provavelmente por estarem imersos na cultura adulta.

Diante desses estudos advindos da busca com os descritores educação infantil e gênero, percebemos que alguns vêm ao encontro da nossa pesquisa e que poderão contribuir nas análises que serão apresentadas posteriormente, pois trazem proposições interessantes em relação às dicotomias presentes no universo infantil: desde os estereótipos de gênero; as desconstruções e transgressões apresentadas pelas crianças no cotidiano escolar; a influência da mídia nas brincadeiras e no consumo das crianças; as relações com as professoras que sustentam masculinidades e feminilidades no contexto educacional; o professor homem na Educação Infantil, e a proposição de formação continuada aos professores sobre relações de gênero, entre outros.

Dessa forma, a revisão de literatura sobre gênero e educação infantil acima apresentada, nos permitiu perceber os tensionamentos dos estudos de gênero e assim produzir as categorias teóricas que utilizamos para analisar as imagens apresentadas nos blogs educacionais no Capítulo – Análise formal e discursiva. Abaixo temos o quadro 2 com as categorias que utilizamos para este estudo.

Quadro 2 – Categorias

Categorias	Subcategorias
Expressão corporal	Ativo
	Passivo
Espaços	Público/privado
	Escolar
Papéis	Cuidado
	Profissão
	Brinquedo



Contudo, essa revisão contemplou apenas uma parte do nosso tema e optamos por ampliar nossas buscas realizando a segunda etapa de revisão de literatura utilizando a mesma base de dados e período anunciados, porém acrescentamos aos descritores mencionados na primeira busca os termos mídia – internet<sup>34</sup> – blog – site. Utilizando esses descritores encontramos uma dissertação e um artigo, todas citadas anteriormente, por conter os descritores pesquisados, são elas: “A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero” (SANTOS, 2004a), e o artigo “Violência sexual contra crianças na mídia impressa gênero e geração” de Tatiana Savoia Landini (2006).

Para complementarmos nossa pesquisa buscamos via GOOGLE, estudos e pesquisas relacionadas ao nosso tema. Para nossa surpresa os “achados” eram os mesmos que foram pesquisados nas outras fontes. Apenas identificamos uma pesquisa intitulada, “O currículo das imagens dos blogs educativos e seus ensinamentos sobre gênero e sexualidade”, de Gabriela Silveira Meireles e Marlucy Alves Paraíso (2013). Salientamos que essa foi a única pesquisa que se aproximou de nosso tema, porém referia-se ao nível do ensino fundamental.

Nesse percurso, devido à escassez de publicações com os descritores envolvidos diretamente em nossa pesquisa, partimos para uma terceira etapa de revisão de literatura, ampliamos nossas buscas utilizando educação infantil e mídia, internet, site e blogs, com a intenção de filtrar ainda mais as buscas. Seguindo a metodologia usada em nossa revisão de literatura realizamos a leitura dos resumos dos artigos, teses e dissertações e buscamos verificar se havia relação implícita ou explícita com o tema de nossa pesquisa.

De maneira geral, toda a revisão de literatura apresentada justifica a relevância da pesquisa ao buscar explicitar as concepções sobre as relações de gênero veiculadas pelas imagens presentes nas atividades didáticas endereçadas à Educação Infantil, seja por meio das ilustrações ou dos conteúdos pesquisados por esses diversos autores. Ao voltarmos nossa atenção para nosso foco, ou seja, as relações de gênero explicitadas nos blogs educacionais concebidos como um dos recursos didáticos para os professores de Educação Infantil, destacamos que as pesquisas relacionadas a mídia na educação infantil mostram a influência que os meios de comunicação podem ter no

---

<sup>34</sup> Para este estudo e pesquisa optamos por considerar a internet como contexto de circulação de formas simbólicas, no nosso caso, os blogs.

comportamento das crianças, na sua maneira de brincar e de expressar verbal e não verbalmente.

No quadro 03 explicitamos a quantidade de pesquisas auferidas, vejamos a seguir.

Quadro 03 - Publicações da 3ª etapa da revisão de literatura

Descritores da pesquisa	SciELO	ANPEd	CAPES	Total de publicações
Educação infantil e mídia	5	5	2	12
Educação infantil e internet	02	1	/	03
Educação infantil e site	/	1	03	04
Educação infantil e blog	/	/	1	01

**Fonte:** Base de dados da ANPEd, da revista eletrônica SciELO e do banco de dados da CAPES no período de 2000 a 2014.

Na sequência discorreremos sobre cada um dos descritores constante no quadro acima para uma melhor apreensão de nosso tema central.

#### Educação infantil e mídia

Com o descritor educação infantil e mídia encontramos doze pesquisas. Siqueira, Wiggers e De Souza (2012) na pesquisa intitulada “O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil” analisaram a presença da mídia no ambiente escolar, por meio da cultura corporal de movimento infantil. E como resultado verificaram que há uma apropriação cultural da mídia pelas crianças nas relações sociais e nos jogos simbólicos. Apontam a televisão como a mídia mais usufruída pelas crianças e sugerem a expansão dos estudos da mídia no contexto escolar. As autoras Cristiana G. de Campos e Solange Jobim e Souza (2003) sob o título “Mídia, cultura do consumismo e constituição da subjetividade infantil na infância” refletiram sobre as implicações éticas da cultura do consumo e da mídia na constituição subjetiva da infância e oferecem bases teóricas para sua compreensão dialogando com as atitudes do cotidiano e propondo “transformar nosso pensamento crítico em ação na e para a vida” (p.20).

As autoras Maria Luiza Belloni e Nilza Godoy Gomes (2008) no artigo “Infância, mídias e aprendizagem autodidaxia e colaboração” buscaram compreender como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), podem levar as crianças a desenvolverem comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem a alertam para a importância do uso das TICs em sala de aula e da formação do professor. Temos

também a pesquisa de Joana Piske (2000) “Análise de softwares educacionais voltados para a educação infantil: levantamento, caracterização e tendências” em que a autora fez um levantamento e analisou softwares educacionais desenvolvidos para crianças de 0 a 6 anos e comercializados em território nacional. A autora teve como objetivo apoiar as escolas e educadores na escolha do material adequado agregando o uso pedagógico da informática.

O artigo “O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: infâncias concatenadas” de Lisandra Ogg Gomes (2008) apresentou reflexões sobre a dinâmica da infância e a atribuição de sentido dada pelas crianças na sua forma de perceber o mundo nos processos sociais envolvendo a mídia. A autora Adriana Carrijo (2012) publicou o artigo “Significações imaginárias da infância contemporânea: mídia, pais e especialistas” trouxe a prática psicanalítica com crianças e a relação das crianças com seus pais ou tutores, onde evidenciou a massificação de múltiplos transtornos psicológicos influenciados pela midiaticização.

Nesta esteira, Jacira Cabral da Silveira (2000) em seu artigo “Infância na mídia: sujeito, discurso e poderes” realizou uma análise de três modalidades enunciativa da programação da TV brasileira – comerciais, peças de telejornalismo e um quadro da revista Fantástico e buscou compreender como o sujeito infantil é construído pela linguagem da televisão e como habita o imaginário adulto pela ótica da emissão e não da recepção, investigando como a criança aparece na televisão.

Outra autora Mônica Fantin (2006), com o estudo “Da mídia-educação aos olhares das crianças: pistas para pensar o cinema em contextos formativos” tratou da relação mídia-educação e cinema aos olhares das crianças, discutiu algumas possibilidades de educação cinematográfica na escola, alertou para a importância da mídia-educação na formação de professores e crianças para além de diferenciar a televisão e o cinema. A autora ainda relata que a maioria das nossas crianças assistem televisão sem a presença dos pais sendo que na maioria das vezes a televisão apresenta filmes, comerciais impróprios para as crianças.

Na busca de compreender como se constitui a relação entre o “se-movimentar” das crianças enquanto brincam e os programas a que elas assistem na televisão, Iracema Munarim (2007) no seu artigo intitulado “Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças”, relatou que as crianças criam e resignificam os sentidos da mídia no seu cotidiano e contexto social, e a autora sinalizou para a importância de discutir o que é veiculado nos programas de televisão.

Neste viés a autora Núbia de Oliveira Santos e Rita Marisa Ribes Pereira (2011), com o título “Ritmo... É ritmo de festa! A presença da mídia nas comemorações de aniversários de crianças”, pesquisaram sobre a presença de referenciais midiáticos, especialmente da mídia televisiva, em festas de aniversário de crianças e como resultado apresentaram os espetáculos da mídia nas festas e que não se percebe a criança.

Na CAPES, encontramos uma tese e uma dissertação com os descritores educação infantil e mídia. A tese “Comportamento alimentar e mídia: a influência da televisão no consumo alimentar de crianças do Agreste Meridional Pernambucano”, de Sophia Karlla Almeida Motta Gallo (2011), refere-se à influência da televisão na alimentação de crianças do Agreste Meridional Pernambucano e traz como consequência que a publicidade interfere na culinária da família e nas opções alimentares das crianças.

A dissertação de Ana Carolina Silveira Fonseca (2012) “Entre a realidade dos fenômenos e a invisibilidade dos casos, um texto profético: o boletim prioridade absoluta e a escrita jornalística dos direitos das crianças e do adolescente em uma mídia informativa feita em casa”, fez uma análise de um boletim eletrônico intitulado “Prioridade absoluta” e evidenciou tensionamentos entre o jornalismo e a maneira como as informações circulam e estão relacionados ao universo da infância e da adolescência.

#### Educação infantil e internet

Com os descritores educação infantil e internet encontramos três publicações, entre elas, dois artigos são da Universidade de Lisboa. Um deles intitulado “As crianças e a internet em Portugal – Perfis de uso”, tratou da expansão das novas tecnologias de informação e comunicação na Europa, principalmente a internet e a preocupação com seu uso na família e na escola (ALMEIDA, ALVES E DELICADO, 2011) e o outro “Crianças e internet: a ordem geracional revisitada”, trata-se de uma contribuição ao debate da infância à luz das transformações sociais associadas ao uso das tecnologias por crianças e adultos, colocando em questão a criança como sujeito dominado nas relações de poder, trazendo à tona o contexto familiar (ALMEIDA, ALVES, DELICADO E CARVALHO, 2013).

A autora Gilka Girardello (2005), no estudo “Produção cultural infantil diante da tela: da tv a internet” tratou da produção cultural infantil retomando um conceito fundamental da infância: a imaginação e sinalizou que as crianças utilizam as mesmas regras da interatividade e da fantasia que usam nas brincadeiras infantis.

### Educação infantil e site

Os descritores educação infantil e site nos revelaram quatro publicações, sendo um artigo uma tese e duas dissertações na área da saúde. O artigo “Produção de identidades nos sites Club Penguin e Animalamina” versou sobre uma reflexão sobre dois sites destinados ao público infantil, o Club Penguin (Jogos) e o Animalamina (poesia digital). Os sites foram analisados em relação ao processo da produção de identidade e os autores sinalizaram para a necessidade de compreender o funcionamento dos artefatos culturais e os usos propostos para entender a complexidade dos efeitos da cibercultura (SARAIVA E KIRCHOF, 2012).

A tese intitulada “Três peças aleatórias de L.C. Vinholes numa abordagem pedagógica para criança: análise, criação de atividades musicais e site” de Lilia de Oliveira Rosa (2011) aborda o estudo de três peças do compositor pelotense Luiz Carlos Vinholes – Instrução 61, para quatro instrumentos quaisquer (1961), Instrução 62, para instrumentos de teclado (1962), e Instrução Peça/Pessa para fazer Psiu/Xi, para bocas (1979) – a pesquisa da autora propõe a criação de um site para preservação e divulgação da obra do compositor e divulgar a formação didática para professores de música e musicalização (ROSA, 2011).

Na área da saúde temos a dissertação de Solange Spanghero Mascarenhas Chagas (2007) intitulada “O uso da comunicação como instrumento interativo no tratamento da criança com câncer: desenvolvimento de um site de orientação para cuidadores da criança com câncer” que teve como objetivo construir e validar um site de busca na internet com material educativo e orientações aos cuidadores de crianças com câncer e Bárbara Guimarães Bastos (2011) em sua pesquisa “Telessaúde: avaliação de um website como ferramenta ao aconselhamento de pais de crianças usuárias de aparelho de amplificação sonora individual” fez uma avaliação de um website como ferramenta de auxílio ao aconselhamento de pais de crianças usuárias de aparelhos de amplificação sonora individual e considerou útil o website para complementação da orientação dos pais.

### Educação infantil e blog

Com o descritor educação infantil e blog encontramos uma única publicação, a dissertação de Patrícia Kricheldorf Hermes de Araújo (2012) intitulada “Blog, identidade e formação continuada em Educação Infantil em Joinville” que teve como

objetivo criar um blog como instrumento de compartilhamento de aprendizagens e experiências de professores da Educação Infantil de Joinville/SC visando a ampliação de experiências e a ampliação de conceitos sobre blogs, identidades, educação infantil e formação continuada.

Em resumo, por meio dessa revisão de literatura percebemos que os trabalhos sobre mídia e educação infantil trazem em sua maioria a preocupação da exposição das crianças frente aos programas apresentados na televisão e a influência que os mesmos exercem sobre elas. Sinalizam sobre a importância da formação de professores relacionada ao uso crítico das mídias e tecnologias, sendo que as crianças estão a cada dia mais expostas ao universo midiático contemporâneo e que o contexto educacional não pode negligenciar. Percebemos que a produção acadêmica sobre a educação infantil e mídia (internet; blogs e sites) ainda “engatinha” e, entretanto, esperamos e almejamos o crescimento desse tipo de pesquisa.

Entretanto advertimos para o fato de que as crianças estão cada vez mais expostas aos diferentes tipos de mídia, ponderando sobre a possibilidade de ocorrer a manutenção sobre as desigualdades de gênero, ou das relações de gênero. Para tanto será necessária uma formação docente que acolha esses temas e auxilie os professores quanto ao trabalho crítico e didático na seleção das atividades escolhidas, bem como no questionamento e esclarecimentos sobre as desigualdades de gênero tão possível e desejável nas “rodas de conversa”, que encantam as crianças pequenas.

### 3.2 CONCEITOS DE INFÂNCIA, CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL

As concepções de criança, infância e educação infantil vieram se modificando com o passar dos tempos sofrendo ressignificações e transformações. Hoje sabemos que elas são construções históricas, que não se deram de forma linear, pois acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos foram determinantes para que essas concepções fossem construídas e compreendidas como as vemos hoje.

Dessa forma, não podemos tratar infância e criança como sinônimos, mas podemos dizer que existem várias infâncias que as crianças vivem. Sarmiento (2005, p. 371), a partir da Sociologia da Infância nos traz uma diferenciação dessas concepções

[...] *infância*<sup>35</sup> para significar categoria social do tipo geracional, e *criança*<sup>36</sup>, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença a um grupo etário próprio, é sempre um actor social que pertence a uma classe social, a um género etc.

Dessa forma, Sarmento (2005, p.364) traz o conceito de geração definido por Qvortrup (1991, 2000), que o complementa

“Geração”, assumida como uma variável independente, trans-histórica, estando prioritariamente ligada aos aspectos demográficos e económicos da sociedade. A infância é independente das crianças; estas são actores sociais concretos que em cada momento integram a categoria geracional. Ora, por efeito da variação etária desses actores, a “geração” está continuamente a ser “preenchida” e “esvaziada” dos seus elementos constitutivos concretos.

Isso pressupõe que a infância é vista através da história, das desigualdades sociais e das diferenças presentes na sociedade e independente do espaço geográfico. As crianças, por sua vez, são os sujeitos da vivência desta infância, que têm suas necessidades, com características próprias em relação ao seu desenvolvimento físico, psíquico e emocional, ou seja, é um sujeito com direitos e deveres. Assim, podemos considerar que a criança se insere na categoria infância mas depende da classe social, da etnia ou do género a que pertence. A criança constitui-se, assim, num ator social dessa categoria geracional chamada infância e “seus significados podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o género, a cultura em que as crianças estão inseridas” (FELIPE E GUIZZO, 2003, p. 121).

Nessa esteira, considerando a infância como uma construção sócio-histórica, tomamos a contribuição sobre infância de Kuhlmann Jr. (2010, p.30) ao revelar que

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes momentos, lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar a crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história. Deste ponto de vista, torna-se difícil afirmar que uma determinada criança teve ou não teve infância. Seria melhor perguntar como é, ou como foi, sua infância.

Para tanto, a infância acontece nas interações sociais, dentro de uma determinada cultura em um contexto sócio histórico específico.

Sarmento (2004, p. 2-3) pondera que

---

<sup>35</sup> Grifo do autor

<sup>36</sup> Grifo do autor

A diferença radical da infância consiste precisamente em deslocar-se da norma axiológica e gnosiológica constituída pelos adultos, o que faz com que cada criança se insira na sociedade não como um ser estranho, mas como um actor social portador da novidade que é inerente à sua pertença à geração que dá continuidade e que faz renascer o mundo. As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-os com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é possível.

Dessa forma, percebemos que a infância está vinculada a um tempo geracional, as vivências das crianças, as suas experiências e em sua interação com os outros, ou seja, na produção da sua história sociocultural.

Nesse percurso de construção sócio-histórica da criança e da infância tivemos importantes contextos para chegarmos às instituições de Educação Infantil. As crianças eram vistas apenas como mais um ser esperando para ficar adulto e poder participar da sociedade. Com o surgimento da modernidade, iniciam as caracterizações da infância: as crianças foram afastadas dos adultos; algumas áreas de atividades foram separadas para que somente os adultos tivessem acesso; e com isso as crianças foram colocadas de forma geral sob a orientação, cuidado e/ou controle dos adultos, na vida privada: a família e na vida institucional: a escola. Assim as crianças foram sendo sujeitadas ao mundo dos adultos (SARMENTO, FERNANDES E TOMÁS, 2007).

Neste viés Sarmiento (2005, p. 367-368) pontua que

A construção moderna da infância correspondeu a um trabalho de separação do mundo dos adultos e de institucionalização das crianças. Nessa separação, a criação de creches e da escola pública (Ramirez, 1991) teve um papel determinante, configurando-se, uma e outra, como as primeiras instituições da modernidade directamente orientadas para um grupo geracional (até então, as escolas conventuais e os colégios religiosos eram indistintamente frequentados por crianças e adultos). A generalização da escola e a sua transformação como escola de massas promoveram, num movimento comum, a institucionalização da infância e da escola pública (idem, *ibid.*), movimento este que não deixou de se expandir continuamente até hoje; a escola, com extensão no espaço-mundo, generalização progressiva – ainda que longe de atingir a universalização do acesso para todos e para todas – e alargamento dos anos de escolaridade e do tempo efectivo de frequência; a infância, por meio da universalização de estatutos e direitos, no âmbito quer do direito internacional, quer da constituição de uma infância global (Tomás & Soares, 2004).

Neste contexto de institucionalização definiu-se que o papel da escola era o de disciplinar as crianças, prepará-las para a vida adulta, pois as crianças precisavam ser educadas e o papel da família era o de moralizar as crianças (ANDRADE 2010). Essa institucionalização da infância passou por um processo sócio-histórico que nos levou das creches (instituições de assistência) à educação infantil (instituições vinculadas à



educação), incluindo o momento social, político, cultural e econômico que viviam as crianças em determinado tempo histórico.

Nessa perspectiva, Lenira Haddad (2007) contribui com nosso estudo. A autora apresenta a trajetória da Educação Infantil baseadas em dois acontecimentos. O primeiro dedicado ao desenvolvimento paralelo de dois serviços de cuidado da criança pequena: o atendimento em período integral, dedicado as classes menos favorecidas em creches domiciliares ou institucionais e o atendimento das crianças em períodos parciais, denominados de pré-escola e/ou jardim de infância destinado à aprendizagem das crianças. Assim, num dos serviços tínhamos presente o aspecto assistencial e no outro o educativo. O segundo acontecimento citado por Haddad (2007, p.119), diz respeito “aos eventos econômicos, políticos, culturais que marcaram a história mundial durante períodos particulares”. Para a autora esses eventos foram os que influenciaram ações para o cuidado e para educação das crianças pequenas.

Essa mesma autora apresenta quatro ciclos da Educação Infantil baseados nos acontecimentos citados acima, refazendo a trajetória histórica para entendermos como chegamos à Educação Infantil que temos hoje.

O primeiro ciclo – O surgimento das instituições de cuidado e Educação Infantil – traz a origem dupla da criação de instituições de cuidado e educação, as quais foram sendo criadas para atender às necessidades de cada época. As instituições voltadas ao cuidado tinham um caráter de assistência aos pobres, de cuidar das crianças em vulnerabilidade social, por doença ou trabalho dos pais e para a prevenção do abandono. Já as instituições voltadas aos serviços educacionais vinham com modelos estipulados de organização educacional. “Esse grupo inclui entre outros, projetos inspirados em Oberlin (*salles d’asile*), Robert Owen (*infant school*), Froebel (*kindergarten*) e Montessori (*casas dei bambini*)” (HADDAD 2007, p. 121).

O período pós-segunda guerra mundial marcou o segundo ciclo da Educação Infantil – A Guerra Fria e a cisão entre o cuidado e educação. Nesse período houve uma reorganização nos programas voltados as crianças pequenas e rumos muito diferentes nos países comunistas e nos países capitalistas. Esclarece Haddad (2007, p. 23)

No primeiro caso, um sistema de cuidado e educação desenvolveu-se em bases sólidas, no segundo, novas conceituações, objetivos, formas de atendimento são gradualmente introduzidos, diferenciando e delimitando as funções dos dois blocos de serviços e interrompendo o progresso.

Nos países comunistas as instituições de cuidado e educação constituiu uma das estratégias da revolução, pois reduziu o trabalho da mulher em casa. No ocidente “em oposição aos princípios de educação infantil coletivizada associada à liberação de mulheres para a força de trabalho” (HADDAD 2007, p.124), foi disseminada a ideia da importância da família e, principalmente, da mãe para garantir a saúde mental e psicológica da criança. Desta forma, a educação da criança volta a ser prioridade da família, um assunto privado e não um assunto público.

Entretanto, nesse período temos a divisão no atendimento da criança, do que é e do que não é legitimado, pois só é legítimo a distribuição de recursos públicos para a pré-escola, onde a criança fica meio dia na instituição com o objetivo de desenvolver habilidades e conhecimentos. Os serviços relacionados ao atendimento infantil, designados para atender as necessidades das crianças e das famílias, vinculava-se aos órgãos da saúde e ação social, com o objetivo de cuidar as crianças em período integral o ano todo e funcionavam em casa ou centros destinados pelos responsáveis. Essas ações foram estopim para que a cisão entre cuidado e educação ocorresse (HADDAD 2007).

No terceiro ciclo – A revolução cultural ocidental e a expansão das políticas de atendimento a infância – Haddad (2007), sinaliza para a revolução cultural e a expansão das políticas de atendimento a infância. Os movimentos sociais dos anos 60 e 70, contribuíram para que novas tendências emergissem com relação ao cuidado e educação infantil. Esses movimentos problematizavam conceitos arraigados na sociedade como a superioridade da raça branca. Essa indignação se estendeu a preconceitos, desigualdade sociais, a cultura de dominação, violência contra a mulher etc. Isso fez com que surgissem novas formas de organização e relações de poder e novas formas de cuidado extrafamiliar da criança.

Para Haddad (2007, p. 128), “o movimento feminista que ecoa pelo mundo afora tem papel especial na revisão do significado da creche, ao associá-la a questões como maternidade, paternidade e mudanças do papel dentro do lar”. Com isso, o conceito de atendimento infantil é expandido para além de um espaço de socialização entre as crianças e os pais, sendo que o foco passou a ser o direito de todas as mulheres, independentemente de suas condições econômicas e de trabalho fora de casa. Essa mobilização trouxe à tona novas possibilidades de cuidado extra parental de crianças pequenas.

No Brasil, no final dos anos 70 os movimentos sociais conseguiram uma abertura política que seguiu até a queda da ditadura militar. O Movimento de Luta por Creche (MLC) cobrava do Estado solução para os problemas sociais. Foi esse movimento que trouxe um novo conceito de creche, numa perspectiva de direito das crianças e das mães, contribuindo em um novo significado e legitimidade a essas instituições. Com a participação das mulheres na vida econômica, houve também uma redefinição do papel do homem na reprodução e criação da criança

Para Haddad (2007, p. 130)

Numa perspectiva macrosocial as instituições de cuidado e educação infantil têm sido apontadas como uma das medidas mais efetivas para conciliar responsabilidades familiares, ocupacionais e sociais, colaborando para a promoção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e apoiando a família no seu papel parental. Nesse contexto, a função socializadora das instituições de educação infantil começa a entrar no debate político e científico.

Entretanto, no final da década de 80 e início da década de 90, alguns eventos mundiais como: a dissolução da União Soviética, a queda do muro de Berlim; o declínio do modelo socialista; a globalização impondo regras aos países em desenvolvimento; a privatização das empresas públicas e outros contribuíram consideravelmente para uma nova reorganização no atendimento as crianças iniciando o quarto ciclo – A globalização e o retorno aos programas compensatórios – que influenciou os cuidados e a educação da criança pequena.

Conforme Haddad (2007, p.133)

A extensiva privatização das empresas públicas, ênfase no consumo, cortes em gastos públicos com educação, saúde e moradia, enfraquecimento do estado de bem-estar social e da garantia dos direitos trabalhistas trouxeram consequências mundiais sem precedentes, como a concentração de riqueza, o aumento do desemprego e a exclusão social. Cortes nas despesas sociais provocaram uma inversão das conquistas na arena do bem-estar social incluindo os direitos das mulheres.

Nas sociedades comunistas, onde o Estado era responsável pela educação infantil, esse impacto de globalização reduziu consideravelmente a oferta de atendimento para crianças com menos de três anos. A educação infantil extrafamiliar, visando a liberação da mulher para uma construção sociedade mais justa e igualitária, foi abolida pela educação infantil vista como primeira etapa da educação básica. Dessa maneira, alguns países em desenvolvimento começaram a apoiar “programas

compensatórios”, destinados à educação, cuidado e desenvolvimento da primeira infância (MYERS, 2000 apud HADDAD, 2007, p. 133).

Como parte das estratégias para auxiliar os países em desenvolvimento vemos surgir duas estratégias para o atendimento da infância: o atendimento universal da criança acima de três anos em período parcial, com o compromisso de prepará-las para o futuro escolar prevenindo o fracasso e outra estratégia que atendam as crianças menores de três anos por meio de programas administrados pelas famílias ou agentes comunitários para crianças carentes ou em vulnerabilidade. Para Haddad (2007) vê-se nessa proposta o início para diminuir a idade de entrada da criança no ensino fundamental para seis anos.

Assim, podemos perceber que, se de um lado as mudanças sociais e culturais trazem um novo olhar para uma revisão das estruturas para as crianças, de outro lado as forças econômicas conseguem impor modelos que têm prevalecido, muitas vezes mudando o rumo da educação infantil.

No Brasil, após a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), tivemos outros marcos importantes relacionados à educação e cuidado da criança pequena, entre eles, a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a Emenda Constitucional nº59 de 2009, que torna a Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos até 2016 – temos aí o marco da obrigatoriedade da Educação Infantil/pré-escolar – e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010).

Porém queremos destacar que, foi com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96 que a educação infantil entra legalmente para a história da educação, ela estabelece a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, esse marco significa uma “[...] conquista histórica que tira as crianças pobres de seu confinamento em instituições vinculados a órgãos de assistência social” (OLIVEIRA 2011, p. 117) e traz as crianças para o convívio com um grupo social mais amplo e diferente daquele que está habituado, isto é, a família.

Todas essas ações enfatizam o direito de as crianças viverem sua infância, de serem vistas como sujeitos sociais, e que se almeja na educação infantil; a integração entre educação e cuidado em que a distinção passa a ser por idade e não mais por tipo de serviço prestado.

Dessa forma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.12) a definem como

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

Essa breve retomada histórica da Educação Infantil, em que crianças que vivem a sua infância são os atores dessa modalidade de ensino nos faz perceber o quanto se avançou e o quanto ainda temos que avançar para um tratamento digno e igualitário para as crianças. Destacamos que as discussões sobre relações de gênero estão imbricadas nessa história, na qual a luta pelos direitos das mulheres possibilitou a criação das creches e, por consequência, a institucionalização da Educação Infantil, modalidade de ensino que ganhou notoriedade devido as mudanças sociais e econômicas que vêm ocorrendo a partir da modernidade.

### **3.2.1. Algumas aproximações: educação infantil e gênero**

Como colocado no item anterior à Educação Infantil tem uma trajetória baseada em dois vieses (HADDAD 2007), um ligado ao cuidado da criança pequena, tendo um apelo assistencialista, em que as crianças menos favorecidas economicamente eram atendidas em período integral. O outro viés foca a aprendizagem da criança em instituições denominadas pré-escolas ou jardins de infância onde a criança frequentava somente em período parcial. Pode-se dizer que a trajetória da Educação Infantil está direta e indiretamente ligada ao movimento feminista, entrelaçando a luta dos direitos das mulheres e a luta pelos direitos das crianças, pois tanto as crianças como as mulheres não eram vistas como sujeitos de direitos em uma sociedade patriarcal e capitalista como a nossa. Para Vianna e Unbehaum (2006, p. 411).

Frente ao intenso processo de urbanização das décadas de 1970 e 1980, as mulheres organizadas conseguiram introduzir a educação infantil na pauta como um direito à educação. É assim que o feminismo brasileiro vê contemplada na CF/1988 a proposta de creche, que adquire um duplo caráter: o direito da mulher à creche e à pré-escola para suas filhas e filhos e a conquista do direito da criança a um aparato educativo, pedagógico e de

cuidado extrafamiliar como uma medida eficaz de articulação das responsabilidades familiares, ocupacionais e sociais

Essa mudança levou as crianças a um processo de interação social muito maior, em que a relação adulto criança, menino e menina, menino e menino, menina e menina, permitiram uma construção social mais rica com momentos de interações, de brincadeiras, que possibilitaram a convivência entre as diferenças de raça/etnia, de idade, de gênero, de religião, isto é, a criança sai do espaço familiar e passa a frequentar o espaço institucional, o espaço coletivo. Para Finco (2010, p.52) “As experiências de gênero são vivenciadas desde as idades mais precoces, quando as crianças aprendem desde bem pequenas, a diferenciar os atributos ditos femininos e masculinos”, muitas vezes essas práticas são reproduzidas e produzidas no contexto da Educação Infantil evidenciando uma prática discriminatória, onde é evidenciado o papel do menino e o papel da menina e a demarcação das fronteiras de gênero.

Nesse sentido, consideramos que Scott (1995) pode contribuir com a educação e mais especificamente com os estudos de gênero na educação, pois assim como a infância, o gênero é visto como uma construção histórica, cultural e social. Constituiu-se, deste modo, num processo onde são observadas as articulações entre masculinidades e feminilidades dentro de uma determinada cultura, num processo contínuo, pois gênero pode ser percebido “como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT 1995, p.86).

Essas diferenças entre os sexos e as relações de poder e dominação muitas vezes são reproduzidas no contexto da Educação Infantil, pois carregamos historicamente concepções de uma sociedade patriarcal, e “gestos, movimentos, sentidos que são produzidos no espaço escolar e *incorporados*<sup>37</sup> por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*<sup>38</sup>” (LOURO, 2014, p. 65), muitas vezes reproduzindo as diferenças que levam às desigualdades.

Nesta aproximação de gênero com a Educação Infantil, percebemos o quanto é importante o professor utilizar criticamente o material didático e planejar suas atividades com as crianças de maneira a possibilitar a desconstrução de conceitos e práticas discriminatórias. Deste modo, possibilitará o estabelecimento de relações de

---

<sup>37</sup> Grifo do autor

<sup>38</sup> Grifo do autor

gênero mais igualitárias. Assim, ao observarmos as imagens presentes nos blogs educacionais, aqui tidos como um tipo de material didático para a Educação Infantil, concordamos com Felipe e Guizzo (2003) ao afirmarem que “as imagens não são inocentes e neutras, pois veiculam representações de gênero, raça/etnia, geração, produzindo identidade” (Ibid., p. 18).

Assim, conhecer o contexto da Educação Infantil possibilita entender o que foram os movimentos, estudos e pesquisas feministas que trouxeram historicamente avanços nas questões de gênero e da Educação Infantil. Isso nos torna parte de um processo social e político comprometido em problematizar as diferenças ou desigualdades geracionais e de gênero, que ainda, encontramos. Entretanto, os documentos que orientam as políticas curriculares da Educação Infantil, deixam muito a desejar ao tratar das questões de gênero.

A inclusão de gênero nas políticas educacionais e curriculares para a Educação Infantil se deu de forma clara e objetiva quando foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2006, p. 414) explicam que

Esse referencial defende a importância de se transmitir valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexo diferentes. Alguns trechos utilizam propositalmente meninos e meninas, ao invés de criança. Ressalta que a própria identidade de gênero e sexualidade extrapola a mera configuração biológica dos seres humanos e defende que meninos e meninas brinquem com as possibilidades relacionadas tanto aos papéis masculinos, quanto aos femininos, para além da reprodução de padrões estereotipados de gênero. Além disso, enfatiza o papel de educadores e educadoras na desconstrução dos significados de gênero nas relações infantis, quase sempre carregadas de sentido para que é ser menina e o que é ser menino.

Contudo, além das suas importantes contribuições, o RCNEI sofreu muitas críticas como em relação ao desprezo das contribuições das lutas feministas que articulavam cuidado e educação, com o sentido dúbio e confuso ao se referir a identidade de gênero e identidade sexual, ao atrelar gênero as distinções biológicas/sexuais, entre outras. No entanto, nesse percurso outras ações e programas foram criados no intuito de reconhecer e valorizar as diferenças (FINCO, 2010).

Atualmente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI - 2010), constituem-se no documento curricular que orienta a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil. Porém, observamos que as DCNEI (BRASIL, 2010, p. 17) trata de gênero apenas uma vez, isto é, na concepção da proposta pedagógica ao sugerir a construção de

[...] novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico/racial, **de gênero**<sup>39</sup>, regional, linguística e religiosa.

Bianca Salazar Guizzo e Jane Felipe (2015 apud CARVALHO; GUIZZO 2016, p. 197), consideram

[...] que as DCNEI (BRASIL, 2009) se eximem de uma importante função social no que diz respeito às discussões das temáticas de gênero e sexualidade no âmbito da escola (Ibid. 197). E destacam [...], julgamos importante mencionar que, mesmo com a crescente visibilidade que as questões de gênero e sexualidade têm ganhado especialmente a partir do final do século XX no âmbito educacional, em 2014 tivemos a aprovação do atual Plano Nacional de Educação (PNE/ Lei 13.005/2014). Nesse Plano as questões de gênero e sexualidade sequer foram citadas e limitou-se a um objetivo genérico de combate a qualquer forma de discriminação. Em razão da não inclusão das questões de gênero e sexualidade no PNE, sugeriu-se que tais questões deveriam integrar os Planos Estaduais e Municipais de Educação, cujas apresentações e homologações deveriam ocorrer em junho de 2015.

Desse modo, entendemos que as ausências podem estar refletindo as negociações possíveis entre as diferentes forças sociais que pressionam os legisladores. Nesse sentido as DCNEI deixem a desejar ao citar gênero, pois temos um compromisso histórico e cultural com a Educação Infantil, uma vez que “a Educação Infantil nasceu como um instrumento emancipador das relações entre homens e mulheres” (FINCO 2010, p. 68). As questões de gênero aqui problematizadas nos documentos curriculares são fundamentais para pensarmos em uma prática educacional mais igualitária e com uma visão mais crítica e política de professores. Acerca disso, Louro (2013), nos alerta que os silenciamentos também nos dizem muito. Para isso, o conhecimento teórico aliado a práticas educacionais para além de meras reproduções se fazem necessário.

Nesse viés concordamos com Scott (1995), pois as discussões sobre gênero são fundamentais para que possamos desconstruir e problematizar o pensamento binário sobre o masculino e o feminino e a sua lógica da dominação – submissão e passar a entender gênero no sentido relacional. Nesse sentido, segundo Torrão Filho (2005, p. 138), “Joan Scott chama a atenção para a necessidade de se entender gênero enquanto a relação entre os sexos, de como é assegurado um significado para os conceitos de homem e mulher e as práticas pelas quais os significados da diferença sexual são definidos”.

---

<sup>39</sup> Grifo nosso



Dessa forma, compreendemos a Educação Infantil como um espaço educacional privilegiado para essas desconstruções, tendo em vista a convivência social entre quem ensina e quem aprende. Finco (2008, p. 02) também alerta para a importância das discussões de gênero na Educação Infantil

É importante que os/as docentes que trabalham na Educação Infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização a meta de igualdade de gênero.

Portanto, percebe-se que as questões ligadas ao gênero permeiam todo o espaço social e a interferência pedagógica desde a Educação Infantil, em muito contribui para conceber a criança enquanto sujeito histórico e social. A possibilidade de problematização sobre como as relações de gênero são vividas e experimentadas por meninos e meninas permite que se supere práticas sexistas veiculadas por diferentes meios sociais, por exemplo: família, escola, materiais didáticos e a mídia em geral. Nessa direção, almejam-se convivências mais igualitárias de interação e de cooperação, para isso, conhecer como as discussões de gênero iniciaram nessa modalidade de ensino, é fundamental.

### 3.3 HISTÓRICO DOS BLOGS

Inicialmente, em termos históricos, podemos dizer que os blogs surgiram na década de 1990 e alguns pesquisadores afirmam que o termo weblog, foi usado primeiramente em 1997 por Jorn Barger, “para referir-se a um conjunto de sites<sup>40</sup> que “coleccionavam” e divulgavam links interessantes na Web” (BLOOD, 2000 apud AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008). Para outros, o primeiro weblog foi o primeiro website, e consideram que “Tim Berners-Lee, o inventor do world wide web<sup>41</sup> (www) e criador do primeiro website, é também considerado como o criador do

<sup>40</sup> Página ou conjunto de páginas da internet com informação diversa, acessível através de computador ou de meio eletrônico. Disponível em < <https://www.priberam.pt/DLPO/site>>. Acesso em 16 de mai. 2016

<sup>41</sup> World Wide Web significa em português rede de alcance mundial, também conhecida como Web ou WWW. Disponível em < <http://www.significados.com.br/world-wide-web/>>. Acesso em 17 de mai. 2016

primeiro weblog” (Ibid., p. 312). Os primeiros blogs que surgiram não se diferenciavam muito dos sites, pois foram criados por pessoas com conhecimento em informática, essa semelhança de blogs e sites, fez com que gerassem as dúvidas sobre sua primeira criação.

Atualmente, o termo blog, abreviatura de weblog é o mais usado. Esse termo weblog é derivado das palavras inglesas *web*<sup>42</sup> que significa rede e *log*<sup>43</sup> que significa diário de bordo, onde são realizados os registros do blogueiro (ROCHA, 2003).

Dessa forma, para Rocha (2003, p. 76) um blog pode ser entendido como

[...] um diário pessoal, uma home page<sup>44</sup> ou um site personalizado, dinâmico e interativo, atualizado frequentemente, quando o blogueiro quiser ou puder, com registros em ordem cronológica inversa (o último lançamento aparecendo sempre em primeiro lugar), utilizando programas simples que praticamente exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do blogueiro.

Entretanto, o conceito de blog vem se expandindo tanto nas últimas décadas que não temos um consenso da forma como os blogs podem se apresentar, alguns adotam maneiras bem pessoais e outros têm o intuito de divulgar também informações de cunho comercial. Amaral, Recuero e Montardo (2008, p.4) conceituam três opções que nos auxiliam a perceber como os blogs são concebidos pela literatura especializada

Como **artefatos culturais**<sup>45</sup>, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos indica também a sua percepção como virtual settlement<sup>46</sup> (JONES, 1997), uma vez que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais. Como **meios de comunicação**<sup>47</sup>, os weblogs são compreendidos através de sua função comunicativa e dos elementos que dela decorrem. Rebecca Blood (2002), em uma das primeiras obras a respeito dos blogs, explica que a apropriação deles focou o uso do sistema também como forma de conversação. A percepção dos blogs como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais está presente nesta vertente. O **conceito estrutural**<sup>48</sup>, por outro lado, permite

---

<sup>42</sup> Grifo nosso

<sup>43</sup> Grifo nosso

<sup>44</sup> Home page é a página inicial de um site, ou seja, é página de entrada quando o usuário digita o endereço eletrônico de um site. Disponível em: < <http://www.intermidias.com.br/seo-otimizacao-de-sites/o-que-e-home-page-landing-pages/>>. Acesso em 16 de mai. 2016

<sup>45</sup> Grifo nosso

<sup>46</sup> Um espaço virtual dentro de uma infraestrutura de linha em que suporta alguma forma de comunicação mediada por computador. É semelhante ao espaço físico no interior do qual uma solução arqueológica tradicional pode ser encontrada. Disponível em < <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.igi-global.com/dictionary/virtual-settlement/39721&prev=search>>. Acesso em 16 de mai. 2016.

<sup>47</sup> Grifo nosso

<sup>48</sup> Grifo nosso

apreender-se o blog enquanto formato, abrindo-se para múltiplos usos e apropriações.

Portanto, podemos perceber que encontramos vários tipos de blogs com os mais diferentes formatos e objetivos. Para Gomes (2005), o sucesso dos blogs está diretamente ligado ao fácil uso desse recurso, uma vez que, para produzir um blog basta ter um pouco de conhecimento de internet, pois há sites que disponibilizam espaço para o bloguista<sup>49</sup> ou blogueiro alojar e gerir seu blog sem nenhum custo, desde que tenha acesso à internet.

Em 2005, observamos que Leonel Vicente (apud GOMES & LOPES, 2007, p.119), prevê uma mudança na blogosfera<sup>50</sup> referente ao seu formato, pois relata que

[...] são inúmeras as possibilidades por explorar; tendencialmente, os blogues integrarão todos os conteúdos multimídia disponíveis, partindo das já bastante utilizadas fotos (fotoblogs), prosseguindo pelos conteúdos áudio (tendência que tem vindo a acentuar-se, com a disponibilização de “música de fundo”) chegando até ao vídeo e à partilha de aplicações.

Essa diversidade apontada por Vicente foi logo sendo percebida nos blogs, pois as mudanças no mundo virtual são constantes e rápidas, expandindo as possibilidades de comunicação em vários contextos, sejam eles profissionais ou pessoais.

Nesse viés, percebemos que essas mudanças e as diferentes formas de utilizar os blogs alcançaram também o campo educacional, chamando a atenção para o uso pedagógico do blog, que é gratuito e que sugere possibilidades de desenvolvimento em termos pedagógicos. Dito isto, na próxima seção falaremos um pouco sobre os blogs educacionais.

### **3.3.1 Blogs educacionais**

Os blogs educacionais, como são chamados, normalmente são utilizados para divulgar experiências pedagógicas, artigos científicos, disponibilizando imagens, conteúdos, vídeos, textos, etc. Nesse percurso, os blogs deixaram de ser somente diários eletrônicos ultrapassando as expectativas e auxiliando nos processos educacionais. Hoje temos blogs de professores, de alunos e de alunos e professores onde os mesmos

<sup>49</sup> Bloguista ou blogger – substantivo referente aos sujeitos autores de um blogue ou blog. Ibidem.

<sup>50</sup> Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social. A blogosfera é um fenômeno social. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>>. Acesso em 16 de jul. 2015.

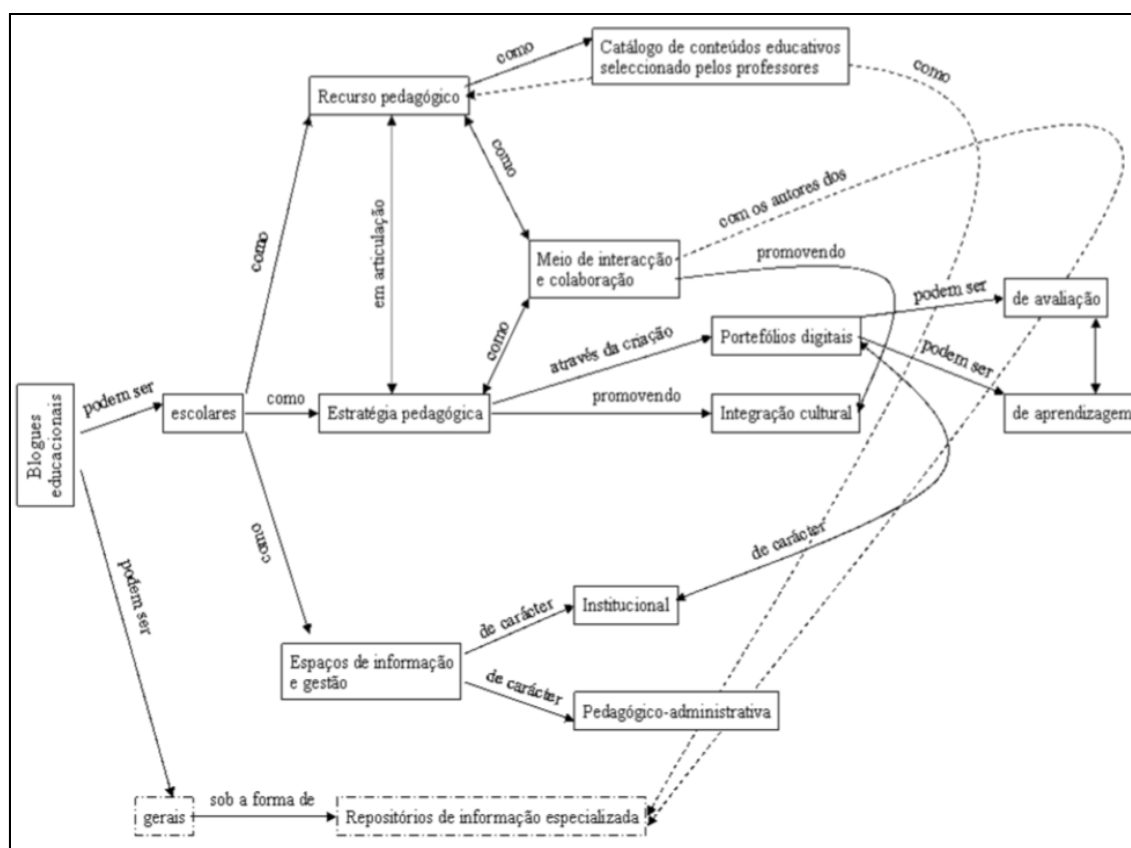
interagem buscando uma maior aproximação. Acredita-se que isso se dá devido à gratuidade do serviço e à facilidade de criar e manter um blog (SILVA, 2008).

Para Gomes e Silva (2010, p.292), os blogues educacionais são bastante abrangentes

Abarcando quer blogues que se dirigem especificamente a actividades escolares de carácter curricular e conteudal (focando conteúdos programáticos de um determinado nível de escolaridade e/ou de determinada disciplina) ou de carácter extracurricular, quer todo um conjunto de blogues que, não tendo sido idealizados tendo em vista qualquer tipo de exploração em contexto escolar, são, contudo, fortemente educativos e passíveis de serem explorados como um recurso educativo adicional.

Foi pensando nessa diversidade no uso dos blogs educacionais, que Gomes e Silva (2010) organizaram uma forma para representar essa diversidade de possibilidades, abordagens e inter-relação no uso dos blogs. As autoras não têm a intenção de hierarquizar, mas mostrar a grande variação e exploração pedagógica que o uso dos blogs educacionais pode proporcionar, pois envolve todo o universo educacional. Vejamos a figura 01.

Figura 01 – Representação esquemática dos diferentes tipos de explorações educativas dos blogues.



Fonte: Gomes e Silva (2010)

Assim, temos os blogs educacionais apresentados em três possibilidades: blogs como recurso pedagógico, blogs como estratégia pedagógica e blogs como espaço de gestão e informação. Essa apresentação explana as diferentes possibilidades de uso de forma didática e articulada, onde os diferentes usos podem se relacionar dependendo do objetivo.

Para esta pesquisa tomamos os blogs como recursos pedagógicos, pois como apresentam Gomes e Silva (2010) eles propõem conteúdos educativos selecionados por professores, que se constituem em repositório de informações especializadas, além de estar em articulação com estratégias pedagógicas sendo um meio de interação e cooperação para promover os processos de ensino e aprendizagem.

Todas essas estratégias e recursos de utilização dos blogs educacionais servem para auxiliar os professores em sua prática pedagógica assim como as demais tecnologias. Para Kenski (2007 apud MEIRELES E PARAÍSO 2013, p. 02) “a maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem o objeto, nem a sua substância, nem a sua finalidade. Elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico...”.

Portanto, ao observarmos as diferentes formas de apresentação dos blogs e os diferentes conteúdos e imagens que circulam em suas postagens, podemos perceber

Os modos de ser professor/a, de se comportar, de ensinar [...], pois por ser um artefato cultural e pedagógico que forma e produz modos de agir e conduzir [...] e as imagens fazem parte de um contexto que educa, ensina e forma (MEIRELES E PARAÍSO, 2013, p. 03).

São essas imagens presentes nos blogs educacionais que nos interessa para essa pesquisa uma vez que os blogs oferecem vastas possibilidades no campo da educação.

Nesse percurso tomamos as contribuições de Williany Miranda Silva (2014, p. 15) ao analisar os blogs pedagógicos e práticas digitais, pois cita os materiais para reprodução ou adaptação que aparecem nos blogs. A sua pesquisa sinaliza de

[...] forma representativa as postagens de materiais de reprodução que sistematicamente aparecem nos blogs. [...] estes são recorrentes e de fácil acesso. Não necessita de artefato além do próprio computador, e do acesso à internet, na forma de vários endereços para que um amplo material esteja disponível e ao alcance dos usuários nos referidos suportes. De fato, a mídia eletrônica consiste num indiscutível instrumento de apoio às atividades de ensino, pois as opções oferecidas satisfazem as necessidades informativas, numa urgência típica da atualidade, complementando-se com o apelo visual e auditivo que a tecnologia permite.

É nesse sentido que reiteramos a importância da análise e o olhar crítico para as imagens que circulam nos blogs educacionais e que são reproduzidas e/ou adaptadas ao ambiente escolar, com o intuito de uma prática pedagógica que desconstrua as relações de dominação e que reduza as desigualdades de gêneros, pois ao usar o blog como recurso pedagógico temos uma variedade de opções de sugestões que circulam nesses blogs e somente o filtro teórico nos possibilitará o uso de forma mais adequada.

### **3.3.2 Contribuições didáticas e pedagógicas dos blogs**

Pensar e falar em blogs e weblogs tornou-se comum nas escolas, seja para os professores ou para os alunos que, por vezes, indicam maior familiaridade com o uso da internet. Desde a sua criação, o número de blogs teve um aumento significativo nas diferentes áreas, entre elas, a educação. Esse tema tem se destacado pela atualidade e pela quantidade de recursos e estratégias pedagógicas que o mesmo proporciona.

Os blogs podem contribuir com todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil ao ensino superior, pois por seus meios surgem novas formas de se comunicar, partilhar informações, aprender e ensinar, etc. (GOMES 2005).

Atualmente, existe uma diversidade muito grande de práticas educativas, circulando por meio dos blogs<sup>51</sup>. Nesse sentido, Gomes (2005, p.65), relata que

Há blogs criados e dinamizados por professores ou alunos individuais, há blogs de autoria colectiva, de professores e alunos, há blogs focalizados em temáticas de disciplinas específicas e outros que procuram alcançar uma dimensão transdisciplinar. Há blogs que se constituem como portfólios digitais do trabalho escolar realizado e blogs que funcionam como espaço de representação e presença na Web de escolas, departamentos ou associações de estudantes. O leque de explorações e o número de professores e alunos envolvidos não para de aumentar. A blogosfera educacional é cada vez mais transversal aos diferentes níveis de ensino, do pré-escolar ao ensino superior.

A autora sinaliza que há diferentes formas de explorar os blogs no contexto educacional, sejam eles de forma individual ou coletiva.

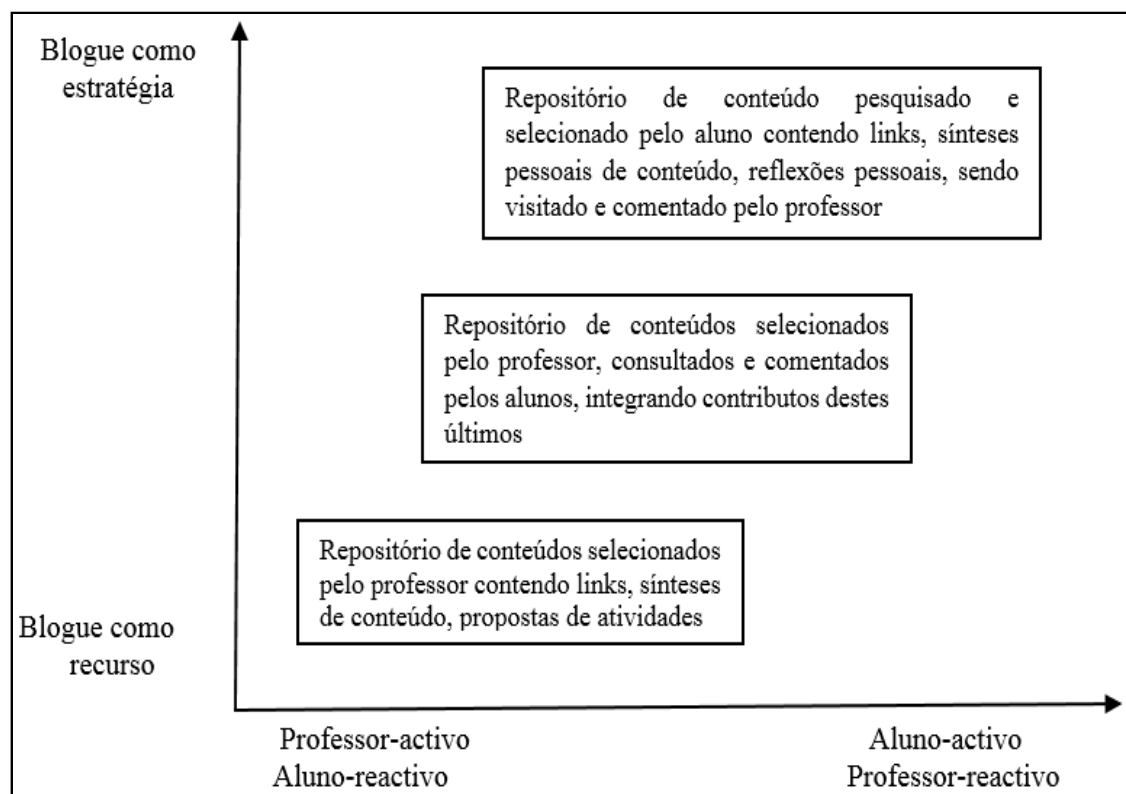
Gomes e Lopes (2007), sinalizam para a importante contribuição dos blogs no contexto educacional e consideram os blogs em duas vertentes: blogs enquanto recurso

---

<sup>51</sup> Weblog, blog, ou blogue na grafia portuguesa sugerida pela Associação para a Promoção e desenvolvimento da Sociedade da Informação em Portugal (AAVV, 2005). GOMES, Maria João; LOPES, António Marcelino. Blogues escolares: quando, como e porquê? - 2007. Disponível em: Disponível <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf>. > Acesso em 03de ago. 2015. Estará nas citações conforme registro do autor.

pedagógico e blogs como estratégia pedagógica. As autoras fazem uma diferenciação entre os tipos de blogs para melhor sistematizar o entendimento e o seu uso, ver figura 02.

Figura 02 – Representação da exploração dos blogues<sup>52</sup> como recurso ou como estratégia pedagógica.



Fonte: Ibid., p. 121

O que diferencia as duas formas é a maneira como os professores e os alunos irão utilizá-los. Pois, segundo Gomes e Lopes (2007), os blogues, como recurso pedagógico, podem ser utilizados de duas formas – uma delas está associada a utilização de blogs alheios à escola, mas que são fontes de informação e contém temas relacionados as disciplinas lecionadas pelos professores. O segundo está relacionado diretamente ao professor, que cria e dinamiza pelo blog conteúdos relacionados aos temas que leciona ou que tem interesse.

Nesse sentido, o blog utilizado como recurso pedagógico, pressupõe uma relação passiva, limita-se a visualização e leitura dos posts e, eventualmente realiza algum comentário. Isso diz respeito a todas as pessoas que utilizam os blogs para acessarem

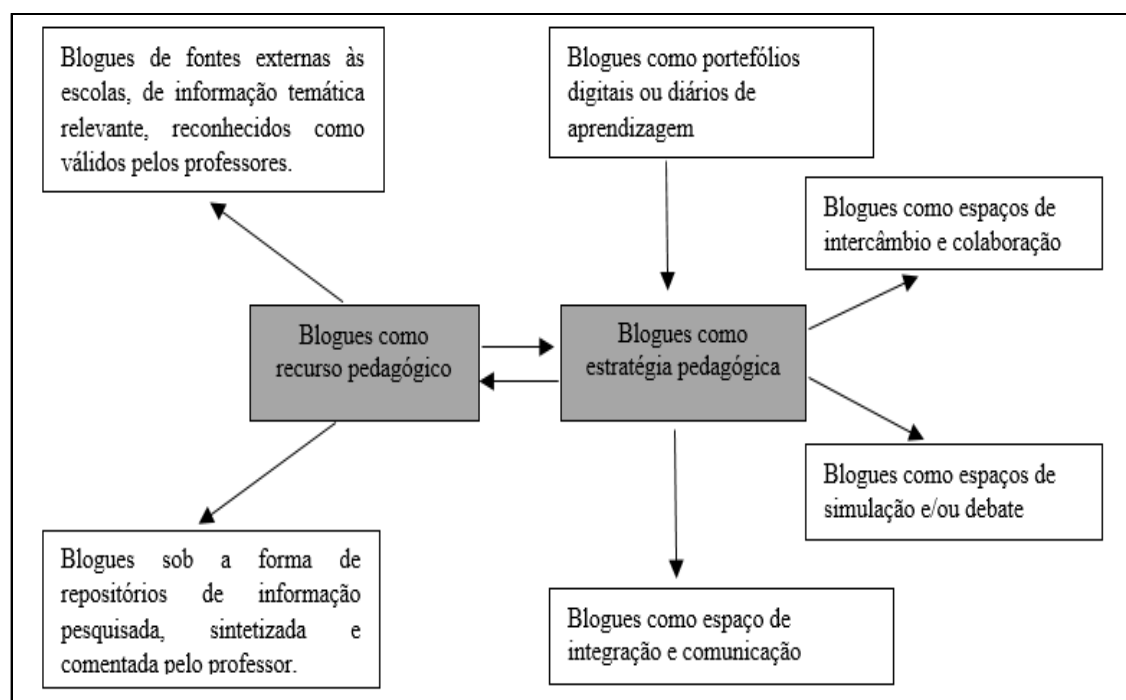
<sup>52</sup> Termo utilizado pelos autores Maria João Gomes e António Marcelino Lopes (2007).

informações, sejam elas alunos e/ou professores, onde quem lê é o receptor passivo e quem alimenta o blog é o sujeito ativo.

Ao observar os blogs pela outra abordagem, referente à estratégia pedagógica, observamos que o sentido dos blogs muda radicalmente, pois “transforma os blogs numa estratégia de ensino e aprendizagem, que visa conduzir os alunos a atividades de pesquisa, seleção, análise, síntese e publicação de informação [...]”, conforme, Gomes e Lopes (2007, p.123). Nessa abordagem os alunos são sujeitos ativos do processo, desempenhando o papel principal na produção, pois eles criam os blogs, pesquisam, analisam, sintetizam e publicam suas atividades (GOMES E LOPES, 2007).

Na abordagem, estratégia pedagógica, a autora destaca várias possibilidades de exploração do uso dos blogs. Observe na figura abaixo a representação desse esquema.

Figura 3 – Representação das explorações educacionais dos blogues.



Fonte: Ibid., p. 124

Todas essas estratégias centram-se no caráter pedagógico, sinalizando possibilidades e exploração educacional no uso dos blogs, destacando que essa autora aponta para inúmeras outras possibilidades, mas que dependem do objetivo do professor ao usá-lo. Gomes (2005, p. 315) está convicta de que “não estamos perante uma “moda” passageira, mas sim perante um novo recurso que pode suportar diversas estratégias de ensino e aprendizagem”.



Portanto, ao realizarmos essa aproximação com as duas abordagens pedagógicas do uso do blog: “blog como recurso pedagógico” e “blog como estratégia pedagógica”, percebemos que a nossa pesquisa tratará do blog como “recurso pedagógico”, pois não iremos propor nenhuma atividade de ensino e aprendizagem aos alunos e, sim analisaremos como as imagens sobre as relações de gênero são veiculadas pelos blogs educacionais, em especial nas atividades relacionadas à Educação Infantil. Ressaltando-se a importância dessa análise apreendida por meio das ilustrações que compõem as diferentes atividades didáticas endereçadas às crianças pequenas.

## 4. ANÁLISE FORMAL E DISCURSIVA

### 4.1 GRADE ANALÍTICA

Nossa grade de análise teve como base e suporte o manual de análise utilizado e adaptado por Moura (2007)<sup>53</sup>, como estratégia para a estruturação dos dados referente às ilustrações presentes nos blogs educacionais. Utilizamos o Manual – Personagens nas Ilustrações – realizando as adaptações necessárias buscando atender as nossas necessidades.

A metodologia HP, que propõe uma abertura teórico-metodológica, nos possibilitou observar as contribuições de Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p.67), as quais são pertinentes à nossa pesquisa, pois em seu trabalho sobre pesquisa qualitativa na internet<sup>54</sup> destacaram que

A pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social. Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema e pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser relacionados deliberadamente, conforme apresentam as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais a pesquisa.

Nesse viés, iniciamos então a produção de dados para uma análise preliminar das duzentas e trinta e três (233) ilustrações que foram compiladas dos dois blogs analisados, a saber: Cantinho Educativo e Cantinho do Educador Infantil. A partir das variáveis sobre a natureza do personagem, individualidade, sexo, cor/etnia e etapa da vida. A tabulação desses dados contribuiu para as análises das ilustrações que serão apresentadas na próxima seção.

Destacamos, anteriormente, o total de ilustrações observadas, entretanto, as análises que serão apresentadas a seguir, referem-se a uma amostra, selecionada aleatoriamente. Deste modo, nossa análise é composta por quarenta (40) ilustrações distribuídas em número de vinte para cada blog. Esclarecemos que esse número terá variações por conta de que algumas ilustrações eram compostas por duas imagens. Vejamos no quadro abaixo os dados gerais das ilustrações.

---

<sup>53</sup> O manual utilizado foi adaptado de Rosemberg (1981) e Pinto (1981).

<sup>54</sup> Obra dessas autoras intitulada: “Métodos de pesquisa para a internet” (2013).

Quadro 04 – Grade analítica

COLUNA	INFORMAÇÃO	BLOG	BLOG	TOTAL
A	<b>Endereço dos blogs</b>	<a href="http://www.cantinhoeducativo.com.br/#axzz3gRevFmMy">http://www.cantinhoeducativo.com.br/#axzz3gRevFmMy</a>	<a href="http://www.ensinar-aprender.com.br/">http://www.ensinar-aprender.com.br/</a>	02
B	<b>Ilustrações dos Blogs</b>	<b>85</b>	<b>148</b>	<b>233</b>
C	<b>Total</b>	Total	Total	Total Geral
D	<b>Natureza Humano</b>	163	626	789
	Antropomorfizado <sup>55</sup>	01	25	26
	Indeterminado <sup>56</sup>	198	340	538
E	<b>Individualidade Indivíduo</b>	163	626	789
	Multidão	-	-	-
	Indeterminado <sup>57</sup>	-	-	-
F	<b>Sexo<sup>58</sup> Masculino</b>	98	343	441
	Feminino	61	247	308
	Indeterminado <sup>59</sup>	04	36	40
G	<b>Cor-Etnia Branco</b>	155	613	768
	Preto	05	05	10
	Pardo	03	03	06
	Índio	-	05	05
	Outros	-	-	-
	Indeterminado <sup>60</sup>	-	-	-
H	<b>Etapas da vida Criança</b>	154	495	649
	Adulto	09	118	127
	Idoso	-	13	13
	Indeterminado <sup>61</sup>	-	-	-

Fonte: Blog Cantinho Educativo e Cantinho do Educador Infantil.

<sup>55</sup> Dar ou adquirir forma humana. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/antropomorfizado>>. Acesso em 12 mai. 2016

<sup>56</sup> Outros: objetos, plantas, animais etc.

<sup>57</sup> Quando não conseguimos identificar a individualidade.

<sup>58</sup> Utilizaremos sexo, pois estamos nos referindo à identificação e não a identidade (MOURA 2007).

<sup>59</sup> Quando não conseguimos identificar o sexo, por exemplo, do bebê.

<sup>60</sup> Quando não conseguimos identificar a cor/etnia.

<sup>61</sup> Quando não conseguimos identificar a etapa da vida.

Com base nos dados explicitados pelas ilustrações levantamos as características gerais dos personagens que compunham os blogs educacionais endereçados aos docentes da educação infantil. Sobre a natureza dos mesmos percebemos que a natureza humana é predominante, identificamos setecentos e oitenta e nove (789) imagens com pessoas, ressaltamos que a incidência da natureza antropomorfizada não é tão expressiva, pois encontramos vinte e seis imagens que representavam a forma humana desempenhada por animais, plantas e outros objetos. Também encontramos ilustrados animais, plantas e outros objetos que denominamos de natureza indeterminada.

Na categoria individualidade em todas as ilustrações observadas foi possível perceber que as imagens humanas se apresentaram, predominantemente, como indivíduos<sup>62</sup>. A variável multidão não esteve presente nas ilustrações dos blogs o que tornou possível uma maior contabilização dos indivíduos presente nas mesmas.

Alguns dados, como sinalizamos, são predominantes nas ilustrações. Destacamos que um deles refere-se à disposição das ilustrações referente ao sexo<sup>63</sup> das personagens. Das setecentas e oitenta e nove imagens humanas que levantamos nos blogs, quatrocentas e quarenta e uma (55,89%) são masculinas, trezentas e oito (39,03%) são femininas e quarenta (5,06%) foram imagens que agrupamos na variável indeterminado, pois são imagens que dificultaram a identificação do sexo por se tratar de bebês ou por estarem de costas na ilustração.

Com relação à categoria cor/etnia identificamos setecentas e sessenta e oito personagens brancos (97,33%); dez personagens (1,26%) representando negros, seis (0,76%) representando os pardos e 05 personagens (0,63%) representando os índios. Nesse item fica evidente a predominância da cor branca dos personagens representados nas ilustrações observadas nos blogs.

Nesse percurso, observamos uma grande incidência de imagens de personagens crianças representadas por seiscentos e quarenta e nove personagens, perfazendo 82,25%; em seguida observamos cento e vinte e sete personagens adultos representando 16,09% e em seguida a representação dos idosos em treze imagens (1,64%).

---

<sup>62</sup> Nesse contexto da pesquisa queremos salientar que o individual não quer dizer sozinho e, sim possível de contabilização. (MOURA 2007).

<sup>63</sup> A identificação do sexo das personagens seguiu convenções culturais e sociais, por exemplo: as meninas são identificadas nos blogs pelo uso de saia e/ou vestido, babados no colarinho das blusas, cabelo comprido solto e/ou amarrado, algumas tinham laços no cabelo e “chuquinha”, feições sorridentes. Nas imagens coloridas as meninas estão vestidas com roupas em tons de cor-de-rosa. Por outro lado, os meninos são apresentados com cabelo curto, uso de bermuda e/ou calça e nas imagens coloridas roupas de tons escuros (azul). Para os bebês utilizamos a mesma regra para identificação.

Esses dados revelaram que temos nas ilustrações observadas a incidência da supremacia de pessoas do sexo masculino, brancas e crianças. Destacamos o fato de ser interessante observarmos a maioria das ilustrações serem compostas por crianças, tendo em vista seu endereçamento para a Educação Infantil. Essas imagens nos permitiram construir nossa amostra.

#### **4.1.1 Procedimentos para produção e análise dos dados**

Os blogs são recursos educacionais que passaram a ser utilizados com o avanço da internet na década de 90. As configurações e *layout* são muito variadas podendo ser mudadas conforme a vontade do autor, pois o blog permite essas mudanças.

De forma geral, a pesquisa nos blogs pode ser feita de duas formas: pelos títulos indicado no arquivo ou pelo ícone pesquisa. Nós utilizamos os arquivos onde continham indicadores de temas relativos à Educação Infantil (infância, criança, maternal e educação infantil).

Dessa forma, encontramos no Blog Cantinho Educativo os seguintes itens: varal para trabalhos; quadro de rotina; rotina; quadro de pode e não pode; com a mão também se cria; modelo de relatório individual do aluno. No blog Cantinho do Educador Infantil temos: regrinhas e combinados (composto por nove subitens: plaquinhas de combinados, regras e rotina, mural das palavrinhas mágicas, palavrinhas mágicas, rotina visual para creche, organização da turma regrinhas, combinados de turma, regras e combinados, regrinhas e combinados e regras de convivência); maternal (subitens de postagens: exercícios de coordenação motora fina, numeração de 1 a 5, atividades com mãozinhas, projeto socialização 2 a 3 anos, estímulo motor berçário 2 e maternal 1, identificação berçário 2 e maternal 1 – exercícios de coordenação motora fina); família (subitens: família, imagens para colorir, o livro da família, painel da família, a família atividades); atividades de identidade e tracejado para o maternal.

Após identificar todas as postagens relacionadas à Educação Infantil, fizemos um print screen<sup>64</sup> (captura de tela) de todas as atividades relacionadas à educação infantil e as numeramos. Para essa tarefa o acesso ao blog Cantinho Educativo, foi em julho de dois mil e quinze, recolhemos oitenta e cinco ilustrações e do blog Cantinho do Educador Infantil, acesso também de julho de dois mil e quinze, contemplou cento e

---

<sup>64</sup> Neste estudo o print screen será denominado ilustração

quarenta e oito ilustrações. Algumas ilustrações possuíam duas imagens, dessa forma numeramos e organizamos as ilustrações da seguinte maneira: Ilustração 11, a primeira ilustração será denominada 11.1 e a outra 11.2, assim sucessivamente.

Em um primeiro momento pensamos em trabalhar com todas as imagens presentes no blog que tivessem a figura humana, para isso observamos as imagens e levantamos categorias de seu contexto, por exemplo: brinquedos e brincadeiras, docentes, leitura e escrita, família e relações sociais. Entretanto, aceitamos as sugestões do grupo de pesquisa em Desenvolvimento Humano, Cultura e Educação – UFFS, o qual propôs que trabalhássemos com categorias teóricas ao invés de categorias de contexto, as quais nos permitiriam inferir sobre as tensões de gênero, temática central da nossa pesquisa.

Dessa forma as ilustrações foram analisadas tendo como base três categorias, a saber: expressão corporal (ativo – passivo), espaço (público/privado – escolar) e papéis (cuidado – profissão – brinquedo), inferidas dos resultados da revisão de literatura e das teorias por nós utilizadas<sup>65</sup>. Como tínhamos uma quantidade muito grande de imagens o grupo também sugeriu uma reorganização da quantidade de imagens que utilizaríamos. Decidimos então que essa seleção seria por meio de sorteio aleatório, uma vez que “a seleção aleatória simples pretende que cada elemento do universo da pesquisa tenha tanta chance de ser escolhido quanto qualquer outro” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2013, p.77).

Assim, com as ilustrações numeradas e compiladas passamos a produção do nosso *corpus* da pesquisa. No dia treze abril de dois mil e dezesseis, foi realizado o sorteio aleatório das ilustrações presentes nos dois blogs pesquisados, conforme segue a numeração abaixo. Delimitamos o sorteio para vinte ilustrações de cada blog, lembrando que algumas ilustrações são compostas por duas imagens, deste modo os números presentes no quadro abaixo referem-se às ilustrações sorteadas. Durante o sorteio algumas ilustrações se repetiam, pois apareciam mais de uma vez no blog ou não apresentavam figuras humanas, em função disso as ilustrações foram sendo substituídas por outro sorteio aleatório. Vejamos o quadro abaixo.

---

<sup>65</sup> A pesquisa mostrou a incidência dessas categorias para o estudo relacionado a temática: gênero.

Quadro 05 – Ilustrações do *corpus* de análise

Número das Ilustrações do Blog Cantinho Educativo				Número das Ilustrações do Blog Cantinho do Educador Infantil			
11	12	13	15	15	20	24	36
16	19	20	22	48	53	55	59
24	25	27	31	61	64	66	91
32	42	61	68	92	96	111	117
72	74	75	77	119	136	141	144

A seguir apresentamos os procedimentos de categorização da pesquisa e a análise das ilustrações sob a ótica teórica de Joan Scott (1995) e de John Thompson (2011), assim como dos demais autores que se aprofundam no estudo da temática sobre as relações de gênero.

Para a disposição das ilustrações na análise, elas seguirão uma ordem numérica crescente iniciada pelo número 01 e não a ordem apresentada no sorteio.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS DE CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA

As categorias para este estudo foram obtidas por meio da revisão de literatura referente aos estudos sobre gênero apresentada no Capítulo – Contexto sócio-histórico de produção, circulação e recepção dos blogs. Dessa forma tentamos articular tanto as teorias que fundamentaram nossas análises quanto a seleção das categorias, que se aproximassem da temática de gênero. Nossa organização privilegiou a explanação de três categorias, divididas em subcategorias, são elas: 1) expressão corporal – ativo e passivo; 2) espaço – público/privado e escolar; 3) papéis – cuidado; profissão e brinquedo; no sentido de iluminar para nossas análises por meio das ilustrações selecionadas.

Dessa forma, passamos a observar as ilustrações sorteadas para identificar a categoria mais adequada a cada uma delas. Assim, as imagens que apresentavam movimento ou não, interpretamos e a incluímos na categoria expressão corporal. Por outro lado, as ilustrações em que os personagens frequentavam o espaço público/privado e/ou espaço escolar incluímos na categoria espaço. As ilustrações que identificavam os papéis de gênero, como cuidado; profissão e brinquedos foram agrupadas na categoria papéis. Veja o quadro abaixo.

Quadro 06 – Dados das ilustrações por categorias/subcategorias

Categorias	Subcategorias	Predominantemente feminino	Predominantemente masculino	Misto	Total de imagens
Expressão corporal	Ativo	/	04	08	12
	Passivo	01	02	03	06
Espaço	Público/privado	/	04	03	07
	Escolar	02	03	13	18
Papéis	Cuidado	01	02	02	05
	Profissão	04	02	/	06
	Brinquedo	/	02	04	06

Acreditamos que nossas análises baseadas nessas três categorias possibilitaram o alcance do objetivo proposto nesta pesquisa.

#### 4.2.1 Análise das categorias selecionadas e algumas articulações entre os dados e as teorias

Nesta seção apresentamos e analisamos as ilustrações veiculadas pelos blogs educacionais endereçadas à Educação Infantil que compuseram o *corpus* desta pesquisa na perspectiva das relações de gênero.

Nosso olhar para essas ilustrações esteve voltado ao estranhamento sobre as questões, concebidas pela maioria das pessoas, como normais e/ou naturais referentes às relações de gênero, com o objetivo de possibilitar reflexões e desconstruções sobre lugares, ações e situações de estereótipos masculinos e femininos.

As autoras Meireles e Paraiso advertem sobre o sentido das formas simbólicas (ilustrações) no contexto educacional, que o mesmo pode possibilitar avanços relativos à representação de gênero. Acrescenta-se a isso que, também “podem constituir um currículo, que institui modos de ser, de se comportar” e do que é pertinente a meninos e meninas (MEIRELES E PARAÍSO, 2013, p.03).

Tanto Scott (1995) quanto Thompson (2011) sinalizaram acerca da importância das construções simbólicas (via imagens, textos entre outros) como construtoras e constituintes da sociedade. Isto é, auxiliam a incorporação de concepções sobre o homem, o mundo e a sociedade, que possibilitam avançar em termos da naturalização das atitudes mais frequentes para meninos e meninas.



Dessa forma entendemos que o olhar de quem observa essas atividades presentes nos blogs deverá ser um olhar crítico, para desvelar as relações de dominação ainda presentes nas ilustrações que abordem os diferentes gêneros. Thompson (2011, p. 287) sugere “deixar aberta a possibilidade de que a recepção das mensagens dos meios de comunicação possa ser um processo ativo, inerentemente crítico e socialmente diferenciado”, nos permitindo estar atentos a essa recepção das mensagens apresentadas pelas imagens nos blogs e a importância nas práticas pedagógicas da observação atenta e crítica de certas imagens que possibilitam a transformação no olhar sobre as diferenças apresentadas pelas relações de gênero.

Assim, ao visualizarmos imagens em atividades pedagógicas com meninos e meninas, carregadas de simbolismos, temos que levar em consideração que os blogs, aqui pesquisados, apesar de serem um recurso pedagógico para os professores veiculam modos de ser e estar no mundo. Portanto sabemos que na escolha das ilustrações que compõem os blogs, seus autores nem sempre possuem formação específica sobre a temática do gênero, ou mesmo de raça/etnia, assim concordamos com a ideia de que “o blog é uma personalização de seu autor, que é expressa a partir de suas escolhas de publicação” (AMARAL, RECUERO E MONTARDO, 2008, p. 05).

Nesse sentido, sinalizamos que o conhecimento sobre as diferenças de gênero que podem levar as desigualdades deverá fazer parte da formação inicial e continuada de professores com o objetivo de elucidar sobre o fato de que as diferenças entre meninos e meninas não devem servir para manter e sustentar relações de dominação. Assim, é importante esclarecer e conscientizar sobre as estratégias de eternalização e naturalização impostas e propostas nas representações simbólicas que abrigam e distanciam o feminino e o masculino.

Dessa forma, como já sinalizamos, as análises das ilustrações foram organizadas por categorias já sinalizadas, a lembrar: expressão corporal; espaço e papéis. Passamos para identificação e análise das concepções de gênero implícitas e explícitas nas ilustrações selecionadas, bem como as articulações com as teorias propostas neste estudo. Assim a apresentação das articulações teóricas ocorreu entrelaçada às categorias e a numeração das ilustrações seguiu uma ordem crescente iniciando-se pelo número 01, sendo acompanhada pela identificação do blog analisado.

#### 4.2.1.1 Expressão corporal

Para esta categoria as ilustrações foram selecionadas levando em consideração a expressão corporal (ativo e passivo) desempenhados por meninos e meninas. Tendo como base as seguintes questões: Como as relações de gênero se apresentam nas imagens que evidenciam movimento e ação por parte de seus personagens? Como são apresentadas as questões ligadas ao gênero? Como as ilustrações evidenciam os movimentos e ações das meninas e dos meninos nos diferentes contextos presentes nas ilustrações?

##### 4.2.1.1.1 Ativo

Na ilustração 01 (HORA DE CANTAR E DANÇAR), notamos a presença das relações de gênero veiculando a colaboração e a interação no ato de brincar entre o menino e as meninas, pois brincam juntos, e percebe-se movimentos e ações realizados de maneira uniforme sem apresentar a prioridade para nenhum dos gêneros. As meninas estão brincando junto com o menino, pressupondo que a dança deverá ser uma brincadeira pertencente aos dois gêneros.



Sendo assim essa ilustração nos revela um avanço das compreensões sobre as relações sociais pertencentes às relações de gênero com relação à dança, pois ouvimos por muito tempo que “dança não é coisa de menino”, e ao brincar as crianças criam suas formas de relacionarem-se uns com os outros. Para Déborah Thomé Sayão (2003, p. 83-84)

Uma visão mais apurada daquilo que as crianças fazem quando brincam ou expressam nas instituições educativas pode emergir aos adultos que meninos e meninas fazem parte e contribuem para a construção de processos sociais[...] eles e elas estão evidenciando o seu potencial transformador, transgressor [...] neste momento, como em outros, as crianças se mostram “ensinantes”, possibilitando a transformação de muitos elementos presentes na realidade.

Essa ilustração representa esse papel transformador citado por Sayão (2003), em que a circulação de experiências e atividades pedagógicas é o principal foco,

possibilitando perceber as relações sociais que envolvem meninos e meninas em situações lúdicas.



Ilustração 02: PODE – NÃO PODE  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

Na ilustração 02 (PODE/NÃO PODE) algumas imagens serão analisadas de forma desmembrada. Cabe ressaltar que percebemos que as atitudes ilustradas sobre atrito/agressividade/mando são mais evidenciadas pela presença dos meninos. Por outro lado, nas imagens que ilustram o que “Pode” parece haver um equilíbrio entre os meninos e as meninas. Verifica-se também que

a figura masculina é **a responsável**<sup>66</sup> pela mensagem do que “Pode” e o que “Não pode”.

Nesta análise não se pretende apenas comentar o que é de menino e de menina, porém, como sinaliza Scott (1995) necessitamos analisar criticamente o discurso e as práticas que envolvem as questões relacionadas aos gêneros, tanto em termos históricos como culturais. Thompson (2011) aponta para a importância de estarmos atentos ao conteúdo das mensagens presentes nos meios de comunicação e aos modos de apropriação dessas mensagens que se reproduzem na mídia, neste caso nos blogs educacionais, que de maneira rápida e fácil seu conteúdo pode ser acessado e reproduzido.

Nessa direção Siqueira, Wiggers e de Souza (2012) ao pesquisarem sobre a influência da mídia no ambiente escolar e sua relação com o movimento corporal infantil, concluem em sua pesquisa que “as mensagens amplamente veiculadas pela mídia, incluindo aquelas que enfatizam a violência, ocupam um lugar importante, tornando-se conteúdo de brincadeiras e jogos simbólicos vivenciados por crianças” (Ibid., p. 323). Destacam as mensagens midiáticas que estão presentes no repertório de brincadeiras das crianças, ao explicitarem a importância de ampliar o olhar da escola para essas situações que permeiam o ambiente escolar, direta e/ou indiretamente. Dessa forma ao apresentar às crianças atividades de recursos midiáticos, no contexto escolar, cabe-nos o mesmo alerta relatado pelas autoras, pois podemos por meio das imagens

<sup>66</sup> Grifo nosso

produzir e reproduzir conceitos acompanhados de situações que envolvem e propiciam as desigualdades de gênero.

Ao observarmos a figura 03 (FORMAR FILA SEM EMPURRAR), temos a representação das relações de gênero ressaltando a organização e cooperação entre meninos e meninas para organizar a denominada “fila” para se locomover no espaço escolar.

Esse tipo de ilustração revela processos de evolução presentes entre o espaço ocupado pelos mesmos. Assim, observam Cláudia Vianna e Daniela

Finco (2009) que há a necessidade de superação sobre a maneira de e como se organizar as filas, tendo em vista a não separação entre meninos e meninas, infelizmente, uma prática ainda muito usada no cotidiano escolar.

Portanto nesta ilustração não se explicitou uma fila distinta para meninas e meninos, isto é, não se propõe sustentar e manter as diferenças de gênero. Para a autora Kischimoto (2000, apud FINCO 2010, p.109) “se a escola é o espaço de produção do saber, a reflexão sobre a escola deveria privilegiar o conhecimento e não a separação entre os sexos”. Dessa forma ao apresentar essa ilustração de cooperação, entre os gêneros, o blog sinaliza que práticas decorrentes desse tipo de relação podem e devem expressar comportamentos menos separatistas, visto que as imagens encontradas nos blogs são recursos pedagógicos utilizados pelos professores (SILVA 2014) e, que muitas vezes, refletem no contexto escolar formas de ser e estar no mundo.

Por outro lado, destacamos a ponderação de Daniela Finco (2010, p 109 - 110) no seguinte alerta



Ilustração 03: FORMAR A ...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

A organização da fila acaba tendo como finalidade fazer com que as meninas possam servir como bons exemplos para os meninos [...]. A prática educativa das “filas de meninas” e “filas de meninos” realizada cotidianamente vai confinando os comportamentos das meninas para que sejam mais responsáveis, dedicadas, comunicativas, estudiosas, interessadas e sensíveis, e os meninos para que sigam o modelo. A prática da fila com os meninos vincula seus corpos aos seguintes comportamentos: são malandros, são dispersivos, são agitados. Considerando que as professoras têm o conhecimento de que as crianças gostam de ser as primeiras na organização da fila, esta prática pedagógica justifica uma forma de “punição” para os meninos.

Levando em consideração essas autoras, ao observarmos a menina no começo da fila, temos a impressão de que é ela quem conduz os demais, porém, podemos também, refletir sobre a possibilidade de ser um modelo de comportamento, como um exemplo a ser seguido pelo menino.

Por outro lado, percebemos nessa ilustração, uma desconstrução da lógica binária, onde a fila mista pode ser o início de novas possibilidades de organização e de relações de gênero no cotidiano das rotinas escolares. Para Louro (2014, p. 36)

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busque os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita.

Nesse sentido, a fila vista desta forma pode trazer novas configurações ao cotidiano escolar, com novas possibilidades de relações de gênero, tal como a cooperação e a interação em que a menina pode ser vista para além de um modelo a ser seguido.

A ação representada por um menino<sup>67</sup> na ilustração 04 (NÃO PODE CORRER NA CLASSE), reforça que as habilidades físicas de ação parecem naturais aos meninos, pois as meninas são consideradas mais calmas e comportadas. Nesse sentido, os estudos sobre as desigualdades de gênero têm apontado para a necessidade de desconstruir essa polarização: menino pode correr, menina não, se o fizer poderá receber a alcunha de “maria moleque” (MOURA, 2007).



Ilustração 04: NÃO...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

<sup>67</sup> Como sinalizamos anteriormente o blog distingue os meninos das meninas com diferentes adereços, como os representados na ilustração 03. Dessa forma, nos referimos criança do sexo masculino na ilustração 04, tomando como exemplo as representações dos blogs e teremos o mesmo posicionamento nas imagens que serão apresentadas no decorrer desta pesquisa.



Ilustração 05: NÃO ...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

Da mesma forma, ao observarmos a ilustração 05 (NÃO PODE EMPURRAR O AMIGO) e a ilustração 06 (NÃO PODE GRITAR!), temos que atitudes de atrito e agressividade são representadas pelo



Ilustração 06: NÃO ...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

gênero masculino, como se meninas e meninos estivessem em condições diferentes frente às relações sociais presentes na escola.

Percebemos nas ilustrações 05 e 06 que as regulações mediante o comportamento, tanto físico quanto verbal, estão endereçadas ao gênero masculino, embora os dois gêneros sofram regulações de comportamento.

Na perspectiva das relações de dominação propostas por Thompson, essas ilustrações naturalizam o comportamento masculino enquadrando os meninos ao comportamento agressivo, tornando essas atitudes como naturais ao universo masculino, ressaltando e destacando seus atributos desde a mais tenra idade.

Entretanto, na ilustração 07 (NÃO PODE BRIGAR!), temos a agressão, o atrito, o conflito envolvendo os dois gêneros. A relação de gênero ilustrada evidencia a agressividade masculina e a fragilidade feminina, por meio da disputa, da dominação pela força e veicula que o comportamento agressivo fica novamente natural a uma atitude masculina, que pode levar, mais tarde, a naturalizar as agressões e a violência contra a mulher. Gabriela Silveira Meireles (2009, p 10) em sua pesquisa faz uma análise da frase “bater em mulher é covardia”, e essa análise se aproxima muito da mensagem que nos transmite essa ilustração quando a autora adverte



Ilustração 07: NÃO...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

Importa-nos ainda perceber que a construção da ideia de que “*bater em mulher é covardia*” provavelmente carrega as noções de que a mulher seria inferior ao homem no que diz respeito à força física, bem como de que o comportamento agressivo seria algo tipicamente masculino. Afirmações generalizantes como esta, que assumem um lugar de verdade, vão reforçando a ideia de que existiria uma forma única de ser e de se relacionar para cada um dos gêneros, da qual precisamos nos afastar.

Essas ilustrações acabam por sustentar noções sobre a fragilidade feminina, e a supremacia e agressividade relacionada ao masculino, tendo em vista que as imagens são construções simbólicas que veiculam várias mensagens, entre elas, a manutenção simbólica das desigualdades de gênero. Por isso a necessidade de problematizar essas imagens para romper com essa polaridade rígida dos gêneros.

Ao concordar com essa reflexão apoiamo-nos em Deborah Sayão (2003, p. 78) quando a autora adverte que “é preciso saber como as crianças produzem/reproduzem, em suas relações, modos de ser homem e mulher, ou menino e menina, que trazem consequências para sua convivência com o grupo, assim como para suas vidas”. Portanto, ao observar essa ilustração percebemos que ela sustenta e mantém os modelos sociais estabelecidos, de que os meninos são mais agressivos, violentos e inquietos em relação as meninas.

Entretanto, ao se tratar de imagens que circulam no ambiente da Educação Infantil, em que a ilustração representa muito mais do que o enunciado, pois na maioria das vezes, as crianças não são leitoras proficientes, e se atêm às ilustrações visuais, novamente alertamos para as diferentes leituras possibilitadas pelas imagens. A leitura das imagens nos transmitem mensagens, no sentido de serem “[...] capazes de fazer, agir, conduzir, orientar, organizar, formar [...] concepções e valores” (MEIRELES E PARAÍSO 2013 p. 9). Portanto, entendemos que o blog sendo um recurso de livre acesso na internet e que tem como propostas várias sugestões de atividades, requer por parte dos professores o contato com conhecimentos críticos que possibilite a análise das ilustrações e imagens na perspectiva das diferenças de gênero.

Nesse sentido, as contribuições de Thompson (2011), nos alertam sobre os perigos dos meios de comunicação que, quando usados sem a devida criticidade, podem aumentar a difusão das relações de dominação veiculadas pelas formas simbólicas com destaque para os blogs educacionais.



Nas ilustrações anteriores – ilustrações 05, 06 e 07 – evidenciamos as atitudes agressivas, e ao observarmos a ilustração 08 (REGRAS E COMBINADOS) notamos, novamente, a imposição masculina por meio dessa atitude. Esses tipos de imagens tendem a sustentar, manter e fomentar desigualdades de gênero, ou seja, veicula-se com esta imagem a percepção de que o poder é masculino. Portanto, Thompson (2011) nos esclarece que onde se estabelecer relações de dominação ocorrerá e se



Ilustração 08: REGRAS...  
Blog Cantinho do Educador  
Infantil

fomentará relações de desigualdades. Desta forma, percebemos que situações de agressividade e atrito em que é evidenciada a agressividade masculina, são apresentadas pelos dois blogs como forma de alertar para o que pode e o que não pode no ambiente escolar.

Na ilustração 09 (12 DE OUTUBRO/DIA DA CRIANÇA!), percebemos alguns subsídios para reflexão. Observa-se um menino e uma menina brincando no balanço, e a imagem sugere movimento. Embora pareça que a menina está no comando da brincadeira podemos inferir que o balançar fica por conta do menino, é ele que está no controle, a menina é apenas conduzida. Meireles e Paraíso (2013) em seu artigo intitulado “O currículo das imagens nos blogs



Ilustração 09: 12 DE ...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

educacionais”, sinalizam acerca da construção histórica e cultural de ser menino e ser menina e sobre as “atribuições sociais que o corpo vai ganhando” (ibid., p.05).

Nesse percurso, Scott (1995), nos alerta sobre a sustentação das relações binárias e a forma como são apresentadas e representadas no cotidiano social. Evidencia-se mais uma vez o caráter físico, da força, relacionado ao masculino e da fragilidade voltada para o feminino, ou seja, modos de ser menino e menina. Porém, reconhecemos que, podem haver lugares distintos para os dois gêneros, apenas que não sirvam para manter e sustentar relações de dominação, como ocorrem histórica e culturalmente.





Na ilustração 10 temos a representação da imagem masculina representando o DIA DA CRIANÇA, e dessa forma o blog Cantinho Educativo acaba por veicular imagens que sustentam e mantêm a figura masculina representando o enunciado “criança” em geral. Nas imagens presentes nos blogs onde aparece somente um dos gêneros representando o enunciado, a maioria das imagens são de menino, ou seja, o genérico masculino é usado como universal para os dois gêneros.

Ressaltamos que na ilustração 11 (12 DE OUTUBRO/DIA DAS CRIANÇA!) apesar de contemplar a representação dos dois gêneros, percebe-se que os meninos estão mais ativos e a menina parece mais passiva.

Entretanto essa ilustração representou o Dia da Criança, de forma mais equilibrada, contemplando as imagens de meninos e meninas.



A ilustração 12 (CRIANÇA VOCÊ ALEGRA

MEU VIVER) traz um menino e uma menina brincando juntos com a bola, fato que possibilita a representação de interação, entre eles. Nessa direção, Finco (2008, p. 4) aponta para a necessidade de atenção em relação ao processo de feminilização e masculinização presentes na educação das crianças a partir deste comentário

Os corpos de meninas e meninos passam desde muito pequenos um processo de feminilização e masculinização, responsável por torná-los “mocinhas” ou “moleques”. Esse minuncioso processo repete-se, até que a violência e a agressividade da menina desapareçam, até que ela comece a se comportar como uma “verdadeira” menina, delicada, organizada e quieta, reprimindo sua agressividade e ressaltando sua meiguice e obediência.

Essa “transgressão<sup>68</sup>”, veiculada pela ilustração em relação ao comportamento ativo da menina, possibilita transpor a compreensão de que ação/movimento são consideradas como se fosse exclusividade masculina.

Em resumo na subcategoria ativo, o número de ilustrações que apresentaram interação e cooperação entre os gêneros foi bastante significativa e estão presentes nas ilustrações que representam as brincadeiras, o que para a Educação Infantil é de suma importância, pois é um dos principais pressupostos de trabalho nesta modalidade de ensino. Temos meninas e meninos brincando juntos em diferentes situações, por exemplo: cantando e dançando, organizados em fila, no balanço e ao jogar bola. Essas representações de meninos e meninas brincando juntos nos mostram que os dois gêneros podem e devem interagir e desenvolver relações de cooperação, desmistificando que existem brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas. Essas entre outras reflexões permitem desconstruir noções fixas de superioridade ou inferioridade.

Entretanto temos que destacar também situações de agressividade entre meninos e meninas. Essas agressões parecem estar relacionadas sempre a imagem masculina, reforçando e fomentando as atitudes agressivas, como se fossem prerrogativas masculinas. Percebemos a importância das desconstruções e problematizações conceituais que devem ser realizadas ao analisar as ilustrações presentes nos blogs educacionais utilizados como recurso pedagógico, para que não se reforce as diferenças de gênero, que redundam em desigualdades entre meninos e meninas e, mais tarde, entre homens e mulheres.

Os blogs apresentaram situações onde há interação, cooperação e/ou atrito entre os gêneros e nos permitiram refletir sobre a importância da mídia atual, no caso internet, que por meio de seus diferentes recursos nos auxiliam na prática pedagógica. Perceber as nuances nas relações de gênero presentes nas imagens que circulam nos blogs e poder desconstruí-las nos torna parte de um processo em que temos a oportunidade de perceber as diferentes formas em que as desigualdades de gênero podem se corporificar.

Estar atentos aos meios de comunicação, e ao que Thompson (2011, p. 297) chama de “*cultura eletronicamente mediada*<sup>69</sup>”, nos possibilita direcionar o nosso olhar para as formas de relação de poder e dominação que podem circular também nos blogs

---

<sup>68</sup> Termo utilizado por Daniela Finco “na medida que meninos e meninas transgridem o que é pré-determinado para cada sexo” (FINCO, 2004, p.67).

<sup>69</sup> Grifo do autor

educacionais, por meio de suas ilustrações e imagens. Para o autor se faz necessário repensar como as relações de dominação se mantêm e se sustentam à luz do crescimento e da dimensão tomada pelos meios de comunicação. Essas entre outras reflexões que este estudo possibilitou, permitiu conhecer e apreender a importância dos meios de comunicação nas sociedades modernas, no nosso caso: os blogs educacionais.

#### 4.2.1.1.2 *Passivo*



A ilustração 13 (HORA DA ORAÇÃO) nos remete ao que é concebido como “natural” em termos de comportamento feminino. Percebemos que o ato da oração, compreendido como mais recatado aparece como mais natural para as meninas.

Na ilustração 14 (HORA DE MÚSICA) há a presença de meninos e meninas cantando juntos,

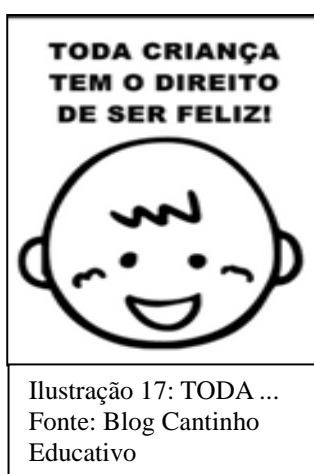
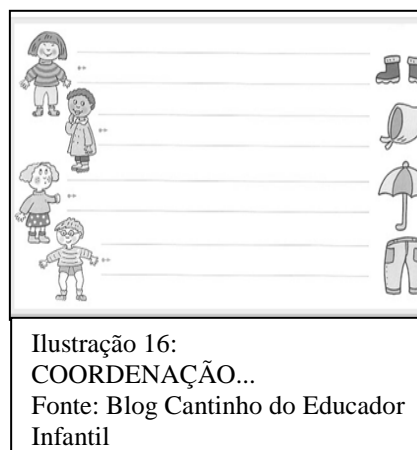


consideramos um avanço, uma vez que, a música, sobretudo, tem uma representatividade maior do sexo masculino, haja vista a quantidade de musicistas famosos do sexo masculino em relação ao feminino. O blog ao apresentar essa ilustração nos possibilita pensar que a música pode ser desenvolvida e apreciada tanto por meninos quanto por meninas favorecendo a desconstrução das possíveis diferenças de atividades para os gêneros.



Na ilustração 15 (COORDENAÇÃO), temos uma atividade direcionada para o desenvolvimento da coordenação motora como sugere o enunciado da ilustração. Entretanto percebemos que meninos e meninas ocupam o mesmo espaço, com ações de brincadeiras similares, nos remetendo a uma representação que poderíamos compreendê-la como igualitária em termos de gênero.

Com relação a ilustração 16 (COORDENAÇÃO MOTORA FINA), outra atividade de coordenação, percebe-se uma divisão sexual dos objetos pessoais mais ligados ao uso feminino e os voltados para o uso masculino. Como sinaliza Moura (2007), imagens e objetos que possam dividir gostos e preferências em termos da cristalização dos gostos ligados ao gênero feminino ou masculino podem reforçar diferenças sexuais que poderiam ser negociadas entre meninos e meninas.



Nas ilustrações 17 (TODA CRIANÇA TEM O DIREITO DE SER FELIZ!) e 18 (TODA CRIANÇA TEM O DIREITO DE SER AMADA!) queremos sinalizar que o termo criança, novamente representa tanto os meninos quanto as meninas, porém a apresentação das imagens no blog Cantinho



Educativo, prioriza as imagens masculinas ao representar os direitos da criança. Destacamos que essa predominância masculina não se restringiu ao sorteio realizado para selecionar as imagens, pois o blog apresentou cinco imagens relacionadas aos direitos da criança, sendo que quatro foram representadas pelo gênero masculino e em uma das imagens não se referia a gênero algum.

Do ponto de vista de Thompson (2011) essa é uma das estratégias de veiculação da desigualdade de gênero denominada de eternalização, isto é, concebe-se como eterna a representação masculina e branca como sendo universal. Esse fato foi ponderado por Fúlvia Rosemberg (2001) tanto com relação ao uso da forma linguística do genérico masculino quanto à representação simbólica (ilustrações) do gênero masculino como representante único da espécie humana (ROSEMBERG, 2001). Ressalta-se que se observou uma incidência razoável da presença da figura masculina para representar sujeito criança que é recorrente neste estudo.

Entretanto, para além do recurso genérico aqui utilizado, percebemos que há no blog educativo a preocupação política com relação aos direitos das crianças, citado

também no trabalho de Meireles e Paraíso (2013, p. 09) ao observarem um folder de uma campanha de conscientização sobre o fim da violência sexual contra crianças e adolescentes. As autoras assim se posicionam

[...] se vê que há uma preocupação não apenas em compartilhar as atividades pedagógicas de sala de aula, mas também em utilizar o blog como uma ferramenta política para divulgar seus modos de pensar, para mobilizar ações nesta direção e para evitar que outras ações em outras direções aconteçam.

Consideramos importante que as autoras supracitadas destacaram essa dimensão política nas imagens do blog que pesquisaram. Por outro lado, em nossa pesquisa, também percebemos essa manifestação política com relação aos direitos da criança. Entretanto, notamos a invisibilidade feminina presente nessas ilustrações, pois acreditamos que o direito de ser feliz e ser amado é um direito comum aos dois gêneros.

#### 4.2.1.2 Espaços

Com esta categoria compreendemos a ocupação do espaço pelo gênero feminino e masculino em diferentes contextos sociais como: o espaço público mencionado como “aberto ou acessível ao público” (THOMPSON, 2011, p. 313) e o espaço escolar.

##### 4.2.1.2.1 Público /privado

Buscamos nesta subcategoria verificar como os blogs apresentam as relações de gênero nas ilustrações que veicula? Que tipos de espaços público/ privado o blog apresenta?

Ao observar a ilustração 19 (HORA DE BRINCAR) evidencia-se a atividade recreativa sendo desenvolvida por meninos, a presença de movimentos amplos ao correr e a ocupação do espaço público, demonstrado pela brincadeira de rua nos permite a inferência de que tal brincadeira ainda seja relacionada e representada pelo gênero masculino. Desta forma percebemos que movimento/ação bem como a ocupação do espaço público, é um contexto social, ainda



frequentado e representado pelo gênero masculino.

Com relação aos movimentos, ligados ao gênero masculino, apresentados pelos meninos, Louro (2014, p.49) nos alerta, que distinções biológicas estiveram presentes por muito tempo para exaltar a superioridade masculina, desta forma

Às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões, para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero.

Diante disso, na imagem apresentada percebemos o vigor, a agilidade e a destreza relacionada ao gênero masculino e a ocupação do espaço público, reforçando os modelos sociais tido como ideais para os homens e para as mulheres, isto é, o espaço público para o gênero masculino e o espaço privado reservado ao gênero feminino. A não presença do gênero feminino na ilustração nos remete a invisibilidade feminina sugerida por Scott (1995) e o ocultamento pode ser tão importante quanto o que é dito (LOURO 2014), pois pode indicar o que não pode ser.



Ilustração 20: 12 DE...  
Fonte: Blog Cantinho  
Educativo

Neste mesmo contexto, temos a ilustração 20 em que as brincadeiras de maior movimento parecem ficar restritas as imagens masculinas. Percebemos que, no contexto público, as brincadeiras de rua são mais representadas pelos meninos.

Observamos também que o Dia da Criança, novamente está representado somente pelo gênero masculino e ressaltamos que a não presença feminina também denota relações de dominação. Ao reproduzir essas situações nos blogs, tomamos como importante as contribuições de Thompson (2011) ao se referir aos meios de comunicação como um importante meio para manter e sustentar essas relações de dominação ou de invisibilidade feminina e a importância de desvelarmos o conteúdo dessas ilustrações, de termos um olhar crítico antes de repassar ou transmitir essa imagem como se ela fosse somente uma figura sem um caráter simbólico.

Iracema Munarim (2007), em sua pesquisa sobre o imaginário midiático nas brincadeiras das crianças, relata a influência da mídia nas brincadeiras das crianças, pois

elas utilizavam personagens da TV ou videogame reproduzindo e produzindo situações de brincar. A autora alerta que “as observações feitas das crianças brincando no pátio nos possibilitam afirmar que o imaginário midiático interfere na cultura de movimento das crianças, assim como faz parte do universo lúdico infantil” (Ibid., 2007, p. 12).

Nesse sentido, ao apresentar imagens da mídia, no caso dos blogs, em que aparecem somente meninos, estamos diante de situações de invisibilidade feminina e/ou de papéis tidos como masculinos e femininos já que pesquisas afirmam a influência da mídia no contexto das brincadeiras infantis.



Na ilustração 21 (HORA DO PARQUE), observamos que o espaço ocupado pelas crianças é o parque infantil, considerado para além da escola, nos remetendo ao espaço público, onde meninos realizam movimentos travessos e/ou desafiadores. Finco (2010, p. 134) nos alerta que as brincadeiras “podem estar servindo, por meio de estratégias sutis, como um recurso para a produção de relações desiguais de gênero”, e a brincadeira apresentada nesta ilustração nos remete a uma dessas

estratégias, a invisibilidade feminina, isto é, brincadeiras travessas em espaços públicos parecem excluir o gênero feminino desse contexto social. Neste sentido Thompson (2011) e Scott (1995) sugerem que a estratégia de construção simbólica e veiculação denominada de naturalização sobre as desigualdades de gênero, acaba por sustentar e manter a divisão de gênero tanto quanto a ocupação do espaço público e privado quanto a divisão das brincadeiras infantis.



Entretanto na ilustração 22 (BRINCAR COM OS COLEGUINHAS) o parque, está ocupado tanto por meninos quanto por meninas, as relações de gênero são representadas como atitudes de interação. Esse fato permite perceber a presença feminina no espaço público em interação com os meninos em que se percebe a prática de movimentos de ação, agilidade e de um brincar igualitário. Para Thompson (p. 343) essas formas simbólicas que são transmitidas “são muitas vezes, recebidas em contextos da

vida cotidiana e incorporadas ao conteúdo simbólico de interação social”, por isso a importância da apresentação de um brincar sem práticas separatistas.

Essa ilustração presente no blog, recurso educacional utilizado pelos professores, diferentemente da ilustração anterior, faz com que possamos notar um equilíbrio nas representações de meninos e meninas. Isso nos leva a percepção de amenizações sociais em relação às desigualdades de gênero, tanto na ocupação de espaços sociais como na desmistificação sobre a segregação por gênero das brincadeiras infantis. Nesse sentido, concordamos com Casagrande (2005) quando a autora afirma sobre a importância das brincadeiras que promovam a interação entre meninos e meninas, pois ao brincar podem-se promover relações de igualdade.

Contudo, meninos e meninas também brincam juntos, ao representar o DIA DA



CRIANÇA na ilustração 23, sendo que as meninas aparecem realizando movimentos mais calmos, enquanto os meninos praticam grandes saltos. Novamente, a ênfase dada na agilidade motora está relacionada mais claramente aos meninos e a delicadeza de movimentos às meninas como se fosse natural que meninos e meninas tenham papéis pré-determinados e rotulados pela sociedade “dos meninos espera-se agressividade, capacidade de liderança, racionalidade. Das meninas espera-se delicadeza, sensibilidade e beleza” (FINCO,

2005, p.01).

Convém ressaltar que essas atitudes não são negativas em si, mas o quanto elas possibilitam leituras inadequadas se esses papéis se invertem. Neste sentido, acirram as desigualdades de gênero que tanto estão presentes nas brincadeiras como em outras situações do cotidiano social.

Embora tenhamos meninas e meninos brincando juntos, os papéis ditos masculinos e femininos são reforçados de forma sutil, pois ao colocar os meninos de forma mais ativa e as meninas de forma passiva estamos sustentando a segregação de gênero, conforme sinaliza Thompson (2011).

Por outro lado, vale ressaltar que nessa ilustração o espaço público – onde ocorre a brincadeira, caracterizado pela rua, está sendo ocupado por meninas e meninos, o que pode se considerar como um avanço, ao falarmos em relações de gênero nas brincadeiras de rua.



Na ilustração 24 (VIVA O DIA DA CRIANÇA) temos uma menina e dois meninos pulando corda, demonstrando relação de cooperação ao brincar, embora a menina brinque junto com os meninos, a criança que está em evidência na brincadeira é o menino, ele está ao centro pulando a corda, podendo demonstrar sua capacidade física ou seu poder de liderança, uma vez que a destreza e desenvolvimento motor historicamente esteve mais associado aos meninos (LOURO, 2014). Imagens como esta segundo a proposta teórica de Scott (1995) nos ensinam e cristalizam o lugar e a ação própria reservada ao gênero feminino.



Ilustração 24: VIVA ...  
Fonte: Blog Cantinho  
Educativo

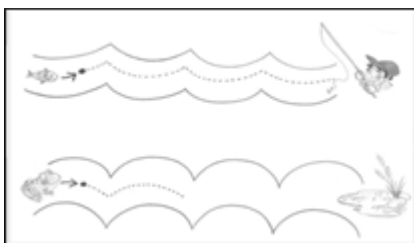


Ilustração 25:  
COORDENAÇÃO...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador  
Infantil

Se concebermos o contexto da pescaria como um espaço público, novamente, temos como representação o gênero masculino presente na ilustração 25. Ações e movimentos mais ágeis ainda trazem como representante os meninos, fato que sustenta e mantém concepções de atividades tidas como masculinas.

Em resumo, ao observarmos as ilustrações e repensarmos sobre as análises que compõe a subcategoria público/privado, podemos notar que todas envolvem situações de brincadeira. Em quatro ilustrações (21, 22, 23 e 27) temos a representação do espaço público ocupado pelos meninos: ao brincar no parque, ao brincar de cabra-cega e pular corda e ao pescar. As ausências de representação das imagens femininas sinalizam para o entendimento de que o espaço público é reservado ao gênero masculino.

Entretanto, nas ilustrações (24, 25 e 26) temos o espaço público, aqui tomado como espaço fora do ambiente doméstico, ocupado por meninos e meninas interagindo ao brincar: no parque, ao pular corda e em uma brincadeira de recreação. Isso nos propõe também uma reflexão crítica sobre a representação das relações de gênero nos espaços públicos, onde a presença feminina se dá de maneira ativa e participativa.

Trazer o teor analítico para a análise das relações de gênero possibilita a desconstrução de estereótipos que, ainda, possam vigorar. A presença do gênero feminino no espaço público é de suma importância, pois altera a imagem da mulher

veiculada ao espaço privado/doméstico, como resquício do patriarcado, demonstrando que esse espaço pode ser ocupado pelos dois gêneros (OKIN, 2008).

Nessa direção para Meireles e Paraíso (2013, p.3)

As imagens disponibilizadas nos blogs educativos podem provocar diferentes efeitos em quem as vê. Esses efeitos sempre serão inesperados, múltiplos, variados e diferentes daqueles esperados por quem postou a imagem no blog. Isso faz parte de todo um processo educativo, no qual o que ensina nunca sabe exatamente o que cada um aprende, mas sabe que certamente alguma coisa irá aprender. As imagens potencializam esses efeitos, multiplicam essas possibilidades.

Nesse viés é que destacamos a importância das discussões sobre as diferenças de gênero, nas problematizações das imagens que circulam no contexto educacional. Além disso, destacamos as possíveis desigualdades veiculadas por essas imagens, na forma de desconstrução de concepções naturalizadas culturalmente em busca de fomentar relações mais igualitárias tanto no espaço público como no espaço privado, levando em conta o compromisso político e social da educação brasileira.

#### 4.2.1.2.2 *Escolar*

Nesta dissertação estamos entendendo o espaço escolar representado por meio das imagens que veiculam personagens femininas e masculinas em interação no contexto escolar. Para tanto queremos verificar como as relações de gênero se apresentam nessas ilustrações. Como os meninos e as meninas são representados nesse espaço?

Na ilustração 26 (HORA DA LIÇÃO), temos a interação entre um menino e uma menina representando uma situação escolar de cooperação.

Dessa forma vemos que essa ilustração pode potencializar as discussões de cooperação entre os gêneros no espaço. E, de acordo com Finco (2010), esse tipo de cooperação visa desconstruir verdades históricas e culturalmente construídas e naturalizadas. Esta e outras formas ilustrativas auxiliam o desvelamento de sentidos que poderão enunciar e fomentar desigualdades de gênero.



Da mesma forma temos uma menina e um menino estudando juntos na ilustração 27 (12 DE OUTUBRO/DIA DA CRIANÇA) representando a cooperação e a interação entre os gêneros ao representar atividades escolares, porém a postura da menina e do menino em relação ao livro apresenta diferenças. Tem-se o menino de posse do livro e manuseando-o enquanto que a menina parece estar em uma posição de observação, diferentemente do que foi apresentado na ilustração acima (26). Salientando-se

que nas duas imagens a cooperação se faz presente, como uma atitude saudável para a socialização dos gêneros masculino e feminino.

Essa ilustração nos remete a Thompson (2011) ao detectarmos a estratégia da naturalização presente nesse tipo de ilustração, isto é, apresenta-se a valorização positiva na relação entre os gêneros frente ao conhecimento escolar, revelando uma relação de igualdade.

Ao observarmos as ilustrações 28 e 29 percebe-se que as questões relativas ao



estudar tanto são representadas por meninos como por meninas, mesmo as meninas estando ativas quanto ao ato de estudar, o menino parece transparecer mais concentração. Isso nos remete a reflexão sobre as maneiras como as formas



simbólicas, no caso os blogs, apresentam em suas ilustrações, figuras que necessitam de serem repensadas e analisadas quanto à apresentação das imagens de gênero, para que não se reproduza as desigualdades entre os gêneros (THOMPSON, 2011).

Nesse viés, a contribuição da escola e dos professores se faz muito necessária, assim Louro (2014) nos alerta que a escola é formadora de diferenças e desigualdades e legitima padrões de comportamento tomando-os como naturais. Por outro lado, para Casagrande (2005, p. 50) a escola pode ser uma das instituições a promover a igualdade de gênero

A consciência do dever e da função dos sujeitos na transformação do cotidiano escolar em um lugar que privilegie a igualdade e a equidade de gênero, raça, classe e etnia é fundamental para a transformação da escola em um ambiente que propicie a todas as alunas e alunos condições de se desenvolverem como cidadãos e cidadãs conscientes de seus direitos e deveres.

Essas relações são importantes, pois proporcionam por meio das interações, diminuir as desigualdades de gênero e promover relações de convivência na busca de respeito às diferenças entre todos.



Ilustração 30: SENTAR...  
Fonte: Blog Cantinho  
Educativo

Na ilustração 30 (SENTAR CADA UM EM SEU LUGAR) temos um menino e uma menina em relação de igualdade, sentados em uma mesa escolar. Porém gostaríamos de destacar a presença da estratégia de eternalização como típica de construção simbólica, como ressalta Thompson (2011), no sentido de percebermos que, nessa ilustração, a cor azul e rosa demarca os lugares historicamente fixos para os gêneros, isto é, azul para o menino e rosa para a menina.

Para Louro (2014, p. 62) “a escola delimita espaços servindo de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Deste modo, informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Dessa forma, vamos reforçando os estereótipos de gênero relacionado às cores, e, assim reduzimos o leque de cores que meninas e meninas poderiam representar.

Para Meireles e Paraíso (2013, p. 08) por meio das imagens presentes nos blogs “podemos perceber que muitos ensinamentos de gênero vão governando nossas condutas, que aponta para elementos constitutivos importantes desses sujeitos”. Dessa forma se faz necessário perceber o sentido veiculado por essas imagens, o que elas podem ensinar sobre gênero, pois as imagens que circulam no universo educativo são capazes de formar, de orientar e ensinar concepções sobre o masculino e o feminino.

Na ilustração 31 (PEDIR DESCULPA PARA O AMIGO!) temos uma atitude de generosidade e de respeito com o outro, mas que fica restrita ao “amigo”, sugerindo-se que as desavenças não incluem o gênero feminino. Neste sentido, seria mais adequado termos uma ilustração que contemplasse tanto o amigo como a amiga. Moura (2007) destacou essa necessidade, quando em alguns livros didáticos analisados a evidência linguística recaía apenas ao genérico masculino, como se esse material didático se destinasse apenas ao gênero masculino.



Ilustração 31: PEDIR...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

A ilustração 32 (VOU COMER TUDINHO PRA FICAR FORTINHO!) apresenta uma tendência ao politicamente correto quanto às questões linguísticas relacionadas ao gênero, porém percebemos que o genérico masculino não dá conta da imagem ilustrada, pois temos uma menina e um menino na ilustração em questão. E, mais uma vez, como afirmava a ilustre Rosemberg (2001), em vários contextos a representação do masculino se transforma em regra geral para a representação da humanidade.



Ilustração 32: VOU ...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil



Ilustração 33: MANTER...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

Embora na ilustração 33 (MANTER A SALA DE AULA ORGANIZADA) temos um menino e uma menina que dividem as tarefas de organização da sala, percebe-se que a menina fica responsável pela limpeza (recolher o lixo), evidenciando o papel doméstico atribuído as meninas, e o menino responsável pela organização dos livros. Vianna e Finco (2009, p.272), nos alertam para o sentido que essas representações podem tomar no dia a dia da Educação Infantil

Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação

infantil (Finco, 2003). Por exemplo, a forma como a família ou a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou como justifica a atividade sem capricho do menino. O fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino, e vice-versa.

Dessa forma as crianças vão apreendendo nas pequenas situações cotidianas na escola e na família, ou nas imagens presentes nas atividades escolares, os papéis sociais atribuídos ao gênero masculino e feminino.



No entanto na ilustração 34 (JOGO OS PAPÉIS NO LIXO) temos meninos e meninas empenhados na limpeza, fato que veicula avanços relativos as atividades consideradas como domésticas, no estilo de um sofisma socialmente construído e naturalizado, isto é, atividades próprias femininas. Mais uma vez constata-se que meninos e meninas podem realizar juntos as tarefas de arrumação e limpeza da sala de aula, demonstrando

avanços de gênero, nas atividades tidas como domésticas e, logo relacionadas ao gênero feminino.

Neste mesmo viés, a ilustração 35 (GUARDAR OS MATERIAIS DEPOIS DE USÁ-LOS) faz referência a força, a resistência física do menino, denotando de forma sutil a superioridade física ligada mais ao sexo masculino.



Contudo, essa cooperação entre os gêneros presente nas ilustrações das tarefas cotidianas de uma sala

de aula, como a ilustração 35 e também a 36, nos remete a Scott (1995) na busca de relações de gênero igualitárias e a Finco (2010) que destaca a Educação Infantil como um espaço de transgressão dos estereótipos de gênero visto que é neste espaço que se inicia as relações sociais

das crianças fora do contexto familiar.





Essas ações de cooperação veiculadas nas imagens dos blogs, onde meninos e meninas desempenham funções corriqueiras do cotidiano da educação infantil mostra as possibilidades de um trabalho que evidencia as relações igualitárias.

Na ilustração 37 (COLOCAR AS MOCHILAS NO LUGAR) temos novamente a representação dos dois gêneros ao arrumar seus objetos pessoais na sala de aula em uma situação de colaboração.

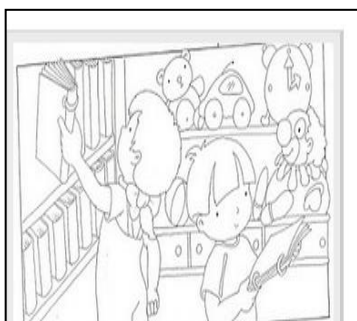


Ilustração 38: BOA ...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

Da mesma forma a ilustração 38 (BOA CONVIVÊNCIA) também representa atividades desenvolvidas tanto por



Ilustração 37: Colocar ...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

meninos quanto por meninas em cooperação. Essa situação apresentada pelo blog educacional nos possibilita afirmar que as relações de gênero apresentam evoluções e mudanças sociais, pois podem não reforçar os estereótipos e, sim apresentar possibilidades, uma vez que não evidencia fronteira para os dois gêneros.

Essas relações de cooperação na organização da sala da educação infantil nos remetem a Carvalho, Costa e Melo (2008) em que as autoras destacaram a organização e distribuição do espaço das instituições de Educação Infantil, pois os mesmos constituem cenários e roteiros de relações de gênero e, sinalizam ainda, para a importância de problematizar esses espaços.

As ilustrações 39 e 40 tendem a equilibrar as questões ligadas ao gênero, ao



Ilustração 39:  
CUMPRIMENTAR...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

ilustrarem meninos e meninas em condições de aprendizagem igualitárias. Ao observar o tamanho das crianças podemos nos remeter a uma sala de Educação Infantil, onde boas



Ilustração 40: SENTAR-SE....  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

ilustrações sobre as relações de gênero podem se tornar um campo fértil para desconstruir relações de dominação.

Nesse viés, Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2006, p. 413-414) sinalizam a contribuição do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil ao tratar das questões de gênero

Esse referencial defende a importância de se transmitir valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexo diferentes. Ressalta que a construção de identidade de gênero e da própria sexualidade extrapola a mera configuração biológica dos seres humanos e defende que meninos e meninas brinquem com as possibilidades tanto aos papéis masculinos, quanto aos femininos, para além dos papéis estereotipados de gênero. Além disso, enfatiza o papel de educadores e educadoras na desconstrução dos significados de gênero nas relações infantil, quase sempre carregadas de sentidos para o que é ser menina e o que ser menino.

Esse olhar para as relações de gênero, proposto nos referenciais, vem a contribuir ao analisarmos as ilustrações dos blogs educacionais utilizados como recurso pedagógico pelos professores. Pode, pois auxiliar na leitura midiática dessas ilustrações desvelando as informações sobre as imagens, as quais podem veicular concepções equivocadas sobre as relações de gênero. Nossa proposta não é a de julgar, mas possibilitar por meio das fundamentações teóricas estudadas, uma visão mais crítica sobre esses blogs educativos. Destacamos a importância desse momento na formação da identidade de meninos e meninas bem como as aprendizagens humanas transmitidas por esse material de amplo alcance didático.

Por outro lado, a ilustração 41 (TRABALHO EM SILÊNCIO E SEM INCOMODAR) foi representada por uma menina, inferindo-se que essas são ações mais ligadas ao feminino do que ao masculino. A atitude de aquietar-se, histórica e culturalmente, esteve mais presente em situações relacionadas ao universo feminino.



Na ilustração 42 (PALAVRINHAS MÁGICAS!) percebemos que as preocupações com questões ligadas à cidadania, as convenções sociais abrangem tanto os meninos quanto as meninas. Fato que mostra os avanços sociais nas relações em geral, com destaque na escola.



Na ilustração 43 (VAMOS LER...) temos um menino representando o ato da leitura e, conseqüentemente, da escolarização. Importante notar que atividades relacionadas ao estudo tanto são representadas por meninos como por meninas nas imagens dos blogs educacionais pesquisados. Em estudos anteriores, Moura (2007) ao pesquisar livros didáticos, afirma atividades de escolarização estiveram mais relacionadas ao universo feminino.

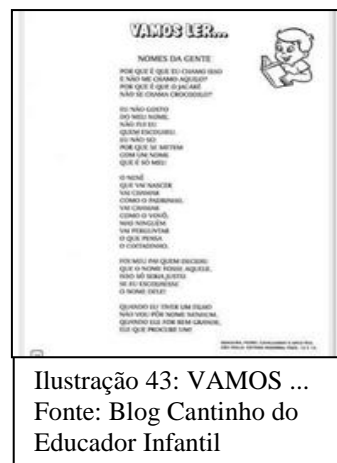


Ilustração 43: VAMOS ...  
Fonte: Blog Cantinho do  
Educador Infantil

Em síntese na subcategoria espaço escolar, as relações sociais ligadas ao gênero, percebidas no contexto educacional estão representadas na grande maioria por meninos e meninas em situação de cooperação e interação. Esse fato se torna relevante, pois representa que movimentos de igualdade de gênero estão presentes. Embora Louro (2014) nos alerte que a escola reproduz desigualdades, ao mesmo tempo a escola pode propor situações de desconstrução por meio de material didático que possa ser revisto e criticado pelos professores. As ilustrações presentes nos blogs educacionais analisados nos remetem a uma equiparação entre o gênero feminino e o masculino. A presença dessas ilustrações no material didático endereçado aos professores poderá servir para fomentar situações igualitárias entre meninos e meninas.

Nesse sentido, Thompson (2011) nos alerta para as formas de dominação presente nas formas simbólicas, é com esse olhar teórico que nos preocupamos ao realizar as análises. Percebemos que ainda são veiculados alguns estereótipos por meio das ilustrações que se referem a situações tidas como domésticas e que fazem parte do contexto da Educação Infantil como: organizar a sala, guardar materiais, recolher o lixo após realização de alguma atividade. Algumas situações binárias e polarizadas, veiculadas pelos blogs, nos permitem pensar em Scott (1995), no sentido da possibilidade de desconstrução de conceitos cristalizados sobre sexo, gênero e relações sociais. A autora nos alerta que “temos a necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual” (Ibid., p. 84).

#### 4.2.1.3 Papéis

Na categoria sobre os papéis representados pelo gênero masculino e feminino destacamos abaixo sua relação com as subcategorias ligadas ao cuidado, a profissão e ao brinquedo.

##### 4.2.1.3.1 Cuidado

Nesta subcategoria iremos analisar como os gêneros estão representados em situações de cuidado. Como as relações de gênero se apresentam ao reportar-se ao cuidado?

Nas ilustrações 44 (FAMÍLIA) e 45 (LEITURA EM FAMÍLIA) temos a



Ilustração 44: FAMÍLIA  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

imagem do cuidado com as crianças, veiculada a figura masculina. Na literatura e estudos, entre eles de Unbehaum (2000), Carvalho (2004) se revelam esse avanço social em termos da necessidade do cuidado nas



Ilustração 45: LEITURA...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

configurações familiares, evidenciando a participação

masculina nesse contexto.

Ao representar essas imagens os blogs nos mostram que os homens estão ultrapassando as fronteiras de gênero. Marta Cristina Friederichs (2008, p.11) ao analisar blogs escritos por homens e por mulheres, sinaliza ao se referir aos discursos sociais relacionados ao gênero, que

A eles é menos estimulado que façam ‘coisas de mulher’, talvez pelo fato da identidade masculina ser colocada como superior à identidade feminina. Já as mulheres quando ocupam lugares considerados masculinos são exaltadas. Essas teorizações fazem perceber como os sujeitos são continuamente inseridos em um reforçamento binário do que parece ser negativo ou positivo para homens e mulheres nos espaços sociais em que se movimentam, isso porque tais atributos estariam inscritos no gênero que institui marcas no corpo de cada um/a.

As diferentes formas de cuidado presente no blog, de nossa amostra evidenciando a figura masculina, sinaliza para igualdade de responsabilidade com relação ao cuidado dos filhos e essa concepção evidencia que as ilustrações do blog pode estar também apresentando as diferentes formas de constituição familiar da contemporaneidade.

Entretanto, as mensagens presentes nas ilustrações podem transmitir muitas coisas, mas há várias formas que as pessoas podem recebê-las “as maneiras de receber as mensagens comunicativas são maneiras de agir; e dentro dos contextos da vida cotidiana, que podem ser significativas para as pessoas em questão e podem ser entendidas por elas como maneiras de descansar e de partilhar experiências...” (THOMPSON, 2011, p. 406).

Em outra direção temos a ilustração 46 (FAMÍLIA FAZENDO A REFEIÇÃO) cuja preparação dos alimentos é apresentada como uma atividade mais relacionada ao universo feminino, e como sugere a imagem, o cuidado alimentar passa a compreensão de que o “lar” é patente das mulheres. Em outra direção, na atualidade, as tarefas domésticas estão sendo executadas tanto por homens como mulheres. As lutas dos movimentos feministas em relação a direitos e deveres tanto para o gênero masculino como para o feminino é resultado de denúncias relativas às desigualdades de gênero que podem ser mantidas e fomentadas por diferentes meios comunicacionais. Para Sandra Unbehaum (2000, p. 197)



Apesar das desigualdades de gênero que ainda podem ser identificadas na sociedade contemporânea, mudanças vêm ocorrendo nos arranjos familiares. As mulheres não mais têm guiado suas práticas segundo o discurso tradicional materno. E da mesma maneira também os homens não têm mais seguido as práticas de seus pais. Há um estilo de maternagem e paternagem e de relação com os filhos que prevê a satisfação de outros desejos das mulheres e dos homens.

A autora alerta também para a influência da mídia ao fomentar esses discursos, pois sinaliza que, na maioria das vezes, eles aparecem mais no campo das ideias do que na prática da vida cotidiana

O próprio discurso da mídia e dos especialistas seria responsável por inspirar no pensamento social a existência de um “novo pai” [...]. Tal fato estaria servindo como argumento para estudiosos e para a mídia suporem que os pais/homens estariam, por tabela, se envolvendo mais nas atribuições com os filhos e com a casa. (Ibid., p.199).

Entretanto a autora supracitada sinaliza em sua pesquisa que os homens na atualidade indicam maior preocupação no cuidado com os filhos e com os afazeres domésticos. Para tanto notamos que as imagens veiculadas pela mídia em geral e especialmente pelos blogs endereçados à Educação Infantil podem contribuir para que esses papéis sejam desconstruídos e reformulados, essas imagens devem ser problematizadas teoricamente, levando em conta o contexto histórico e cultural de sua circulação.

Na ilustração 47 (ASSINALE O QUE VOCÊ FAZ PARA AJUDAR A MAMÃE) temos várias imagens: um menino limpando o tênis, um menino regando as flores, um menino guardando os brinquedos, um menino arrumando a cama e uma menina varrendo a casa.

Nesta ilustração temos o espaço ocupado pelos dois gêneros no que diz respeito às tarefas domésticas. Isso nos permite levantar questionamentos com as crianças em relação as tarefas domésticas, pois as tarefas da casa, ainda são realizadas e propostas de forma diferente para os dois gêneros.

Meyer (2001, p.32 apud SANTOS 2004a, p. 03) relembra que

Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc [...]. Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais.

A afirmação de Meyer nos revela a influência da mídia presente nas instituições sociais. A mídia na contemporaneidade, passa pela mídia impressa, pela televisão até chegar à internet e que de forma velada e/ou com estratégias sutis vai constituído saberes, comportamentos, sentidos e maneiras de ser homem e/ou mulher.

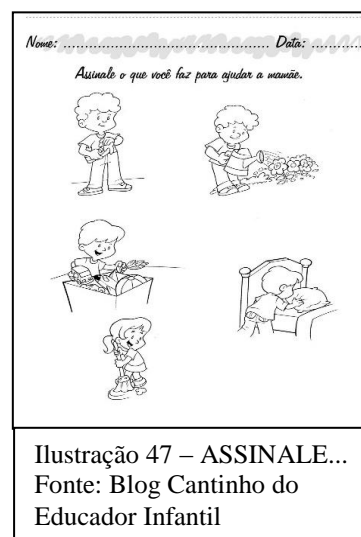




Ilustração 48: MÃE...  
Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

A ilustração 48 (MÃE GRÁVIDA) apresenta o papel feminino da mãe. Destaca-se que imagens femininas relacionadas ao “carinho” e “cuidado”, ainda são representadas, na maioria das vezes, pelo gênero feminino.

Em síntese, podemos dizer que as ilustrações que representam a subcategoria cuidado nos trazem algumas inquietações, pois ao mesmo tempo que temos os homens participando do cuidado das meninas e dos meninos, temos, ainda, a alimentação e o auxílio as tarefas domésticas vinculadas a figura feminina. Para Unbehau, “de certa maneira, estudos indicam que a saída das mulheres para o mercado de trabalho foi acompanhada por mudanças muito lentas em relação às demandas da vida privada” (2000, p. 196). Entretanto, evidenciamos como positivo que o cuidado com relação aos filhos está sendo representado pelos dois gêneros.

#### 4.2.1.3.2 Profissão

Em relação a subcategoria “profissão” fizemos os seguintes questionamentos: Quais as profissões são apresentadas pelos blogs? Elas são representadas pelo gênero masculino ou feminino?

Na ilustração 49 (HORA DA RODA DA NOVIDADE) temos presente uma relação de cooperação entre o gênero masculino e o gênero feminino que se evidencia pela forma como as pessoas interagem. Embora aparente ser um professor, que está em pé (com chapéu), indicando uma ação docente, não transparece a relação de dominação entre os integrantes da ilustração. Interessante ressaltar a presença masculina como docente, pois na maioria das vezes é a figura da professora que é mais recorrente.



**HORA DA RODA DA NOVIDADE**

Ilustração 49 – HORA...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

Nessa direção, quando se observa ações de comando em termos de conhecimento a figura masculina tende a ser mais representada do que a feminina. Destacamos também nesta ilustração a presença acerca da inclusão, representado por

um deficiente físico que utiliza cadeira de rodas, pois ilustrações como esta que circulam nos blogs, nos transmitem mensagens e trazem à tona ações de inclusão que fazem parte do cotidiano escolar e social.



Ilustração 50: RESPEITAR...  
 Fonte: Blog Cantinho Educativo

Na ilustração 50 (ESPERAR A VEZ DE FALAR) e 51 (HORA DA RODA DE CONVERSA)

percebemos a atitude de cooperação entre os

meninos e as meninas . Também possibilita percebermos a figura feminina como professora, fato comum nas representações docentes e concordamos com Sayão

(2005) em relação ao fato de que, historicamente, essa profissão foi concebida como predominantemente feminina.

Na mesma direção na ilustração 52 (RESPEITAR A PROFESSORA), temos a presença feminina como professora e destacamos um avanço em relação a participação masculina em termos da escolaridade das crianças, fato que, até pouco tempo atrás, se evidenciava a presença feminina, revelando o que segundo Sayão (2003, p.81) a nova bibliografia tem chamado de “nova paternidade” (ARILHA; UNBEHAUM; MEDRADO 2001 apud SAYÃO 2003).



Ilustração 51: HORA...  
 Fonte: Blog Cantinho Educativo



Ilustração 52: RESPEITAR...  
 Fonte: Blog Cantinho Educativo

Por outro lado, nas ilustrações 53 (OUVIR A PROFESSORA) e 54 (OUVIR AS



Ilustração 53: OUVIR A ...  
 Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

HISTÓRIAS EM SILÊNCIO) apresentam os dois gêneros em situações escolares e igualitárias e destacamos a presença masculina e feminina como professores. Condição favorável a desconstrução



Ilustração 54: OUVIR AS ...  
 Fonte: Blog Cantinho do Educador Infantil

de uma imagem docente, na maioria das vezes, representada pelo gênero feminino.

Em síntese, destacamos a presença de professores do gênero masculino nas ilustrações que representam a docência, mesmo sendo minoria. Sabemos que a docência esteve por muito tempo ligada ao gênero feminino, principalmente, quando se trata de Educação Infantil, a relação da mulher com o cuidado e a maternidade ainda é forte nessa modalidade de ensino.

#### 4.2.1.3.3 Brinquedos

Na subcategoria “brinquedos” destacamos a seguinte questão: Como os blogs apresentam os meninos e as meninas em situações que envolvem brinquedos?

A representação de atitudes de cooperação entre meninos e meninas presentes na



Ilustração 55:  
COMPARTILHAR...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

ilustração 55  
(COMPARTILHAR  
OS BRINQUEDOS)  
e na ilustração 56  
(GUARDAR OS  
BRINQUEDOS) nos  
remete a noção de  
transgressão de  
gênero, referente ao  
compartilhamento da



Ilustração 56: GUARDAR ...  
Fonte: Blog Cantinho Educativo

tarefa ligada à organização e arrumação do espaço, compreendida culturalmente como feminina. Esse fato implica em uma nova percepção sobre a cooperação entre o masculino e o feminino.

Nessas imagens podemos perceber algumas desconstruções e transgressões referentes aos papéis tidos como femininos e masculinos presente nas imagens dos blogs. Evidenciamos o fato de meninos e meninas brincarem juntos.



A menina e o menino aparecem juntos na ilustração 57 (MANTER OS OBJETOS ORGANIZADOS) mostrando que meninos e meninas podem brincar juntos, entretanto os estereótipos de gênero relacionados aos brinquedos se fazem, novamente presentes, a imagem do menino está vinculada ao carrinho, urso, bola e a imagem da menina a uma boneca, naturalizando a divisão sexual dos brinquedos e brincadeiras tidos como masculinos e femininos (MOURA, 2007).

Na pesquisa empreendida por Cláudia Amaral dos Santos (2004a, p. 7), sobre a constituição de gênero na mídia impressa a autora observa que

As meninas de hoje ainda têm como brinquedos mais comuns as bonecas, que apresentam todo um aparato para a brincadeira de casinha. Tais objetos exaltam a vida doméstica e privada como espaço reservado à mulher, o mesmo ocorrendo com a maternidade, vista como algo inerente à condição feminina.

Esse tipo de ilustração nos remete ao que Thompson (2011) chama de eternalização e naturalização, isto é, está determinado o tipo de brinquedo e brincadeira para cada um dos sexos pela associação do carrinho ao menino e a boneca a menina.

Portanto, percebe-se que por meio dessas formas simbólicas (ilustrações) que circulam nos blogs educacionais para a Educação Infantil, as desigualdades de gênero vão se concretizando por meio dos preconceitos<sup>70</sup> e estereótipos que vão sustentando e mantendo as concepções de naturalização e eternalização que configuram as relações de gênero.

Para Thompson (Ibid., p. 311) essas imagens

Subestimam seriamente a complexidade de processos através dos quais as mensagens da mídia são concretamente recebidas e apropriadas pelas pessoas situadas em contextos particulares e as maneiras como essas atividades de recepção interagem com outros aspectos a vida cotidiana.

É nesse sentido que a análise das imagens se faz necessário para a utilização no contexto o educacional, pois estão imbricadas de simbologia.

<sup>70</sup> Preconceito: Ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Disponível em: < <https://www.priberam.pt/DLPO/preconceito>>. Acesso em 09 de maio de 2016





As ilustrações 58 (HORA DE BRINCAR) e 59 (COMPARTILHO OS BRINQUEDOS COM OS COLEGAS) representam situações em que poderiam estar presentes, também as meninas. Esclarece-se, neste momento, que o fato de que, na maioria das vezes, a representação mais



numerosa seja masculina, não veicula, necessariamente, questões de desigualdades de gênero, porém a maneira como são apresentadas as ilustrações, levam a percepção da fragilidade feminina, embora em menor escala mediante estudos anteriores.



Na ilustração 60 (VIVA O DIA DA CRIANÇA!), novamente a representação do Dia da Criança em termos masculinos em uma alusão ao futebol, ainda concebido como atividade lúdica ligada ao universo masculino.

Essas imagens confirmam nossas percepções de que os blogs educacionais precisam ser problematizados, pois eles ensinam comportamentos, produzem, divulgam e sustentam formas de ser menino e ser menina, nem sempre adequadas as mudanças sociais em curso. Meireles e Paraíso, (2013)

advertem que os blogs estão sendo cada vez mais utilizados pelos professores/as na busca de atividades, conteúdos, troca experiências, para desenvolver temáticas e, sendo muito pouco discutido em pesquisas educacionais, devido as suas jovens presenças na sociedade atual.

Contudo, essas ilustrações nos remetem à importância sobre como as formas simbólicas servem para estabelecer, sustentar e manter as relações de dominação entre os gêneros. Thompson, (2011), sinaliza nessa direção, outras formas de dominação como classe social, raça e etnia. Assim observamos as crianças ilustradas, em sua maioria meninos, brancos que se sobressaem ou que estão em destaque na maioria das atividades presentes. Finco (2005, p.01), nos alerta para esta observação ao citar que

Desde o berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros procuram moldar as crianças para que aceitem e assumam os rótulos que a sociedade lhes reservou. [...] Pesquisas afirmam que elas preferem bonecas, eles os carros (SAAVEDRA E BARROS, 1996) e também que elas brincam de roda e eles jogam bola (GUARESI, 1994).

Nessa perspectiva, Jacira Cabral da Silveira (2000) contribui com nossa análise. A autora ao analisar programas da mídia televisiva pela ótica da emissão de imagens de crianças destaca que em três dos quatro comerciais estudados os protagonistas são meninos e alerta “essas imagens vão servir de parâmetro identificatório para aquela criança que assiste TV” (Ibid., p. 11). Dessa forma, podemos aproximar as conclusões da autora com nossa análise, pois as imagens dos blogs apresentadas às crianças podem transmitir mensagens, produzir sentidos, definir gostos, sugerir e impor comportamentos, portanto enfatizamos a importância de sua problematização no contexto escolar.

Observa-se que as imagens relacionadas a subcategoria brinquedos são representadas pelos dois gêneros. Não percebemos diferenças nessas representações, fato que nos remete, a um avanço na representatividade feminina e masculina.

Portanto, ao finalizarmos as análises das categorias que nos propomos estudar podemos perceber alguns avanços e algumas permanências históricas e culturais. Avanços nas relações de cooperação e interação entre os gêneros; situações escolares sendo representadas em sua maioria por meninos e meninas; o cuidado sendo representado pela figura masculina e o espaço público ocupado pelos dois gêneros. Contudo, algumas permanências continuam arraigadas quando se trata de temas relacionados a cores e a brinquedos, a imagem da mulher, ainda, restrita ao espaço doméstico, a figura masculina representada como maioria no espaço público. Outro destaque foi em relação a representação reincidente da imagem feminina como professora. Portanto, temos muito a repensar sobre as formas mais equânimes de representações de gênero, principalmente, na educação, por ser um período de iniciação à socialização de meninas e meninos no contexto educacional brasileiro.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste momento de finalização gostaríamos de retomar a inquietação que nos trouxe até aqui, isto é, explicitar o que aprendemos com a análise das ilustrações e imagens apresentadas nos blogs educacionais endereçados à Educação Infantil, ao levar em conta como suas ilustrações podem contribuir para estabelecer, sustentar e/ou transformar as relações de dominação baseadas nas diferenças de gênero.

Essa inquietação, trouxe muitas outras e a sensação de que há muito para conhecer, investigar e explorar quando falamos em relações de gênero, educação infantil e mídia, pois por meio da revisão de literatura verificamos a escassez de produções científicas envolvendo esses a intersecção desses três temas. Além disso, as pesquisas (produções científicas) encontradas enunciaram a influência da mídia no cotidiano das crianças, na sua formação social e cultural. Percebemos que as pesquisas, alertam para a importância de formação continuada para os professores, com temas relacionados a gênero e mídia, indicando que os temas devem ser problematizados e os professores conscientizados desde as suas atuações na Educação Infantil.

Dessa forma, temos a convicção de que a pesquisa não pretendeu ser definitiva, nem exaustiva e, sim, uma proposta de abertura e continuidade, pois novos olhares, percepções, indagações e inquietações deverão surgir por meio de outros estudos e pesquisas. Este estudo nos direcionou a busca de um maior entendimento sobre os conceitos de gênero, educação infantil e mídia, visto que os mesmos são construções, históricas, sociais e culturais e por isso em constante mudança e transformação.

Para atingir esse intento empregamos a Hermenêutica de Profundidade como método para atingir o objetivo central desta pesquisa, procedimento que nos possibilitou ampliar nosso olhar para o processo histórico sobre relações de gênero, à luz da teoria de Scott (1995) bem como sobre a importância teórica da mediação da cultura moderna proposta por Thompson (2011).

Os blogs educacionais, juntamente, com outros meios obtidos via internet são recursos educacionais utilizados pelos professores desde a expansão da internet na década de 1990, na busca de auxiliar os processos de ensino e de aprendizagem (MORAN, 1997). Esta pesquisa, ao conceber os blogs como recurso pedagógico (GOMES E LOPES, 2007), buscou identificar como as relações de gênero são apresentadas e representadas pelas e nas imagens midiáticas destinadas à Educação Infantil, entendendo que os blogs – como uma das corporificações midiáticas – são

utilizados pelos professores na busca de atividades didáticas para seus cotidianos em sala de aula.

Ao compilarmos as imagens referentes às atividades endereçadas à Educação Infantil nos dois blogs educacionais que observamos, a lembrar: Cantinho Educativo e Cantinho do Educador Infantil, buscamos *a priori* verificar de forma quantitativa como são apresentados os personagens nessas imagens. Para uma análise preliminar obtivemos um total de duzentas e trinta e três (233) ilustrações, com as quais realizamos uma tabulação a partir de variáveis sobre a natureza do personagem, individualidade (o que nos permitiu a obtenção do número de personagens), sexo, cor/etnia e etapa da vida.

Essa tabulação nos permitiu realizar o levantamento sobre os dados gerais da pesquisa e, possibilitou a verificação de que a maioria dessas personagens são humanas, masculinas, brancas e crianças. Avaliamos como positiva a maioria das personagens serem crianças por se tratar de atividades endereçadas à Educação Infantil.

Na perspectiva de Thompson (2011) percebemos a universalização e supremacia da figura masculina e, com o apoio em Scott (1995) observou-se que uma grande parte dessas imagens veicula relações de desigualdade entre o gênero masculino e feminino e, em boa parte das vezes, relações de poder histórica e culturalmente expressadas. Por outro lado, há também evidências de alguns avanços e possibilidades de transformações que direcionam para uma equidade na representação de gênero.

Consideramos importante, de modo geral, tecermos algumas considerações que o estudo possibilitou:

- As ilustrações presentes nos blogs, em que temos meninas e meninos juntos, são em sua maioria, relações de cooperação e interação; entretanto, em algumas ilustrações, pela expressão corporal, podemos verificar que os movimentos mais recatados e contidos se manifestam nas meninas e os mais agitados nos meninos;
- Todas as situações de agressividade/atrito/mando que envolvem os menino/menino e/ou menina/menino são protagonizadas por meninos, naturalizando essas ações como masculinas;
- Os enunciados referentes ao termo “criança”, recorrente nas ilustrações dos blogs, na maioria das vezes, esteve relacionado a figura masculina, do ponto de vista de Thompson (2011) eternizando a representação masculina como universal para os dois gêneros;

- O fomento a naturalização das prescrições de gênero também esteve presente nas ilustrações, que veicularam os brinquedos como destinados às meninas e aos meninos (MOURA, 2007). Em algumas ilustrações transparece a questão das cores clássicas, isto é, tons da cor rosa para meninas e tons azuis para meninos. Tanto Scott (1995) quanto Thompson (2011) alertam para a naturalização das desigualdades que circulam e se corporificam em nosso meio, por diferentes veículos, em nosso caso, pelos blogs educacionais;
- A maioria das representações de professor é composta pela figura feminina, corroborando com Sayão (2005) que, destacou ser, inicialmente, uma profissão masculina, porém em um processo histórico de feminização, principalmente, a partir do século XX. Suas configurações se aproximam de atitudes maternas, reafirmando para a presença feminina;
- Consideramos avanços o fato de que, na maioria das ilustrações, as quais representaram situações escolares estiveram presentes tanto meninos quanto meninas, com destaque para as situações de auxílio, respeito, troca e cooperação, tidas culturalmente como femininas. Por outro lado, em outras ilustrações, relacionadas ao espaço escolar, houve várias representações do comportamento dos meninos como seres mais ativos, enquanto as meninas foram representadas mais calmas e recatadas;
- Os blogs trouxeram imagens em que o espaço público ainda é masculino, livre e aberto com meninos brincando ao ar livre, naturalizando a ocupação privilegiada como sendo masculina. Mesmo com a presença feminina, os meninos são representados com mais ativos do que as meninas;
- Outro avanço foi a visualização da imagem masculina junto as crianças que esteve presente no blog, por meio da categoria relacionada ao papel do cuidado, tarefa essa tida como atribuição eminentemente feminina, mas já se veiculando a participação masculina. Entretanto, os cuidados com a casa, as tarefas domésticas, ainda estão fortemente relacionadas ao universo feminino.

Deste modo, com essa pesquisa procuramos explicitar o alcance de nosso foco sobre as imagens dos blogs educacionais e a veiculação dos seus sentidos que servem para sustentar e estabelecer relações de dominação baseadas na desigualdade de gênero.

Registramos que, muitas das imagens analisadas, naturalizam e eternizam situações, ainda historicamente ligadas ou, ao gênero feminino, ou ao masculino, no sentido de evidenciar a sustentação das diferenças que podem fomentar as desigualdades de gênero, seja pela mídia como aponta Thompson, seja pela condição histórica e cultural como propõe Scott. Ainda assim, algumas ilustrações possibilitaram a desconstrução das muitas naturalidades e eternizações presentes nas relações binárias de poder, o que sugere perspectivas de mudança.

Entretanto, para que as desconstruções propostas também por Louro (2014) e Finco (2004) possam ocorrer, essas imagens precisariam ser problematizadas e explicitadas, criticamente, ao serem apresentadas às crianças da Educação Infantil. Neste sentido, apontamos para a importância da formação continuada com o objetivo de contribuir para ampliar o conhecimento dos professores sobre os temas mídia e gênero na Educação Infantil. Cabe ressaltar que a rapidez, com que os meios de comunicação chegam ao contexto educacional, na atualidade, nos alerta para a responsabilidade social e política, para com esses temas no processo de socialização das crianças pequenas.

Portanto, para responder à questão norteadora desta pesquisa assinalamos ao analisarmos as ilustrações/imagens à luz da teoria de gênero, que há muitas permanências, mas também avanços relacionados a representação de gênero nos blogs analisados. Este fato nos impele reflexões críticas sobre as diferenças e desigualdades de gênero no contexto educacional, à seleção e análise das atividades didáticas, à crítica possível de se fazer para a construção de seres humanos mais conscientes de seus papéis sociais presentes e futuros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, ALVES E DELICADO. As crianças e a internet em Portugal – Perfis de uso. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 65, 2011, pp.9-30. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n65/n65a01.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015.

ALMEIDA, ALVES, DELICADO E CARVALHO. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. **Análise Social** [online]. 2013, n.207, pp.340-365. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n207/n207a04.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015

ALTMANN, H. Barbie e sua história: gênero, infância e consumo. **Pro-Posições**, vol. 24 n° 1. Campinas Jan./Abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n1/v24n1a17.pdf>>. Acesso em 01 de abr. 2015.

ALVES, Benedita Francisca. **A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero?** Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S.P. Blogs: mapeando um objeto. **VI Congresso Nacional de História da Mídia – GT História da Mídia Digital**. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/AmaralMontardoRecuero.pdf>> Acesso em 19 de jul. 2015.

ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ARAÚJO, P. K. H. de. **Blog, identidade e formação continuada em Educação Infantil em Joinville**. Dissertação (Mestrado em patrimônio Cultural e Sociedade). Universidade da Região de Joinville. Joinville/SC, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2011. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BASTOS, B. G. **Telessaúde: avaliação de um website como ferramenta ao aconselhamento de pais de crianças usuárias de aparelho de amplificação sonora individual**. Dissertação (Mestrado em Ciências do programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia). Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia. Bauru/SP 2011.

BELLONI, M..L. e GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem autodidaxia e colaboração. **Educação e Sociedade**, vol.29 n° 104, Campinas Oct. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015

BOEL, A. R. e SILVA, E. C. da. Educação Infantil e gênero: investigações sobre a expressão cultural no desenho. **Comunicação – Relato de pesquisa NUPEA**. Disponível em: <[http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/10eraea/relatos\\_pesquisa/educacao\\_infantil\\_e\\_gene](http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/10eraea/relatos_pesquisa/educacao_infantil_e_gene)>

ro - [investigacoes sobre a expressao cultural no desenho.pdf](#)>. Acesso em 25 de mar. 2015.

BOTTON, Andressa. **“E o prêmio vai para...”: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Social, PUCRS. Porto Alegre, 111f., 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/96 de 20 dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Diário Oficial: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. – Brasília: MEC/SEB, 2010.

BUENO, M. E. **Girando entre: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Meninos entre meninos num contexto de educação infantil: um olhar sobre as relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas. **In: 35ª reunião anual ANPED** – Porto de Galinhas – PE – 2012. Disponível em: <<http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/106-gt07>>. Acesso em 12 de out. 2014.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de Pesquisa**, vol.43 nº 148 São Paulo Jan./Apr. 2013a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742013000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742013000100009)>. Acesso em 25 de abr. 2015.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, vol.18 nº 55 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2013b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782013000400008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000400008)>. Acesso em 25 de abr. 2015.

CHAGAS, S. S. M. **O uso da comunicação como instrumento interativo no tratamento da criança com câncer: desenvolvimento de um site de orientação para cuidadores da criança com câncer**. Dissertação. Universidade Cruzeiro do Sul, Ciências Biológicas e da Saúde. São Paulo, 2011.

CAMPOS, C. M. C. **O efeito do gênero e da especificidade da tarefa no desempenho motor de crianças pré-escolares nascidas pré-termo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física. Recife, 2012.

CAMPOS, C. G. de e JOBIM E SOUZA, S. Mídia, cultura do consumismo e constituição da subjetividade infantil na infância. **Psicologia: ciência e profissão**, vol.23 nº 1 Brasília Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a03.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015.



CARRIJO, Adriana. Significações imaginárias da infância contemporânea: mídia, pais e especialistas. **Psicologia & Sociedade**, vol.24 nº 2. Belo Horizonte May/Aug. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/19.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015.

CARVALHO, M.E.P de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004.

CARVALHO R. S. de; GUIZZO B.S. Políticas curriculares de educação infantil: um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 191-201, jan./abr. 2016.

CARVALHO; COSTA & MELO. Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil. In: **31ª reunião anual da ANPEd**. Caxambu, 2008. Anais eletrônicos. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4062--Int](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4062--Int)>. Acesso em 12 de out. 2014.

CASAGRANDE, L. S. **Quem mora no livro didático? Representações de gênero nos livros de matemática na virada do milênio**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 191f., 2005.

COSENTINO, Luciana. **Temperamento em crianças: efeito do nascimento prematura e gênero**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP. Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental. 108p., 2012.

COSTA, M. I. M. e VANIN, M.R. C. L. O reencontro com a identidade de gênero: contribuições da visão sistêmica novo-paradigmática e do psicodrama infantil. **Estudos de psicologia** (Campinas) vol.22 nº 2 Campinas, Apr./June 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a07.pdf>>. Acesso em 17 de mar. 2015

DALL EVEDOVE, E. M. **A construção de gênero nas propostas curriculares para o último ano da Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental elaboradas pelo município de Marília/SP**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília/SP, 2012.

FANTIN, Mônica. Da mídia-educação aos olhares das crianças: pistas para pensar o cinema em contextos formativos. In: **29ª ANPEd reunião nacional**. Caxambu/MG 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT16-1760--Res.pdf>>. Acesso em 17 de jul. 2015

FARIA, A. L. G. de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu** [online]. 2006, n.26, pp.279-287. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30394.pdf>>. Acesso em 24 de mai. 2015.

FARIA, L. M.de C. e SOUZA, I. M. S. Reflexões acerca das questões de gênero no curso Pedagogia: Licenciatura para Educação Infantil – Modalidade a distância. In: **33ª**

**reunião anual ANPEd.** Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/posteres>>. Acesso em 21 de abr. 2015.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**, Campinas: UNICAMP, v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003.

FERNANDES, Camila. **“Ficar com”. Parentesco, criança e gênero no cotidiano.** 2011. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Niterói/RJ, 2011.

FINCO, Daniela. **“Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher”:** relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, espaços de confrontos e convívio com as diferenças: análise das interações entre professores e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: s.n., 2010.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder.** Florianópolis, 2008. Disponível em <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela\\_Finco\\_10.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf)>. Acesso em 12 de nov. 2015

FINCO, Daniela. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. UNICAMP. In: **28ª reunião anual ANPEd.** Caxambu, 2005. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://28reuniao.anped.org.br/gt07.htm>>. Acesso em 12 de nov. 2015.

FINCO, Daniela; VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p. 8, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332009000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010)>. Acesso em 12 de nov. 2015.

FONSECA, A. C. S. **Entre a realidade dos fenômenos e a invisibilidade dos casos, um texto profético: o boletim prioridade absoluta e a escrita jornalística dos direitos das crianças e do adolescente em uma mídia informativa feita em casa.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais/MG, 2012.

FONSECA, R. M. et al. Reincidência da violência contra crianças no Município de Curitiba: um olhar de gênero. **Acta paulista de enfermagem**, vol.25 nº, 6 São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002012000600011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000600011)>. Acesso em 20 de abr. 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet.** Porto Alegre: Sulina, 2013. 239 p.

FRIEDERICH, M. C. Como os blogs ensinam sobre corpo, gênero e sexualidade? **In ANPED SUL 2008**. Itajaí – SC. Anais eletrônicos. Disponível em <[http://www.portalanpedsul.com.br/2008/?link=eixos&acao=listar&nome=Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20g%C3%AAnero&id=89&listar=Trabalho&listar\\_nome=Trabalhos](http://www.portalanpedsul.com.br/2008/?link=eixos&acao=listar&nome=Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20g%C3%AAnero&id=89&listar=Trabalho&listar_nome=Trabalhos)>. Acesso em 20 de fev. 2016.

GALLO, S. K.A. **Comportamento alimentar e mídia: a influência da televisão no consumo alimentar de crianças do Agreste Meridional Pernambucano**. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Pós-Graduação em Saúde Pública. São Paulo, 2011.

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da tv a internet. **In: ANPED 28ª reunião nacional**. Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em 10 de jun. 2015.

GOMES, L. O. O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: infâncias concatenadas. **Pro-Posições** vol.19 nº3. Campinas Sept./Dec. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a09.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015.

GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. **VII Simpósio Internacional de Informática Educativa** – SIIE, Leiria, Portugal, 2005. Disponível em < <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2015.

GOMES, M.; LOPES, A. M. **Blogues escolares, quando, como e porquê?** 2007. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf>>. Acesso em 16 de ago. 2015

GOMES, M.; SILVA, A.R. **A blogosfera escolar portuguesa: contributos para o conhecimento do estado da arte**. 2010. Disponível em <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5674/1/16\\_maria\\_joao\\_gomes\\_e\\_na\\_rita\\_silva\\_prisma.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5674/1/16_maria_joao_gomes_e_na_rita_silva_prisma.pdf)>. Acesso em 20 de set. 2015.

GUEDES, M.E.F. **Thompson e Scott: algumas reflexões**. 2012. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/222>>. Acesso em 02 de mai. 2016

GUIZZO, B. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil. **Revista Ártemis**, volume 6, junho 2007, pp 38-48. Disponível em <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/2123/1881>> Acesso em 20 de mai. 2016.

HADDAD, L. A Trajetória da educação Infantil em Quatro Ciclos. In: XAVIER, M.E.S.P.(org). **Questões de Educação Escolar: história, políticas e práticas**. São Paulo: Alínea p.119-136, 2007.

KNIJNIK, Jorge. Teatro infantil, gênero e Direitos Humanos: um olhar crítico sobre as peças Felizardo e O menino Tereza. **Revista Estudos Feministas**, vol.19 nº

3, Florianópolis. Sept./Dec. 2011. Disponível em:  
 <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n3/07.pdf>>. Acesso em 26 de abr. 2015.

KUHLMANN Junior, Moysés. **Infância e Educação infantil**: uma abordagem histórica – Porto Alegre: Mediação, 5 Ed. 2010.

LANDINI, T.S. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. **Cadernos Pagu** nº 26. Campinas Jan./June 2006. Disponível em:  
 <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30392.pdf>>. Acesso em 20 de mar. 2015.

LOOSLI, L. e LOUREIRO, S. R. Associação entre depressão materna e diferença de gênero no comportamento de crianças: uma revisão sistemática. **Revista Psiquiátrica Rio Grande do Sul**, vol.32 nº 3, Porto Alegre. 2010. Disponível em:  
 <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v32n3/1289.pdf>>. Acesso em 16 de mar. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Ed.16ª. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

LOURO, G. L. FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Ed. 9ª. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MARANGON, D.; BUFREM, L. S. A experiência cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. In **ANPED 33ª reunião anual**. Caxambu/MG, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalho-gt23>>. Acesso em 16 de abr. 2015.

MARCHI, R.C. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. **Cadernos Pagu** nº 37, Campinas July/Dec. 2011. Disponível em:  
 <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a16n37.pdf>>. Acesso em 25 de abr. 2015.

MATTOS, H. M. Z. H. de. **A questão de gênero e a formação da professora da Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

MEIRELES, Gabriela Silveira. O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: Anunciando o jogo das construções e desconstruções das dicotomias de gênero na Educação Infantil. In: **32ª reunião nacional ANPEd**. Caxambu, 2009. Disponível em:  
 < <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5294--Int.pdf>>. Acesso em 04 de set. 2016.

MEIRELES, G. S. e PARAÍSO, M. A. O currículo das imagens dos blogs educativos e seus ensinamentos sobre gênero e sexualidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em:  
 <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385049855\\_ARQUIVO\\_GabrielaSilveiraMeireles;MarlucyParaíso.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385049855_ARQUIVO_GabrielaSilveiraMeireles;MarlucyParaíso.pdf)>. Acesso em 11 de jun. 2015

MENEZES, A. B. C. & BRITO, R. C. S. Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(1), 193-201. 2013.

Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n1/21.pdf>>. Acesso em 18 de out. 2015.

MINELLA, L. S. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. **Cadernos Pagu** [online]. 2006, nº 26, pp.289-327. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30395.pdf>>. Acesso em 01 de abr. 2015.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a internet na educação. **Ciência da Informação** [on line]. 1997, vol.26, n.2 ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf>>. Acesso em 18 de jun. 2015.

MOREIRA, Walter. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus, lorena**, ano 1, nº 1, 2º semestre de 2004. Disponível em <[https://portais.ufg.br/up/19/o/Revisao\\_de\\_Literatura\\_e\\_desenvolvimento\\_cientifico.pdf](https://portais.ufg.br/up/19/o/Revisao_de_Literatura_e_desenvolvimento_cientifico.pdf)>. Acesso em 15 de mai. 2016

MOURA, Neide. C. **Relações de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: permanências e mudanças**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

MUNARIM, Iracema. Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças. **In: 30ª ANPED reunião nacional**. Caxambu/MG, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/>. Acesso em 10 de jun. 2015

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 305-332, maio-agosto/2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200002>>. Acesso em 10 de mai. 2016.

OLIVEIRA, A. C. D. C. de. **Estudos sociológicos sobre infância no brasil: criança sem gênero?** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, D. M. **Da agente de desenvolvimento infantil à professora de creche: um estudo sobre uma trajetória profissional a partir da categoria de gênero**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em educação e Saúde na Infância e Adolescência – Guarulhos, 2011. 156f.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, D. da S., OLIVEIRA, I. S. de e CATTUZZO, M. T. A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras das crianças de primeira infância. **Revista brasileira de educação física e esporte**, vol.27 nº 4 São Paulo Oct./Dec. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n4/v27n4a12.pdf>>. Acesso em 01 de abr. 2015.

ORIANI, Valeria Pall. **Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília/SP. 157f., 2010.

PALANGE, Ivete. Texto, hipertexto, hipermídia: uma metamorfose ambulante. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 38, nº 1, jan./abr. 2012. Disponível em <<http://www.senac.br/media/6628/artigo6.pdf>>. Acesso em 15 de jun. 2015.

PEREIRA, M. R. Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito do amor romântico. **In: 33ª reunião anual ANPEd**. Caxambu, 2010.

Disponível em:

<<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6270--Int.pdf>>. Acesso em 04 de abr. 2015.

PINTO, Regina P. **O Livro Didático e a democratização da escola**. São Paulo, 1981. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo.

PIRES, S. M. F. Amor romântico na literatura Infantil: uma questão de gênero. **Educar, Curitiba**, n. 35, p. 81-94, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a07.pdf>>. Acesso em 16 de mar. 2015.

PISKE, Joana. Análise de softwares educacionais voltados para a educação infantil: levantamento, caracterização e tendências. **In: 23ª ANPEd reunião nacional**. 2000. Anais eletrônicos ANPEd. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt\\_07\\_19.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_07_19.pdf)>. Acesso em 05 de jun. 2015.

JUNG ROCHA, P. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003 – quadrimestral. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3237/2498>> Acesso em 05 de jun. 2015.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte** – MG. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Belo Horizonte, 2011.

RIBEIRO Cláudia Maria. Crianças, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações. **Revistas Estudos Feministas**, vol.19, nº 2. Florianópolis May/Aug. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a20.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

RIBEIRO, Cláudia Maria. No labirinto da Educação Infantil as falas das educadoras sobre gênero e sexualidade. **In: 35ª reunião anual ANPEd** – Porto de Galinhas – PE – 2012. Disponível em: <<http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/137-gt23>>. Acesso em 12 de out. 2014.

ROMANINI, M; ROSO, A. Mediação da Cultura Moderna e Hermenêutica de Profundidade: contribuições de John B. Thompson aos estudos críticos sobre a mídia.

**In: VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã 2010.** Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/Midia%C3%A7%C3%A3o%20da%20Cultura%20Moderna%20e%20Hermen%C3%AAutica%20de%20Profundidade.pdf>>. Acesso em 16 de mai. 2016.

ROSA, L. de O. **Três peças aleatórias de L.C. Vinholes numa abordagem pedagógica para criança: análise, criação de atividades musicais e site.** Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, SP. 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Da intimidade aos quiprocós. **Cadernos CERU (FFLCH/USP)**, São Paulo, n.16, p. 69-80, 1981.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001a. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200011/8864>>. Acesso em 20 de abr. 2016.

SABAT, R. R. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?. **In: 24ª reunião anual ANPED.** Caxambu, 2001. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm#gt7>>. Acesso em 16 de abr. 2015.

SALGADO, R. G. Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 86, p. 117-136, jan.-abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n86/v32n86a08.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero. **In: 27ª reunião nacional da ANPED.** Goiânia-GO, 2004a. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t231.pdf>>. Acesso em 15 de jun. 2015.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre. RS, 2004b.

SANTOS, N. de O. e PEREIRA, R. R. Ritmo.... É ritmo de festa! A presença da mídia nas comemorações de aniversários de crianças. **In: 34ª ANPED reunião nacional.** Natal/RN, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT16/GT16-694%20int.pdf>>. Acesso em 11 de mai. 2015.

SANTOS, S.R.M.; SILVEIRA M.C. Blogs de educadores: possíveis veículos de formação continuada? **In: 36ª reunião nacional da ANPED.** Goiânia-GO, 2013. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/166-trabalhos-gt08-formacao-de-professores>>. Acesso em 07 de ago. 2015.

SARAIVA E KIRCHOF. Produção de identidades nos sites Club Penguin e Animalamina. **In ANPED 35ª reunião nacional.** Porto de Galinhas/PE, 2012.

Disponível em: <<http://35reuniao.anped.org.br/trabalhos/123-gt16>>. Acesso 11 de jun. 2015.

SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coords.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; TOMÁS, C. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 25, 2007, 183-206. Disponível em <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/ManuelJacintoSarmiento.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

SAVOLDI, A. et al. Relação entre as palavras eliciadas na Avaliação Fonológica da Criança e as variáveis idade, gênero e gravidade do desvio fonológico. **Revista da sociedade brasileira de fonoaudiologia**, vol.17 nº3, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-80342012000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342012000300010)>. Acesso em 17 de abr. 2015

SAYÃO, D. T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**. Campinas: UNICAMP v. 14, n. 3, p. 67 - 87, set./dez. 2003. Disponível em < <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/42-dossie-sayaodt.pdf>>. Acesso em 16 de abr. 2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas. In: **25ª reunião anual ANPED**. Caxambu, 2002. Disponível em: <<http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm#gt7>>. Acesso em 16 abr. 2015

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em < <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em 12 de set. 2014.

SEGANFREDO, A. C. G. et al. Diferenças de gênero nas associações de trauma na infância e apego no transtorno do pânico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. [Online]. 2009, vol.31, n.4, pp.314-321. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462009000400006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462009000400006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 15 de abr. 2015.



SILVA, I. O.; LUZ, I. R.da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu** [online]. 2010, n.34, pp.17-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n34/a03n34.pdf>>. Acesso em 24 de abr. 2015.

SILVA, W.M. Blogs pedagógicos e práticas digitais: links para a ação docente. **Hipertextus Revista Digital** (www.hipertextus.net),v.12, julho. 2014. Disponível em <[http://www.hipertextus.net/volume12/06-Hipertextus-Vol12\\_Williany-Miranda-Silva.pdf](http://www.hipertextus.net/volume12/06-Hipertextus-Vol12_Williany-Miranda-Silva.pdf)>. Acesso em 22 de mar. 2015.

SILVA, Adriana da. **Blog educacional: o uso das novas tecnologias no ensino**. 2008. Disponível em <[http://intranet.ufsj.edu.br/rep\\_sysweb/File/vertentes/Vertentes\\_31/adriana\\_da\\_silva.pdf](http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_31/adriana_da_silva.pdf)> Acesso em 26 de jan. 2016.

SILVEIRA, J.C. Infância na mídia: sujeito, discurso e poderes. **In: 23ª reunião anual ANPEd**. Caxambu, 2000. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1616t.PDF>>. Acesso em 16 de jun. 2015

SIQUEIRA, I. B.; WIGGERS, I. D. e DE SOUZA, V.P. O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 313-326, abr./jun. 2012.

SOARES, A. C. E. C. Ariadne da infância e do gênero: deslindando labirintos culturais. **Revista Estudos Feministas** vol.18, nº 2. Florianópolis May/Aug. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n2/18.pdf>>. Acesso em 01 de abr. 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria Social Crítica na era dos Meios de Comunicação de Massa. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>. Acesso em 17 de jun. 2015.

TORTATO, C. de S. B. Profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da Literatura Infantil. (2008). **In: 31ª reunião anual ANPEd**. Caxambu, MG. 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/trabalho23.htm>>. Acesso em 17 de jun. 2015

UNBEHAUM; S. G. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Sociologia. São Paulo: 2000.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos** 42(2):85-93, maio/ago, 2006.

VIANNA C.; UNBEHAUM S. Gênero na Educação Básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**,

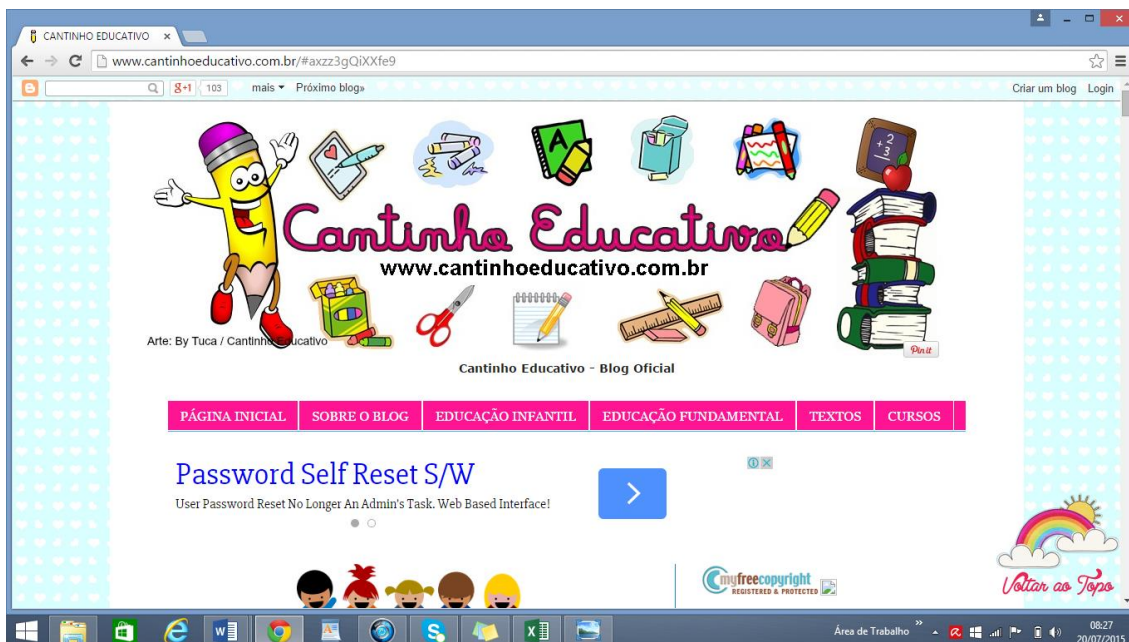
Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 24 de abr. 2016.

WANDERLIND et al. Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares na brinquedoteca. **Paidéia** (Ribeirão Preto) vol.16 nº.34 Ribeirão Preto May/Aug. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a14.pdf>>. Acesso em 17 de jun. 2015

XAVIER FILHA. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2014, p. 153-169. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-1/a11.pdf>>. Acesso em 01 de abr. 2015.

## ANEXOS

## ANEXO 1



Fonte: <<http://www.cantinhoeducativo.com.br/#axzz3gRevFmMy>>. Acesso em 20 de jul. 2015.

## ANEXO 2



Fonte: <<http://www.cantinhoeducativo.com.br/2012/03/tutorial-para-baixar-arquivos-do-blog.html#axzz3kmFweimJ>>. Acesso em 29 de mai. 2016

## ANEXO 3



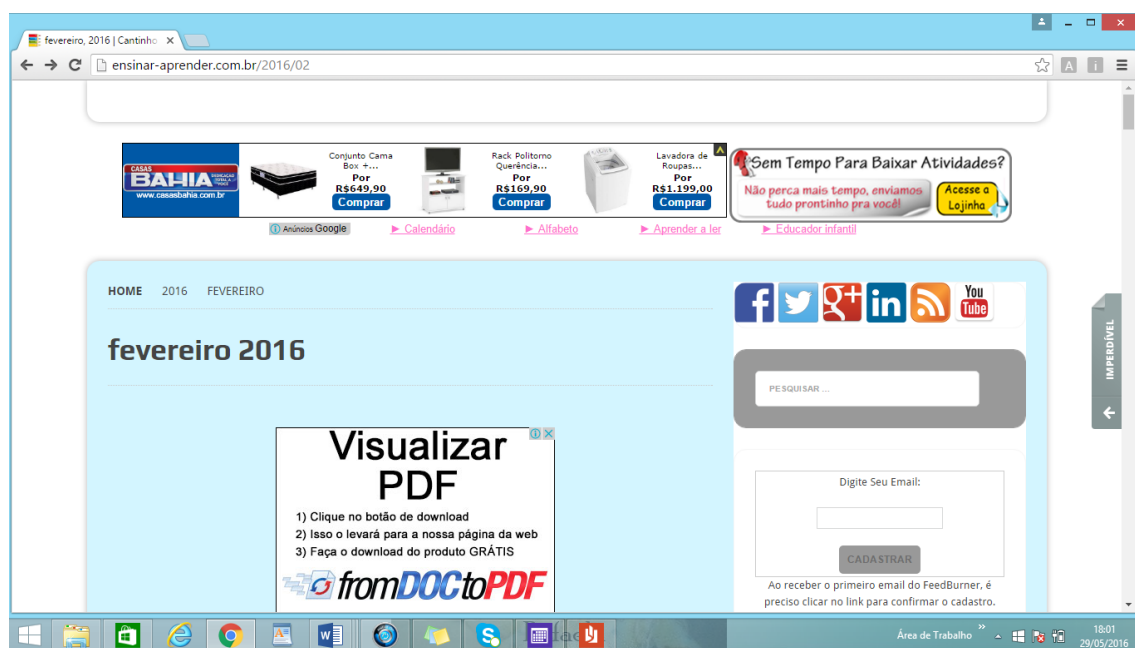
Fonte: <<http://www.cantinhoeducativo.com.br/#axzz3gRevFmMy>>. Acesso em 20 de jul. 2015.

## ANEXO 4



Fonte: <<http://www.ensinar-aprender.com.br/>>. Acesso em 24 de jul. 2015.

## ANEXO 5



Fonte: <<http://ensinar-aprender.com.br/2016/02>>. Acesso em 29/maio/2016